

MEG CABOT

A MEDIADORA

Crepúsculo

autora da série
O Diário da Princesa

galera

A Mediadora – Crepúsculo – 6º volume

RECONHECIMENTOS

Devo muito a Beth Ader, Jennifer Brown, Laura Langlie, Abigail McAden, e especialmente Benjamim Egnatz, como também todos os leitores que apoiaram esta série desde o princípio.

Aquela foi uma manhã normal de sábado no Brooklyn. Nada fora do normal. Nada que me fizesse suspeitar que aquele era o dia que a minha vida ia mudar para sempre. Nada mesmo.

Eu tinha acordado cedo para assistir cartoons. Eu nem ligava pra acordar cedo se isso significasse que eu poderia passar algumas horas assistindo Bugs e seus amigos. Era acordar cedo para ir a escola que eu não gostava. Até mesmo naquela época eu não era muito fã da escola. Meu pai tinha que fazer cóce gas no meu pé para eu sair da cama nos dias de semana.

Não em sábados pensando bem.

Eu acho que o meu pai sentia o mesmo. Sobre os Sábados quero dizer. Ele era sempre o primeiro a acordar no nosso apartamento, mas ele acordava extra cedo nos sábados e em v ez de café da manhã de aveia com açúcar mascavo, que ele fazia para mim nos dias de semana, ele tinha feito torrada francesa. Minha mãe, que nunca tinha sido capaz de agüentar o cheiro de (maple syrup), sempre ficava na

cama até que nossos pratos estivesse m vazios e postos no lava

louças, e todos o cheiro tivesse ido embora.

Naquele sábado - aquele logo depois que eu fiz 6 anos - meu pai e eu

tínhamos lavado (the syrupy) louças e talheres, e ai eu voltei para os cartoons. Eu não consigo me lembrar qual eu e stava assistindo

quando meu pai entrou para me dizer tchau, mas era um bom o

bastante para que eu desejasse que ele se apreçasse e fosse embora

logo.

-Eu vou correr. - ele tinha dito dando um beijo no topo da minha

cabeça - até logo suzinha.

-Tchau - eu tinha dito. Eu não acho que eu ao menos me importei

em olhar para ele. Eu sabia como ele era. Um cara grande e alto com

muito cabelo grosso e preto que tinha começado a ficar branco em

alguns lugares. Naquele dia ele estava vestindo calças de caminhadas

cinzas e uma camiseta em que se lia HOMEPORT, MENEMSHA, FRESH

SEAFOOD ALL YEAR ROUND (porto de casa, menemsha, frutos do

mar frescos durante o ano todo), que veio da nossa ultima viagem

para Martha's Vineyard.

Nenhum de nós sabia que aquelas seriam as últim as roupas que

qualquer um o veria usando.

-Certeza que você não quer vir ao parque comigo? - ele perguntou.

-Pai. - eu tinha dito, triste pela idéia de perder um único minuto do

cartoon. – Não.

-Se cuida - ele disse. – diga para sua mãe que tem suco de l aranja

fresco na geladeira.

-Ok. - eu disse – Tchau.

E ai ele foi embora.

Teria eu feito alguma coisa diferente se eu soubesse que aquela

seria a ultima vez que eu o veria de novo - vivo, pelo menos? É claro

que eu teria. Eu teria ido ao parque com ele. Eu teria feito ele andar em vez de correr. Se eu soubesse que ele teria um ataque cardíaco lá

fora, na pista de corrida e morrer na frente de estranhos, eu teria

impedido ele de ir ao parque em primeiro lugar, teria feito ele ir ao

médico em vez disso.

Só que eu não sabia. Como eu podia saber?

Como eu podia?

Capítulo 1

Eu achei a pedra exatamente onde a Sra. Gutierres disse onde ela

estaria, entre (alguma coisa que pinga) e os hibiscos que cresceram

demais no seu pomar. Eu apaguei a lanterna. Deveria ter uma lua

cheia naquela noite, mas a meia noite um grosso tanto de nuvens

veio do mar que tinham reduzido a visibilidade a nenhuma.

Mas eu não precisava de mais de luz para ver. Eu só precisava cavar. Eu coloquei meus dedos na terra macia e molhada e tirei a pedra do seu lugar de descanso. Ela se moveu facilmente e não era pesada. Logo eu estava tocando a terra para tentar achar a caixa que sra.Gutierrez tinha jurado que estaria lá...

O negócio era que não tava. Não tinha nada nos meus dedos além de terra molhada.

Foi quando eu ouvi - alguma coisa se mexendo sob o peso de alguém por perto.

Eu gelei. Eu estava transgredindo uma lei. A ultima coisa que eu precisava era ser levada para casa pela polícia de Carmel.

De novo.

Dai, com o meu sangue pulsando muito rá pido em quanto eu tentava descobrir como no mundo eu ia me explicar pra sair dessa, eu reconhecia a sombra - mas escura do que todas as outras – há alguns metros de mim. Meu coração continuou a bater nas minhas orelhas, mas agora por uma razão completament e diferente.

-Você. - eu disse, levantando devagar, tremendo, até ficar em pé.

-Olá Suze - sua voz, flutuando até mim, era profunda, e nem um pouco tremendo...Diferente da minha própria voz, que tinha uma terrível tendência de tremer quando ele estava po r perto.

Essa não era a única parte de mim que tremia, também.

Mas eu estava determinada a não deixar ele saber disso.

-Devolve isso - eu disse segurando a minha mão.

Ele jogou a cabeça para traz e riu.

-Você é maluca? - ele queria saber.

-Eu falei sério Paul - disse, minha voz dura, mas a minha confiança já começando a se dissipar, como a terra entre meus pés.

-São dois mil dólares, Suze - ele disse, como se eu não soubesse disso - dois mil.

-E isso pertence a Julio Gutierrez - eu parecia certa de mim mesma, mesmo que eu não tivesse me sentindo desse jeito – Não a você.

-Tá bom! - disse Paul, sua voz transbordando de sarcasmo - E o que Gutierres vai fazer? Chamar a polícia? Ele nem sabe que o dinheiro está sumido, Suze. Ele nem mesmo sabia que estava aqui.

-Porque a avô dele morreu antes de ter a chance de contra pra ele - eu lembrei a ele.

-Então ele não vai notar, vai? - mesmo com a escuridão eu podia dizer que Paul estava sorrindo. Eu podia ouvir isso na sua voz - você não pode perder o que nem s abia que tinha.

-A Sra. Gutierres sabe. - eu tinha largado a minha mão para ele

não saber que eu estava tremendo, mas eu não podia disfarçar a minha voz que estava tremendo cada vez mais tão fácil assim - Se ela descobrir que você roubou o dinheiro, ela vai vir atrás de você.

-O que te faz pensar que ela já não veio atrás de mim? - ele perguntou, tão doce que fez com que os cabelos do meu braço ficassem todos arrepiados...E nem era por causa do tempo friozinho.

Eu não queria acreditar nele. Ele não tinha razão para mentir. E obviamente a Sra. Gutierrez tinha ido até ele como veio a mim, ansiosa por qualquer ajuda que ela pudesse ter. De que outro jeito ele poderia saber sobre o dinheiro?

Pobre Sra. Gutierrez. Ela tinha totalmente posto sua confiança no mediador errado. Porque parecia que Paul não tinha apenas roubado ela. Ah não!

Mas como uma idiota, eu fiquei lá parada no meio do quintal e chamei o nome dela só no caso dela ainda estar lá, o mais alto que eu ousei. Eu não queria acordar a Grieving - família dentro da modesta casa de stucco a alguns metros de distância.

-Sra Gutierrez? - eu estiquei o meu pescoço para ver alguma coisa, penetrando na escuridão, tentando ignorar o frio no ar...E no meu coração – Sra. Gutierrez? Você está ai? Sou eu Suze...S ra. Gutierrez.

Não foi lá tanta surpresa quando ela não apareceu. Eu sabia, é

claro, que ele podia fazer os mortos desaparecerem. Eu nunca achei que ele fosse baixo nível o suficiente para isso.

Eu devia ter sabido isso melhor.

Um vento frio veio do mar quando eu virei para ficar cara a cara com ele. Eu rodei um punhado do meu cabelo escuro e comprido em volta do meu rosto, até que as pontas finalmente grudaram no meu gloss.

Mas eu tinha coisas mais importantes para pensar.

-Essas são as economias da vid a dela. - eu disse para ele, sem ligar se ele tinha notado o nó na minha garganta - Tudo que ela tem pra deixar para seus netos.

Paul encolheu os ombros, as mãos enterradas fundo nos bolsos da sua jaqueta de couro.

-Ela devia ter posto em um banco então. - Ele disse.

Talvez se eu explicar pra ele, eu pensei...

-Muitas pessoas não confiam no banco com o dinheiro deles.

Mas não teve jeito.

-Não é a minha culpa - ele disse encolhendo os ombros de novo.

- Você nem mesmo precisa de dinheiro - eu berrei - Seus pais te compram tudo que você quer. Dois mil dólares não são nada pra você, mas pra os netos da Sra. Gutierrez é uma fortuna!

-Ela devia ter tomado conta melhor do dinheiro, então - foi tudo q

ele disse.

Ai, aparentemente vendo a minha expressão – eu nem sei como,

desde que tinha várias nuvens no céu – ele amoleceu a voz.

-Suze, Suze, Suze. - ele disse, tirando uma das mãos do bolso do

casaco e colocando seu braço forte em volta do meu ombro - O que

eu vou fazer com você?

Eu não disse nada. Eu não acho que eu seria capaz de falar se eu

quisesse. Já era bem difícil de respirar. Tudo que eu podia pensar era sobre a Sra. Gutierrez e o que ele tinha feito com ela. Como podia

alguém que cheirava tão bem – o fino odor da sua colônia enchia

meus sentidos – ou de alguém que tanto calor irradiava –

especialmente bem vindo, dado ao frio no ar e ao meu casaquinho

nino – ser tão...

Bem, mal?

-Te dizer o que - Paul disse. Eu podia sentir sua voz vibrando

através dele enquanto ele falava, ele tava me segurando pe rto assim.

-Eu divido com você, metade pra cada um.

Você é doente! - eu repliquei.

-Não seja assim, Suze - ele disse - Você tem que admitir que é

justo, você pode fazer o que quiser com a sua parte, mandar de volta

pra os Gutierrez, eu não ligo, mas se v ocê for esperta, vai usar para comprar um carro para você, agora que tirou a licença. Você podia

comprar um carrinho com esse dinheiro, e não ter que se preocupar em furtar o carro da sua mãe da garagem quando ela cai no sono...

-Eu te odeio - eu gritei, saindo de seu abraço e ignorando o frio que ficou nos lugares em que seu corpo estava me tocando.

-Não, você não me odeia - ele disse. A lua apareceu momentaneamente de trás do grosso cobertor de nuvens acima, só longo o bastante para eu ver que seus lábi os estavam em um louco sorriso - Você só esta brava porque sabe que eu estou certo.

Eu não podia acreditar nos meus ouvidos. Ele tava falando serio?

-Tomar dinheiro de uma mulher morta é a coisa certa a se fazer?

-Obviamente - ele disse.

A lua tinha desaparecido de novo, mas eu podia dizer pela sua voz que ele estava de saco cheio.

-Ela não precisa mais dele. Você e o padre Dom são um casal de verdadeiros pushovers, você sabe. Agora eu tenho uma pergunta pra você. Como é que você soube o que ela estav a dizendo? Eu achei que você tava fazendo francês, não espanhol.

Eu não respondi a ele naquele momento. Eu estava pensando em uma resposta que não incluísse a palavra que eu menos gostava de mencionar em sua presença, a palavra que, toda a hora que eu ouv ia ou ao menos pensava nela, fazia o meu coração dar uns saltos dentro

do meu peito, e fazia com que o sangue em minhas veias corresse a um ritmo prazeroso.

Infelizmente aquela era uma palavra que não produzia o mesmo efeito em Paul.

Antes que eu pudesse pensar em uma mentira, qualquer que fosse, ele descobriu por ele mesmo.

-Ah, certo - ele disse em sua voz de repente sem tom. - Ele, que estúpido de mim.

Ai, antes que eu pudesse pensar em alguma coisa pra dizer que fosse amenizar a situação – ou pelo menos tirar o Jesse da cabeça dele, a ultima pessoa no mundo que eu queria o Paul pensando sobre – ele disse numa voz bem diferente:

-Bem, eu não sei sobre você, mas eu estou exausto. Eu vou chamar isso de uma cansativa noite, te vejo por ai Simon.

Ele virou para ir embora, simplesmente assim, virou para ir embora.

Eu sabia o q eu tinha que fazer claro. Eu não estava procurando por isso... em fato, meu coração tinha isso simplesmente até a minha garganta e as minhas palmas da mão tinham ido de repente, e inexplicavelmente, molhadas de suor.

Mas que escolha eu tinha? Eu não podia deixar ele ir embora com

todo aquele dinheiro. Eu tinha tentado conversar com ele, e não tinha

funcionado. Jesse não gostaria disso, mas a verdade era, não tinha

outra alternativa. Se Paul não desistisse do dinheiro voluntariamente, bem, eu ia apenas ter que tirar o dinheiro dele.

Eu disse a mim mesma que eu tinha boas chances de conseguir.

Paul tinha a caixa enfiada em um dos bolsos do seu casaco. Eu senti

quando ele colocou seu braço em volta de mim. Tudo que eu tinha

que fazer era distraí-lo de algum jeito... Ai agarrar a caixa e jogá -la pela janela fechada. Os Gutierrez iriam pirar, é claro, com o som do

vidro quebrando, mas eu duvido que eles iriam chamar os

policiais...Não Quando eles achassem dois mil dólares numa caixa no

chão...

Assim foi, não era um dos meus melhores planos, mas era tudo q

eu tinha.

Eu chamei seu nome.

Ele virou. A lua escolheu aquele momento para aparecer entre uma

grossa camada de nuvens acima, eu pod ia ver pela luz pálida que

Paul tinha uma expressão absurdamente esperançosa. A esperança

aumentou enquanto eu cruzava a grama entre nós. Eu suponho que

ele pensou por um minuto que ele finalmente tinha me vencido.

Achado minha franqueza. Que tinha sucedid o me trazendo para o

lado negro.

E por esse preço baixo, preço baixo de mil dólares. Não.

A esperança em seu olhar o deixou bem no momento que ele viu meu punho. Eu até pensei que, por um minuto, eu tinha visto um olhar ferido naqueles olhos azuis, pálido como a luz da lua a nossa volta. Ai a lua se escondeu entre as nuvens, e nós estávamos de novo na escuridão.

A próxima coisa que eu sabia, Paul, se movendo mais rápido que eu achei ser possível, tinha segurado meus pulsos com tanta força que doía e tinha chutado meus pés. Um segundo depois, eu estava estatelada na grama molhada pelo peso de seu corpo e seu rosto a centímetros do meu.

-Isso foi um erro - ele disse, de um jeito bem casual, considerando a força com que seu coração batia, que eu podia sentir batendo contra o meu - Eu estou retirando minha oferta.

Sua respiração, diferente da minha, estava ofegante. Ainda, eu tentei esconder meu medo dele.

-Que oferta? - eu perguntei.

-Dividir o dinheiro, eu vou ficar com ele todo agora. Você realmente machuca meus sentimentos, sabia disso Suze?

-Eu tenho certeza - eu disse o mais sarcasticamente que eu podia - agora saia de cima de mim. Essas são as minhas favoritas low -riders,

e você está fazendo pedaços de grama entrarem nela.

Mas Paul não estava pronto para me deixar ir. Ele também não parecia apreciar minha febril tentativa de fazer uma piada sobra a situação. Sua voz, vinda até mim, parecia mortalmente séria.

-Você quer que eu faça seu namorado desaparecer? - ele perguntou - Do jeito que eu fiz com a Sra. Gutierrez?

Seu corpo estava quente contra o meu, por isso não tinha nenhuma outra explicação para o meu coração ter ficado frio que nem gelo, a não ser que as suas palavras tenham me amedrontado a ponto de parecer que meu sangue congelara nas minhas veias.

Eu não podia, de qualquer jeito, deixar meu medo aparecer.

Fraqueza parece sempre trazer crueldade, nada de compaixão, de pessoas como o Paul.

-Nós temos um acordo. - eu disse, minha língua e meus lábios formando as palavras com dificuldade porqu e, como o meu coração, tinham ficado gelados como gelo com o medo.

-Eu prometi que não o mataria - Paul disse -Eu não disse nada sobre impedir que ele morresse em primeiro lugar.

Eu pisquei para ele, sem entender.

-O que? Sobre o que você esta falando? - eu murmurei.

-Você vai descobrir - ele disse, ele abaixou a cabeça e deu um leve

beijo nos meus lábios congelados - Boa noite suze.

Ai ele se levantou e desapareceu na neblina.

Me levou um minuto para descobrir que eu estava livre. Ar frio me cobriu em todos os lugares que seu corpo estivera me tocando. Eu finalmente consegui me levantar sentindo como se eu tivesse batido minha cabeça em uma parede. Mas eu ainda tinha força o suficiente para gritar:

-Paul! Espere!

Isso foi quando alguém dentro da cas a dos Gutierrez acendeu as luzes. O pomar me pareceu um campo de corrida. Eu ouvi uma janela sendo aberta e alguém gritando:

-Ei você, o que esta fazendo aqui?

Eu não me prolonguei para perguntar se iam ou não chamar a policia. Eu me levantei do chão e e scalei o muro que eu tinha usado para chegar até lá meia hora antes. Eu achei o carro da minha mãe exatamente onde eu o tinha deixado. Eu entrei nele e comecei minha longa jornada até em casa, amaldiçoando um certo companheiro mediador – e a grama pinicando o meu jeans – por todo o caminho.

Eu não tinha idéia de como a partir daquela noite, as coisas entre Paul e mim estavam para ficar feias mesmo.

Mas estava para descobrir.

Capítulo 2

Ele tinha feito aquilo. Finalmente. Tipo, lá no fundo eu sempre soube que ele faria.

Você pensaria, que com tudo o que eu já passei, eu veria isso vindo. Eu não sou exatamente nova nisso. E não era como se não tivesse nenhum sinal lá.

Ainda, quando veio, parecia (alguma coisa) cortando alguma coisa azul clara.

-Então, onde é que você vai jantar antes do baile formal de inverno? -Kelly Prescott me perguntou no quarto período no laboratório de línguas. Ele nem mesmo esperou para ouvir qual seria a minha respostas. Porque Kelly não ligava para qual seria a minha resposta. Essa não era a idéia dela me perguntando em primeiro lugar.

-Paul vai me levar no Cliffside Inn - Kelly continuou. -Você conhece o Cliffside Inn, né Suze? No Big Sur?

-Ah claro - eu disse - Eu conheço.

Foi o que eu disse de qualquer jeito. Não é estranho como seu cérebro pode entrar em piloto automático? Tipo, como você pode estar dizendo uma coisa e estar pensando em outra completamente diferente? Porque quando a Kelly disse isso – sobre o Paul levando

ela ao CI – a primeira coisa que eu pensei não foi a h claro eu conheço. Não chegou nem perto.

Meu primeiro pensamento foi mais perto de “o que???? Kelly prescott??? Paul slater tah levando a Kelly prescott pro baile de inverno formal?????”

Mas isso não foi o que eu disse em voz alta, graças a Deus. Quero dizer, considerando que Paul estava sentado só a algumas carteiras de distância, ouvindo o diálogo em seu sonsinho de fita. A última coisa que eu queria no mundo era ele pensando que, você sabe, eu estava puta que ele tinha convidado uma outra para o baile . Já foi ruim o suficiente ele ver que eu estava olhando na direção dele, que eu estava falando dele. Ele ergueu as sobrancelhas meio q falando: eu posso ajudar?

Foi quando eu vi q ele ainda estava com os fones de ouvido. Ele não tinha, eu percebi aliviad a, ouvido o que Kelly tinha falado. Ele tinha estado ouvindo uma conversinha entre o Dominique e o Michel, nossos amiguinhos franceses.

-Ele tem 5 estrelas. - Kelly continuou - o CI que quero dizer.

-Legal - Eu disse desviando o olhar de Paul e indo sent ar no meu lugar.

- Tenho certeza que os dois vão se divertir muito.

-Ah, sim.- Kelly disse. Ela jogou os cabelos louros -mel para trás

para poder por de volta os fones de ouvido. Vai ser tão romântico.

Então aonde você vai? Para jantar antes do baile que ro dizer?”

Ela sabia, é claro que ela sabia perfeitamente.

Mas ela ia me fazer dizer isso. Porque e assim que garotas como a

Kelly são.

-Eu acho que eu não vou ao baile. - Eu disse, me sentando na

minha cadeira atrás dela e pondo meus fones de ouvido.

Kelly olhou para mim por cima da mesa entre nos, seu belo rosto

cheio de simpatia. Falsa simpatia é claro. Kelly prescott não liga para mim. Nem nenhuma outra pessoa além dela mesmo;

-Não vai? Oh, suze isso é terrível! Ninguém te convidou?

Eu só sorri em resposta. Sorri e tentei não sentir o olhar de Paul nas minhas costas.

-Isso é muito ruim - Kelly disse – E parece que o Brad também não

vai poder ir porque a Debbie está doente (ou qualquer coisa que não

a deixe ir ao baile não sei) ei, eu tenho uma idéia! - Kelly disse –

Você e o Brad deviam ir ao baile juntos!

-Engraçado - eu disse sorrindo fracamente enquanto Kelly

gargalhava com sua própria piada. Porque, você sabe, não tem nada

mais patético do que uma garota sendo levada para o baile formal do

ensino médio de inverno pelo próprio meio -irmão.

Exceto, talvez, ela não ser levado por ninguém.

Eu liguei o meu toca fitas. Dominique começou imediatamente a reclamar do seu dormitório para Michel. Eu estou certa de que Michel murmurou simpáticas respostas (e le sempre faz), mas eu não ouvi quais eram elas.

Porque isso não fazia nenhum sentido. O que tinha acabado de acontecer, quero dizer, como o Paul podia estar levando a Kelly para o baile formal de inverno quando, da ultima vez que eu chequei, eu era a única que ele estava atrás para um encontro, qualquer encontro? Não que eu tenha estado completamente obcecada com isso, mas eu tinha que poder jogar um ossinho ocasional para o cachorrinho, para impedi-lo de fazer com o que meu namorado o que ele tinha feito com a Sra. Gutierrez.

Espera um minuto. Era isso que estava acontecendo? Paul tinha finalmente se cansado de andar com uma garota que ele tem que chatear para passar um tempo com ele?

Bem, é bom, certo? Quero dizer, se a Kelly o queria, ela podia tê -lo. O único problema era, eu estava tendo dificuldades tentando não lembrar como o corpo de Paul tinha sentido contra o meu naquela noite no terreno dos Gutierrez. Porque tinha sentido legal, seu peso, seu calor, esquecendo do meu medo. Tinha sido bom mesmo.

Sensação certa...Cara errado.

Mas o cara certo? É, ele não é realmente do tipo: joga a garota na grama. E calor? Ele não tinha emanado nenhum calor nos últimos 150 anos.

O q n era culpa dele. A coisa do calor, quero dizer. Jesse não podia melhorar em nada com essa coisa de estar morto, assim como Paul não podia melhorar sendo...Bem...Paul.

Ainda, este convidando-a-Kelly-em-vez-de-mim-para-o-baile...Tava me deixando louca. Eu tinha estado me preparando para o seu convite – e imaginando a sua reação quando eu recusasse – durante semanas. Eu até pensei que estava começando a pegar o gingado da nossa relação como se fosse um jogo de tênis no hotel em que nos conhecemos verão passado.

A não ser que agora parecia que o Paul tinha mandado uma bola na minha quadra que eu nunca seria capaz de responder.

Sobre o que era tudo isso?

Essas palavras voaram em frente aos meus olhos num pedaço de papel de um caderno, e estavam sendo sacudidas para mim do topo do biombo de madeira separando o meu “curral” do outro em frent e. Eu tirei o papel dos dedos que o estavam segurando e escrevi: Paul convidou a Kelly para o baile, depois devolvi o papel para a pessoa.

Uns segundos depois o papel voltou a aparecer na minha mesa:

Eu achei que ele ia te convidar!!!!!!! Minha melhor amig a Cee Cee, escreveu.

Acho que não, escrevi em resposta.

Bem, está bom assim né, foi a resposta de Cee Cee. Você não queria mesmo ir com ele, quero dizer, e o jesse?

Mas era só isso. E o Jesse? Se o Paul tivesse me convidado para o baile de inverno, e eu tivesse respondido com muito pouco entusiasmo, ele mandaria uma daquelas ameaças assombrosas sobre o jesse – a mais nova, na verdade, sobre ele aparentemente ter aprendido um jeito de impedir que os mortos morram em primeiro lugar...Seja lá o que isso sign ifique.

E ainda hoje, ele tinha convidado uma outra pessoa para o baile com ele em vez de mim. Não só uma outra pessoa, nem isso, mas Kelly Prescott, a mais bela, mais popular garota da escola...Mas também uma pessoa que eu sei que ele evita

Tinha alguma coisa errada com tudo isso...E não era apenas q eu tava tentando reservar todos os meus bailes para um cara que tem estado morto desde 1850.

Mas eu não mencionei isso para Cee Cee. Melhor amiga ou não, uma garota de 16 anos – mesmo uma garota de 16 anos Al bina com uma

tia vidente – pode entender.Sim, ela sabia do jesse. Mas Paul? Eu não tinha mencionado uma palavra.

E eu queria que continuasse assim.

Eu olhei em volta para ter certeza que a irmã Marie Rose, nossa professora de francês, não estava olhando a ntes deu jogar o bilhete de volta pra Cee Cee, e em vez, vi padre Dominic acenando para mim da porta do laboratório.

Eu tirei meus fones de ouvido sem me sentir realmente arrependida – a conversinha de Michel e Dominic era bem insuportável – e me apressei até a porta. Eu senti, mais do que vi, que um certo olhar estava em mim.

Eu não o daria, de jeito nenhum, a satisfação de olhar de volta.

-Suzannah - disse o padre Dominique quando eu saí pelo porte em direção a um dos corredores como brisa que ligam as S ales na academia da Missão Junípero Serra -Fico feliz que consegui te encontrar antes de eu ir embora.

-Ir embora? - foi quando eu notei que o padre D. estava carregando uma mala e uma expressão extremamente ansiosa - Aonde você está indo?-São Francisco. - O rosto do padre D. tava quase tão branco quanto seu cabelo. - Eu temo que uma coisa horrível acontecerá.

Eu levantei minhas sobrancelhas:

-Terremoto?

- Não exatamente. - Padre D. puxou seus óclinhos para cima até estarem no topo de seu nariz aquilin o enquanto ele olhava baixo para mim - é o monsenhor. Teve um acidente e ele está em coma.

Eu tentei parecer calidamente triste, mesmo que a verdade seja que, eu nunca nem liguei pro monsenhor. Ela está sempre ficando aborrecido com as coisas que não impo rtam – tipo meninas que usam mini-saia pra ir ao colégio. Mas ele nunca se importa com coisas que realmente são importantes, tipo como os cachorros -quentes que eles vendem no almoço tão sempre frios como pedra.

-Nossa - eu disse - Como que aconteceu? Acid ente de carro?

Padre D. limpou a garganta – É, não, ele, hum...Engasgou.

-Alguém o estrangulou? - eu perguntei esperançosa.

-Claro que não. Por favor, Suzannah - padre dom falou pra mim - Ele se engasgou com um pedaço de cachorro quente numa carrocinha na rua.

Eba! Justiça poética! Eu não disse em voz alta já que eu sabia que o padre Dom não ia aprovar.

Em vez, eu disse:

-Que pena. Então, por quanto tempo você vai ficar fora?

-Não faço idéia - padre Dom disse parecendo arrasado. - isso não podia ter acontecido num momento pior, com a audição desse final de semana.

A academia da missão é incessante com seus esforços para levantar fundos. Neste final de semana ceia o leilão dos antiquários. Chegaram doações durante toda a semana que estiveram sendo guardadas no porão da reitoria. Uma das coisas mais interessantes recebidas foram um tabuleiro de ouija da virada do século (presente da tia da Cee Cee) e um cinto de prata pra arma – estimado ela sociedade histórica de Carmel como tendo uns 150 anos – descoberto pelo meu meio-irmão, Brad (dunga) , enquanto ele limpava o sótão, como punição por alguma coisa q ele tinha feito e que eu não me lembro mais.

-Mas eu queria ter certeza de que você sabia onde eu estava. - Padre D. tirou um celular de seu bolso. - é para você me ligar se alguma coisa fora do normal acontecer, certo suzannah? O número é...

-Eu sei o numero padre D. - eu lembrei á ele. O celular do padre D. era novo, mas não tão novo assim. Posso dizer que é um saco que o padre Dominic, que nunca quis um – nem faz a menor idéia de como usar um – tenha um celular e eu não? - e por fora do comum você

quis dizer algo como o brad conseguindo uma nota passável em trigonometria ou algo mais sobrenatural? Tipo manifestações ectoplasmáticas na basílica?

-O último - padre D. disse colocando o celular no bolso de novo. –eu espero não ficar longe por mais de um ou dois dias, Suzannah, mas eu estou perfeitamente ciente que no passado você não precisou de mais de um ou dois dias para se meter em perigo mortal. Então educadamente, enquanto eu estou fora tente exercitar sua capacidade de ficar longe de problemas. Eu não ligo para voltar pra casa a não ser que tenha outra parte da escola em pedaços como festa de boas vindas. E se você puder certifique -se de que Spike tem comida suficiente.

-Nananinanão - eu disse me afastando. Essa era a primeira vez q minhas mãos estavam livres de arranhados de gato, e eu queria que continuasse assim. - aquele gato é sua responsabilidade, não minha!

-E o que você quer que eu faça? Suzann ah - o padre D. pareceu frustrado. - pedia á irmã Enerstine dar uma olhadinha nele de meia em meia hora? Nem devia ter bichinhos na reitoria. Graças as suas terríveis alergias. Eu tive que aprender a dormir com a janela aberta para aquele animal dos infern os entre e saia quando bem quiser sem incomodar nenhuma das noviças.

-Tá bom - eu o interrompi sem educação. - eu vou dar uma de babá depois da escola. Alguma outra coisa?

Padre D. tirou uma enorme lista de seu bolso.

-Ah. - ele disse depois de dar uma olhada na lista. - E o funeral dos Gutierrez. Já tomei conta de tudo. E eu os coloquei na nossa lista de ajuda como você pediu.

-Valeu padre D. - eu disse discretamente olhando para longe pelas colunas do corredor no caminho da sala de aula. De volta ao brooklyn, onde eu cresci, novembro significada a morte de toda a flora. Aqui na Califórnia – E olha que aqui é o norte da Califórnia – tudo que novembro aparentemente significa é que os turistas que visitam a Missão usam calças corsária em vez de shorts, e os surfistas trocam as blusas térmicas sem maga pelas com manga. Plantinhas coloridas ainda enfeitam os canteiros da missão, e quando somos liberados para o almoço podemos ficar em baixo dos raios do sol.

Mesmo com a temperatura nos 30 graus, eu tremi... E não só porque eu estava parada na brisa fria do corredor. Não, era um frio que vinha de dentro que tava me deixando arrepiada. Porque, mesmo com a missão sendo tão linda com as suas belas flores e jardins, atrás deles espiava uma coisa negra e assombrosa , como...

Bem, como Paul.

Era verdade. O cara tinha a habilidade de tornar o dia mais quente frio. Ou pelo menos no que tinha a ver comigo. Mas como o padre D. tinha sentido o mesmo eu não sabia. Mas eu meio que duvidava disso. Depois de sua entrada de es trela do rock na escola, Paul não teve muito contato com o diretor tanto quanto eu tive. O que, vendo que todos os três são mediadores, é um pouco estranho.

Mas Paul e padre D. parecem preferir isso assim, cada um preferindo manter sua distancia, comigo c omo mensageiro quando comunicação é extremamente necessária. Isso era em parte porque (vamos encarar) eles são caras. Mas era também porque o comportamento de Paul, na escola pelo menos – melhorou consideravelmente, e não tinha razão para ele ser mandado p ara a sala do diretor. Paul se tornou um aluno exemplar, tendo notas impressionantes e até sendo indicado capitão do time masculino de tênis.

Se eu não tivesse visto por mim mesma eu não teria creditado, mas lá estava, obviamente Paul preferia deixar o pa dre D. no escuro sobre suas atividades depois da escola, sabendo que o padre dificilmente as aprovaria.

Pegue o incidente dos Gutierrez, por exemplo. Um fantasma veio a

nós procurando ajuda, e Paul, em vez de fazer a coisa certa, tinha terminado roubando dois mil dólares dela. Isso não seria uma coisa que o padre D. deixaria passar em branco, se ele soubesse.

Só que ele não sabia, padre D. quero dizer. Porque o Paul não ia contar, e, francamente, eu também não. Porque se eu contasse – se eu contasse ao padre D. qualquer coisa que possa fazer Paul parecer menos com o aluno CDF que ele fingia ser – o que aconteceu com a senhora Gutierrez aconteceria com o meu namorado.

Ou, você sabe, o cara que deveria ser meu namorado, se ele não estivesse morto.

Paul me tinha exatamente onde ele queria. Bem, talvez não exatamente onde ele queria, mas bem perto.

Foi por isso que eu tive que tentar alguma coisa para ajudar os Gutierrez, que foram roubados sem nem mesmo saber disso. Eu não podia ir a policia, claro (bem, você sabe senhor oficial, o fantasma da senhora Gutierrez me disse que o dinheiro estava enterrado embaixo de uma pedra no seu pomar, mas quando eu cheguei lá, eu descobri que outro mediador o tinha pegado... O que é um mediador, que você perguntou? Ah, uma pes soa que age como uma ponte entre os mortos e os vivos. Ei espera um segundo... O que é que você está fazendo com essa camisa de força?).

Em vez disso, eu coloquei o nome Gutierrez na lista de necessitados da academia da missão, que assegurou um funeral decente para a senhora Gutierrez e dinheiro suficiente para que seus amados pagassem algumas de suas dívidas. Não eram dois mil dólares com certeza mas...

-Enquanto eu estiver fora Suzannah.

Eu comecei a prestar atenção no que o padre D. tava falando um pouco tarde demais. E eu não podia perguntar o que ele tava falando. Porque ai ele ia querer saber no que eu estava pensando em vez de prestar atenção no que ele falava.

-Você promete suzannah?

o padre D. olhou para mim com aqueles olhos azuis. O que mais eu podia fazer além de concordar e sorrir?

-Claro padre D. - eu disse sem ter a menor idéia do que estava prometendo.

- Que bom, eu preciso dizer que isso me faz sentir melhor -ele disse, e era verdade que seus ombros pareciam ter perdido um pouco da tensa rigidez com que ele os segurava enquanto falava. - Eu sei que posso confiar em vocês dois. Mas é que...Bem, eu iria odiar se vocês fizessem alguma coisa...É, estúpida na minha saída. Tentações são difíceis para qualquer um resistir, particularmente os j ovens, que não

consideram totalmente as conseqüências de seus atos.

Oh. Agora eu sabia do que ele tava falando.

-Mas para você e Jesse - Padre D. continuou - Existiriam conseqüências de catastrófica repercussão se acontecesse de vocês dois...É...

-Nós entregaremos a nossa insaciável luxúria um pelo outro? - eu sugeri quando ele não continuou.

Padre D. me olhou infeliz.

-Estou falando sério Suzannah - ele disse. Jesse não pertence a este mundo. Com alguma sorte ele não vai continuar por aqui muito tempo. Quanto mais profundo for a relação de vocês dois, mais difícil será de dizer adeus. Porque você vai ter que dizer adeus algum dia, Suzannah. Você não pode desafiar a ordem natural das...

blah blah blah. Os lábios do padre D. estavam se mexendo, mas eu não estava prestando atenção. Eu não precisava ouvir aquilo de novo. Então as coisas não tinham dado certo para o padre D. e a menina fantasma por quem ele se apaixonou, de volta na idade média. Isso não significava que Jesse e eu seguiríamos o mesmo curso. Especialmente contando com o que eu descobri com o Paul que parece saber muito mais sobre mediadores que o padre D. sobre ser um mediador...

...Particularmente o pequeno pedaço que mediadores podem trazer os mortos de volta à vida.

Mas tinha uma coisa comp licada: Você precisaria de um corpo vazio para por a alma sem corpo. E corpos não são uma coisa que eu estou acostumada a encontrar por ai. Nem ninguém que tope se sacrificar para que uma outra alma ocupe o corpo.

-Pode ter certeza padre D. - quando seu discurso finalmente terminou. - Bem, se divirta bastante em São Francisco.

Padre D. me olhou curioso. Acho que as pessoas que estão indo a São Francisco visitar monsenhores em coma, não têm exatamente muito tempo para fazer turismo, tipo visitar a Golden Gate, Chinatown e essas coisas.

-Obrigado suzannah - ele disse. Depois ele me olhou com um olhar cheio de significado - Comporte-se bem.

-E eu faço alguma coisa além? - eu perguntei surpresa.

Ele andou para longe, balançando a cabeça, sem nem se preocup ar em responder.

Capítulo 3

- Então, o que você e o bom padre estavam cochichando hoje durante a aula de francês? - Paul queria saber.

-O funeral da senhora Gutierrez - eu respondi falando a verdade.

Bem, mais ou menos. Eu descobri que não vale a pena m entir para o Paul. Ele tem uma incrível capacidade de descobrir a verdade por ele mesmo.

Mas é claro que isso não significa que o que eu contei ao Paul era toda a verdade. Eu simplesmente não acho necessário contar tudo quando o Paul esta envolvido. Parec e mais seguro assim.

E definitivamente parecia mais seguro não contar ao Paul que o padre D. estaria em São Francisco sem data certa para voltar.

-Você não está ainda aborrecida por causa daquilo, está? - Paul perguntou - A mulher Gutierrez quero dizer? O dinheiro vai para um bom uso, você sabe.

-Ah, claro que eu sei. - eu disse. - Jantar no Cliffside Inn tem que acontecer, um prato lá custa uns 100 dólares, não é? E eu presumo que você vai alugar uma limusine.

Paul sorriu para mim devagar dos travessei ros em q ele estava encostado.

-A Kelly te contou? - ele perguntou - Já?

-Na primeira chance que ela teve. - eu disse.

-Ela não demorou muito.- ele disse.

-Quando você a convidou? Noite passada?

-Isso mesmo.

-Então umas 12 horas - eu disse -Nada mal, se você considerar que durante umas 8 horas ela provavelmente estava dormindo.

-Ah, mais eu duvido - Paul disse - Essa é a hora que eles fazem o melhor trabalho. Sucumbidas eu quero dizer. Eu aposto que a Kelly só precisa de uma ou duas horas de sono po r noite.

-Romântico. - Eu virei uma página do livro velho e empoeirado que estava entre a gente na cama do Paul. - Chamando a sua companhia para o baile formas de sucumbida.

-Ela pelo menos quer ir comigo. - Paul disse, seu rosto sem nenhuma expressão – com exceção de um humor negro que ia surgindo enquanto ele dizia -Uma mudança refrescante, eu preciso dizer, do estado usual das coisas por aqui.

-Você me ouviu reclamando? - eu perguntei virando outra página.

Eu me orgulhei de estar mantendo uma atitude extremamente indiferente sobre a coisa toda. Por dentro, é claro, era uma historia toda diferente. Porque por dentro, eu estava gritando, O QUE É QUE ESTÁ ACONTECENDO? PORQUE É QUE VOCÊ CONVIDOU A KELLY E NÃO EU?

Não que eu ligasse para esse baile estúpi do, mas qual é o jogo que você acha que está jogando agora Paul Slater?

Era incrível como nada disso tinha aparecido. Pelo menos era o que

eu achava.

-É só que eu teria apreciado um adiantamento nos planos, já que

você saiu do planejamento da agenda - foi o que eu disse em voz

alta. - Pelo pouco que você sabia, eu poderia já ter gastado uma

fortuna em um vestido.

Um canto da boca de Paul subiu em um meio sorrisinho.

- Você não comprou. - Paul disse - E nem ia comprar também.

Eu olhei para longe. Era dif ícil encontrar o olhar de Paul às vezes,

era tão penetrante tão...

Azul.

Uma mão forte e firme ficou em cima da minha, prendendo meus

dedos na página que eu estava prestes a virar.

-É essa a página.- Paul não parece ter o mesmo problema em olhar

nos meus olhos (provavelmente porque os meus são verdes e tão

penetrantes como uma alga) como eu tenho olhando párea os dele.

Seu olhar no meu rosto era totalmente inflexível -Leia isso.

Eu olhei para baixo. O livro que Paul tinha pegado para essa “lição de mediador” era tão velho que as páginas tinham uma tendência de

desmanchar nos meus dedos quando eu as virava. Esse livro deveria

estar em um museu, não no quarto de um garoto de 17 anos.

Mas foi exatamente onde terminou, sacado, embora eu duvido que

Paul sabia que eu estava ciente disto, da coleção de seu avô. O Livro da Morte era seu título.

E o título não era o único lembrete que todas as coisas tinham uma data de fim.Cheirava como se um rato ou alguma criatura pequena tivesse batido entre as páginas em algum tempo do não-tão-distante passado, deixado para se decompor vagarosamente lá.

-Se a tradução de 1924 for para se acreditar - Eu li em voz alta, feliz que ela não estivesse tremendo como meu dedos estavam - o jeito que eles sempre tremiam quando Paul me t ocava - A habilidade dos deslocadores não somente incluem comunicação com os mortos e se teletransportar entre o mundo deles e o nosso, mas a habilidade de viajar ao longo da quarta dimensão também.

Eu vou admitir, não li com muita emoção. Não era exatame nte um barril de risadas, ir para a escola todo dia, e depois ir para as aulas de mediação. Eu admito, era só uma vez por semana, mas era mais do que suficiente, acredite em mim. A casa de Paul não perdeu sua esterilidade nos meses que eu passei a ir para lá. No mínimo, o lugar parecia mais assustador do que nunca...

... e também o avô de Paul, que continuava a viver como ele descreveu, em suas próprias palavras, uma “meia -vida” , em um quarto abaixo do hall de Paul. Aquela meia vida parecia feita ao redor do relógio dos enfermeiros, empregados para ver a dor do velho

homem, e incessantemente vendo o Game Show Network.

Não era nenhum milagre, realmente, que Paul evitava Sr. Slater ou Dr. Slaski, como o próprio doutor tinha me confidenciado seu real nome - como uma praga. Seu avô não era exatamente uma companhia genial, mesmo quando ele não estava fingindo ser um louco devido aos seus remédios.

Apesar da minha performance mais -que-inspirada, no entanto, ele soltou minha mão e se inclinou mais uma vez, parece ndo extremamente satisfeito consigo mesmo.

Bem? - outra arqueada de sua sobrancelha.

-Bem, o que? - Eu sacudi a página, e vi somente uma reprodução do hieróglifo que eles estavam falando.

O meio sorriso que Paul havia dado desapareceu. Seu rosto possuía tanta expressão quanto à parede atrás dele.

-É assim que você vai jogar, brincar, apostar talvez (não entendi essa frase direito) -ele disse.

Eu não tinha a menor idéia do que ele estava falando.

-Jogar o que? - eu perguntei.

-Eu poderia fazer isso Suze - ele disse - Não pode ser difícil de descobrir. E quando eu fizer... Bem, você não poderá me acusar de não seguir nosso acordo.

-Qual acordo?

Ele deslocou sua mandíbula.

-De não matar seu namorado - ele disse sem tom.

Eu somente o encarei, genui namente surpresa. Eu não fazia idéia

de onde isto tinha vindo. Nós estávamos tendo uma satisfatória - ok,

não satisfatória mas normal - tarde, e de repente ele estava

ameaçando matar meu namorado... ou não matá -lo, na verdade.

O que estava acontecendo?

-O que você está falando? -Eu gaguejei -O que isso tem a ver com

Jesse? Isso é... isso é por causa do baile? Paul... se você tivesse me convidado, eu iria com você. Eu não sei porque você a convidou sem

nem menos...

O mesmo meio sorriso voltou, mas dessa ve z, Paul realmente se

inclinou para frente e fechou o livro. Poeira voou das antigas páginas, praticamente no meu rosto, mas eu não reclamei. Em vez disso, eu

esperei, o coração na minha garganta, para ele responder.

Eu estava destinada ao desapontamento p orque, tudo que ele

disse foi:

-Não se preocupe - Depois rolou sua pernas pela cama e ficou em

pé - esta com fome?

-Paul.- Eu o segui, meus Stuart Weitzman estalando alto no chão

de madeira. –O que é que está acontecendo?

-O que te faz pensar que tem a lguma coisa acontecendo? - ele perguntou em quando ia pelo longo corredor ensolarado.

-Ah meus deus...Eu não sei... - eu disse, com medo de ter parecido vespinha - Aquela ameaça que você falou na outra noite sobre o jesse. E me deixando fora da jogada par a o baile de inverno. E agora isso. Você está armando alguma.

-Eu estou? - Paul olhou para mim enquanto ele descia a escada em espiral para a cozinha - Você realmente acha isso?”

-É! - eu disse. -Só que ainda não descobri o quê!

-Você faz alguma idéia com o que você pareceu estar agora mesmo? -Paul perguntou enquanto abria a geladeira subzero e olhava apara dentro.

Não - eu disse - Com o que?

-Uma namorada ciumenta!

Eu quase engasguei.

-E como vão as coisas no seu mundo da fantasia?

Ele achou uma lata de coca e abriu.

-Boa essa - ele disse se referindo ao que eu tinha acabado de falar.

-verdade cara. Eu realmente gostei. Acho que eu ate mesmo vou usa-la um dia.

-Paul. -Eu fiquei parada olhando para ele, minha garganta seca,

meu coração dando pulos no meu peito. –O que é que você está tramando? Sério?

-Sério? - Ele tomou um grande gole do refrigerante. Eu não pude deixar de observar o quanto sua garganta era bronzeada quando ele engolia.

- Eu só estou cumprindo minhas apostas.

-O que isso significa?

-Isso significa - ele disse, fechando a porta da geladeira e inclinando suas costas contra ela - Que eu estou começando a gostar daqui.

Estranho, mas é verdade. Eu nunca me imaginei como o tipo capitão-do-time-de-tênis. Deus sabe, na minha úl tima escola - ele tomou outro longo gole do refrigerante - Bem, eu não vou me aprofundar nisso. A verdade é, eu estou começando a gostar desses negócios da escola. Eu quero ir ao Baile Formal de Inverno. A verdade é, eu imaginei que você não queria ficar p erto de mim por um tempo, depois de....bem, depois do que eu planejo fazer.

Ele já tinha fechado a porta da geladeira, então o arrepio que eu senti por toda a minha espinha não poderia ser causado por ela. Ele deve ter me visto tremer, já que ele deu um s orriso lardo.

-Não se preocupe Suzie. Você vai me perdoar eventualmente. Você

vai perceber, na hora certa, que isso é par o bem...

não conseguiu terminar. Porque eu avancei para a frente e arremessei a lata de Coca fora de sua mão. Ela pousou ruidosame nte no aço inoxidável da pia. Paul olhou para seus dedos vazios com alguma surpresa, como se não conseguisse descobrir onde sua bebida tinha ido.

-Eu não sei o que você está planejando, mas vou deixar uma coisa bem clara. Se alguma coisa acontecer a ele, eu sibilei, não muito mais alto que o ruído da lata na pia, mas com um pouco mais de força. - Qualquer coisa, eu vou fazer você se arrepender de ter nascido. Entendeu?

A surpresa na sua face se tornou em um sorriso de desgosto.

-Isso não foi parte do noss o acordo.

Tudo que eu disse foi que eu não.

-Qualquer coisa - Eu disse - E não me chame de Suzie.

Meu coração estava batendo tão alto no meu peito que eu não sei como ele não conseguiu ouvir - como ele não conseguiu ver que eu estava mais aterrorizada do que com raiva...

Ou talvez ele viu, já que seus lábios relaxaram em um sorriso - o mesmo sorriso que fazia metade das garotas da escola se apaixonar perdidamente por ele.

-Não se preocupe Suze - ele disse. - Meus planos para Jesse?

Vamos dizer que eles são bem mais humanos do que o que você

planeja para mim.

-Eu

Paul apenas sacudiu sua cabeça.

-Não me insulte fingindo que você não sabe do que eu estou

falando.

Eu não precisava fingir. Eu não tinha a menor idéia do que ele

estava falando. Eu não tiv e chances de contar isso pra ele, porém,

porque naquele momento, uma porta lateral se abriu e nós ouvimos

alguém chamando:

-Oi?

Era do Dr. Slaski, junto com seu enfermeiro, de volta das

inacabáveis consultas com médicos. O enfermeiro era aquele que

tinha dito o cumprimento. Dr. Slaski - ou Slater, como Paul se referia a ele - nunca disse oi. Pelo menos, não quando todo mundo menos

eu estava por perto.

-Ei - Paul disse, indo para a sala de estar e olhando para a cadeira

de rodas do avô. - Como foi?

-Bem - o enfermeiro disse com um sorriso. - Não foi Sr. Slater?

O avô de Paul não disse nada. Sua cabeça estava curvada sobre

seu peito, como se ele estivesse dormindo.

Exceto que ele não estava. Ele estava dormindo tanto quanto eu.

Dentro da surrada e frágil aparência, havia uma mente crepitando de inteligência e vitalidade. O porquê de ele ter escolhido esconder este fato, eu ainda não entendi. Há muitas coisas sobre os Slaters que eu não entendo.

-Sua amiga vai ficar para jantar Paul? - O enfermeiro perguntou agradavelmente.

-Sim - Paul disse no mesmo momento em que eu falei – Não.

-Você sabe que eu não posso.

Isto, pelo menos, era verdade. O jantar é muito importante para a minha família. Perca um jantar do meu padrasto e você não saberá como terminará.

-Ta bom - Paul disse através dos seus dentes que estavam obviamente rangidos.

Eu não protestei. Estava mais do que pronta para ir.

Nossa volta pra casa deveria ter sido muito mais agradável do que foi. Quero dizer, Carmel é um dos lugares mais bonitos no mundo, e a casa do avo do Paul fica bem na beira do oceano. O sol estava se pondo, parecendo tornar o céu uma mistura de cores, eu podia ouvir a ondas batendo ritmicamente nas pedras abaixo. E Paul, que nem

era nem um pouco difícil de se olhar, não diri ge nenhum carro velho, mas sim, uma BMW prata e conversível, e acontece que eu sei que eu pareço extremamente bem nela, com meu cabelo escuro, pele clara, e ótimo gosto para sapatos.

Mas você poderia ter cortado a tenção no carro com uma faca, nada menos. Nos fomos em silencio mórbido até quando Paul finalmente parou em frente à nº 99 pine crest drive, a imponível casa vitoriana em Carmel que minha mãe e meu padrasto tinham comprado a mais de um ano, mas que ainda não tinham acabado de arrumar. Mas vendo que tinha sido construída no século 19, e não no século 20, ela precisava de muita arrumação...

Mas nem toda a luz do mundo poderia se livrar do passado violento da casa, em fato, somente há alguns meses atrás, eles tinham desenterrado o esqueleto do meu n amorado do jardim. Eu ainda não conseguia pisar no deck sem me sentir enjoada.

Eu estava prestes a sair do carro sem uma palavra quando Paul se levantou e colocou uma mão no meu braço.

-Suze - ele disse, e quando eu virei minha cabeça para olhar para ele, eu vi que seus olhos azuis pareciam cheios de problemas. - Ouça. O que você acha de uma trégua?

Eu pisquei com isso. Ele tava brincando é? Ele tinha ameaçado

apagar meu namorado, roubado de pessoas que ele tinha sido pedido para ajudar, e não tinha me co nvidado para o baile, me humilhado na frente da garota mais popular do colégio no processo. E agora ele queria beijar e fazer as pazes?

-Esqueça! - eu disse enquanto levantava nas minhas botas.

-Vamos lá Suze! - ele disse, me filmando com aquele olhar de fazer o coração derreter. - Você sabe que eu não ofereço nenhum mal. Bem basicamente. Alem disso, o que é que eu poderia fazer com o seu garoto Jesse? Ele tem o padre D. para protegê -lo, não?

Não realmente. Não agora pelo menos. Mas Paul não sabia daquil o. Ainda!

-Me desculpa pelo negocio com a Kelly. - Ele disse. -Mas você não queria ir comigo. Você não pode me culpar por querer ir com alguém que...Bem realmente gosta de mim?

Talvez fosse o sorriso. Talvez fosse o jeito com que ele piscou aqueles bebês azuis. Eu não sábia o que era, mas de repente, eu me encontrei amolecendo para ele.

-Mas e os Gutierrez? - eu perguntei. - Você vai devolver o dinheiro?

-Hum.- Paul disse. Bem, não. Eu não posso fazer isso.

-Paul você pode. Eu não conto pra ninguém, eu juro...

- Não é isso. Eu não posso devolver porque...Eu...Preciso dele.

-Para o que?

Paul se encolheu. Você vai descobrir.

Eu abri a porta do carro e sai, meus saltos afundando nas folhas de pinheiro na grama.

-Adeus, Paul. -Eu disse enquanto batia a porta atrás de mim, não deixando ele falar seu:

-Não suze, espera!

Eu me virei e fui em direção da casa. Meu padrasto, Andy, tinha posto fogo em uma das várias lareiras da casa. O cheiro rico da madeira queimando encheu o cheiro frio da noite, misturado com a essência de alguma outra coisa...

Pimenta. Era a noite do frango tandoori. Como eu podia ter esquecido?

Atrás de mim eu ouvi Paul virar o carro e voltar para a via expressa.

Eu não olhei para trás. Eu subi as escadas da porta da frente, pisando nos quadrados de luz que saiam pelas janelas abertas da sala. Eu abri a porta falando:

-Estou em casa!

Mas a verdade é que eu não estava, exatamente. Porque agora casa quer dizer uma coisa diferente para mim, e tinha sido uma casa

por pouco tempo.

Mas ele não morava mais lá.

Capítulo 4

A mão cheia de pedrinhas que eu tinha jogado bateu com barulho contra a pesada janela de vidro. Eu olhei em volta, preocupada com que alguém tivesse ouvido. Mas o pior era, eles ouvirem pequenas pedras batendo na janela do q ue eu chamando o nome de alguém que nem deveria estar vivendo lá...

Alguém que, tecnicamente falando, não estava vivendo de jeito nenhum.

Ele apareceu quase na mesma hora, mas não na janela, e sim do meu lado. Essa é a coisa sobre os fantasmas, eles nunca têm que se preocupar com as escadas ou as paredes.

-Suzannah. - Na luz da lua deu para ver perfeitamente o rosto do Jesse. Tinham piscinas negras no lugar em que seus olhos deveriam estar, e a cicatriz na sua sobrancelha – uma mordida de cachorro de sua infância – pareceu extremamente branca.

Mesmos com as gracinhas da luz da lua, ele era a coisa mais bonita que eu já tinha visto na vida. Eu não acho que é o fato que eu estou malucamente apaixonada por ele que me faz pensar assim. Eu tinha mostrado acidentalmente o quadrinho dele, que eu tinha sem querer,

mas querendo, furtado a sociedade histórica de Carmel, para a Cee Cee, e ela concordou. Extraordinária gostosura foi exatamente o que ela disse.

-Você não precisa se preocupar com isso. - Ele disse, alcançando minha mão para tirar as pedrinhas que ainda tinham sobrado. - Eu sabia que você estava aqui, eu ouvi você chamando.

Exceto claro, que eu não tinha chamado ele. Mas de qualquer jeito. Ele estava aqui agora e era isso que importava.

-O que está acontecendo Suzannah? - Jesse queria saber. Ele tinha saído da sombra da reitoria, e assim eu podia finalmente ver seus olhos. Como sempre eles eram buracos negros e cheios de inteligência... inteligência e alguma outra coisa. Alguma outra coisa que eu gosto de pesar é só para mim.

-Eu só dei uma passadinha para dizer oi. - Eu disse com um murmúrio. Estava frio o suficiente que quando eu falei, vi a fumaça subir na minha frente.

Isso não aconteceu quando o Jesse falou... porque é claro ele não tinha respiração.

-As três da manhã? - as sobrancelhas escuras se levantaram, mas ele parecia mais divertido do que alarmado - Numa noite de escola?

Ele me tinha onde queria, é claro.

-O padre D. me pediu para por um pouco de comida de gato - Eu disse mostrando a minha bolsa. - Eu não queria que a irmã Ernestina me visse dando comida para o Spike. Ela não deveria saber sobre ele.

-Comida de gato? - Jesse disse. Agora ele definitivamente parecia divertido. - Isso é tudo?

Isso não era tudo e ele sabia. Mas também não e ra o que ele pensava.

Pelo menos não exatamente.

Mas, quando ele me puxou para ele eu não reclamei.

Especialmente considerando que tem apenas um lugar no mundo em que eu me sinto completamente segura, e era exatamente onde eu estava...Em seus braços.

-Você está com frio hermosa - ele sussurrou contra meu cabelo. - Você está tremendo.

Eu estava tremendo, mas não porque eu estava com frio. Bem, não só por causa do frio. Eu fechei meus olhos, derretendo em seu abraço como eu sempre faço, sentindo seus braç os fortes em volta de mim, seu peito forte na minha bochecha. Eu desejei poder ficar daquele jeito para sempre – nos braços do jesse, onde nada nunca poderia me machucar.

Porque ele nunca deixaria.

Eu não sei por quanto tempo a gente ficou daquele jeito , no jardim de vegetais da reitoria onde o padre D. morava. Tudo que eu sei é que eventualmente Jesse, que tinha estado acariciando meu cabelo, se afastou um pouquinho para que pudesse olhar para o meu rosto.

-O que está acontecendo Suzannah? - ele me perguntou de novo, sua voz parecendo estranhamente rude, considerando o carinho do momento. –O que é que está acontecendo de errado?

-Nada - eu menti, porque eu não queria que acabasse... A luz da lua, seu abraço, nada disso, tudo isso.

-Não é nada? - Ele disse, tirando um pouco do meu cabelo que o vento tinha soprado e que estava grudando no meu gloss. Eu pareço sempre ter esse problema. - Eu te conheço Suzannah. Eu sei que tem alguma coisa te incomodando. Venha.

Ele me pegou pela mão e me puxou. Eu fui co m ele, mesmo sem saber onde ele estava me levando. Eu o teria seguido para qualquer lugar, até as profundezas do inferno. Só, é claro, ele nunca me levaria lá.

Diferente de certas pessoas.

Eu bem que dei uma paradinha quando eu vi para onde ele estava me levando. Não era exatamente o inferno mas...

O carro? - eu fiquei parada olhando para o Honda Accord da minha mãe.

-Você está com frio. Jesse falou firmemente, abrindo a porta do motorista para mim. - Nós podemos conversar ai dentro.

Conversar não era exatamente o que eu tinha em mente. Mas eu percebi que a gente poderia fazer o que eu tinha em mente tão fácil no carro, como no jardim de vegetais da reitoria, só que seria bem mais quente.

Só que o Jesse não tinha tido a mesma idéia. Ele segurou minhas duas mãos quando eu tentei colocá -las em volta de seu pescoço, e as colocou firmemente no meu colo.

-Me diz. - Ele disse da sombra do assento do passageiro, e eu podia dizer pela sua voz que ele não estava de humor para jogos.

Eu parei e olhei para fora da janela. Na matéria de romance, isso não era exatamente o que eu chamaria de uma seção agarra -agarra das melhores. Big sur talvez. O baile de inverno seria perfeito. Mas o estacionamento da reitoria da academia da Missão Junipero Serra?

Não tanto assim!

-O que é que está acontecendo, hermosa? - ele tirou mais um pouco do meu cabelo que tinha caído no meu rosto.

Quando ele viu minha expressão, ele tirou sua mão de volta.

-Ah, ele. - Ele disse numa voz completamente diferente.

Eu acho que eu não deveria ter ficado surpresa. Que ele tivesse sabido sem eu dizer nada. Tinha tanta coisa que eu não tinha contado a ele – tanta coisa que eu decidi que não ousaria contar ao Jesse. Meu acordo com o Paul, por exemplo: que em retorno do Paul não mandar o Jesse dess a para melhor, eu me encontraria com ele depois da escola toda quarta feira, debaixo da desculpa de aprender mais sobre nosso dom... Mas só que parecia que o que Paul mais queria fazer era conseguir por sua língua dentro da minha boca, nada estudar sobre mediadores.

O Jesse não teria ficado muito entusiasmado se ele soubesse dessas aulas. Menos que isso, se ele tivesse idéia do que realmente ocorre nessas... Não existe nenhum amor entre Jesse e Paul, a relação deles tem sido turbulenta desde o começo. Paul se achava superior ao Jesse meramente porque ele estava vivo e o Jesse não, enquanto Jesse não gostava de Paul por ele ter nascido com todos os privilégios do mundo – incluindo a habilidade de se comunicar com os mortos – e mesmo assim decidiu usar seus p oderes para um único fim egoísta.

Mas é claro que esse desdém um pelo outro talvez tenha tido alguma coisa a ver comigo.

De volta quando Jesse tinha acabado de entrar na minha vida, eu ficava imaginando como seria legal ter dois caras brigando por mim. Mas agora que isso está realmente acontecendo, eu descobri a boba que eu tinha sido. Não tem nada de divertido o castigo que eu peguei por causa da ultima vez que os dois se encontraram, destruindo metade da minha casa. E aquela briga nem tinha sido por minh a causa. Não tanto assim.

-É só que. - eu disse, cuidadosa para não encontrar seu olhar, porque eu sabia que se encontrasse aqueles olhos negros e profundos, eu estaria perdida, como sempre. - Paul tem sido pior que o normal.

-Pior? - o olhar que o Jesse me lançou era afiado como uma navalha. -Pior de que jeito? Suzannah, se ele encostou uma mão em você...

-Não assim. - Eu interrompi bem rápido, percebendo que o discurso que eu tinha ficado até tarde ensaiando - o discurso que eu tinha me convencido que estava tão perfeito, que eu tinha que ir direto para a reitoria dizer na mesma hora, mesmo sabendo que estava no meio da noite e que eu teria que “pegar emprestado” o carro da minha mãe para chegar até lá – não era nem um pouco perfeito... Na verdade, era completamente errado. O que eu quis

dizer é que, ultimamente, ele tem ameaçado... bem, fazer alguma coisa, eu realmente não entendo, com você.

Jesse pareceu divertido. O que realmente não era a reação que eu tinha esperado.

-Então você veio correndo aqu i. - Ele disse. -No meio da noite para me avisar? Suzannah, eu estou tocado.

-Jesse eu to falando sério. - Eu disse. Eu acho que o Paul ta armando alguma. Lembra -se da senhora Gutierrez?

-É claro. - Jesse tinha traduzido a mensagem da mulher morta para mim porque meu espanhol é confinado apenas ao taco e a hermosa é claro. – O que tem ela?

Rapidamente, eu contei a ele sobre ter encontrado o Paul no pomar da Sra. Gutierrez. Só que eu não dei ênfase à parte em que Paul pegou o dinheiro antes mesmo q eu pus esse minhas mãos nele, a raiva de Jesse era óbvia. Eu vi seus olhos endurecerem e ele disse alguma coisa em espanhol que eu não pude entender, mas eu acredito que não era um elogio ao espanhol de Paul.

-Padre D. vai tomar conta disso. - Eu me apressei em dizer a ele, caso ele estivesse cultivando alguma idéia de fazer alguma coisa extrema com Paul, mesmo eu já tendo falado para ele que seria burrice ao extremo. Eu não contei que o padre D. sabia do roubo de

Paul...Só que os Gutierrez precisavam de ajuda. E u sei o que o Jesse falaria se soubesse que eu deixei o padre D. no escuro sobre a última transgressão de Paul.

Eu também sabia o que Paul iria fazer se descobrisse que eu o tinha dedurado.

-Mas não é com isso que eu estou preocupada. - Eu disse rapidamente. –É com uma coisa que Paul disse quando eu... Quando eu tentei pegar o dinheiro de volta. - Só que eu achei melhor deixar de fora a parte em que eu fiquei vidrada na beleza de Paul e também o que Paul tinha dito antes naquele dia, que seus planos para o jesse eram muito mais humanos do que os meus para com ele. Porque agora eu sentia que sabia o que ele tinha querido dizer com aquilo. Mas pensando, ele não poderia ter estado mais errado. - Era alguma coisa sobre você e o que ele ia fazer com você, não t e matar...

-Isso...-Jesse interrompeu secamente. -Seria difícil hermosa, sendo que eu já estou morto.

Eu olhei para ele.

-Você sabe o que eu quis dizer. Ele disse que não ia te matar. Que ele ia... Eu acho que ele disse que ia impedir q você tivesse mo rrido em primeiro lugar.

Mesmo no interior escuro do carro eu vi as sobrancelhas do Jesse

irem para cima.

-Aquele lá acha que suas habilidades são tão grandes assim. - Foi tudo o que ele disse.

-Jesse. - Eu disse. Eu não podia acreditar que ele não estav a levando a ameaça de Paul a sério. -Ele realmente quis dizer isso, ele já me disse isso algumas vezes. Eu realmente acho que ele está tramando alguma coisa.

-Slater vai estar sempre tramando alguma quando você está no meio Suzannah. - Jesse disse, numa voz que sugeria que ele estava mais do que cansado desse assunto. - Ele está apaixonado por você. Ignore-o e eventualmente ele vai embora.

-Jesse.- Eu disse. Mas eu não podia dizer, é claro, que não teria nada que eu gostaria mais do que dar as minhas cost as ao Paul e seus jeitos manipulativos, mas só que eu não podia porque eu tinha prometido que não daria as costas... Em troca da vida do Jesse. Ou pelo menos que ele continuasse nessa dimensão. - Eu realmente acho...

-Ignore-o Suzannah. - Jesse estava sorrindo um pouquinho agora enquanto balançava a cabeça. - Ele só diz essas coisas porque sabe que elas te aborrecem, e ai você presta atenção nele oh, Paul! Não Paul, não Paul!

Eu olhei para ele em horror.

-Isso era para ser uma imitação minha?

-Não o deixe feliz prestando atenção nele - Jesse continuou como se nem tivesse me ouvido - Ai ele vai se cansar e te deixar em paz.

-Eu não pareço nem um pouco com isso - eu mordi meu lábio inferior com incerteza. - Eu realmente pareço com isso?

-E agora, se isso é tudo. - Jesse continuou, me ignorando do mesmo jeito que ele tinha me mandado ignorar o Paul. -Eu acho que você deveria ir para casa, hermosa. Se a sua mãe descobrir que você saiu, você sabe que ela vai ficar preocupada. Além disso, você não tem escola daqui a algumas horas?

-Mas...

-Hermosa.- Jesse se aproximou e colocou uma mão na parte de trás do meu pescoço. - Você se preocupa demais!

-Jesse eu...

Mas eu não consegui terminar o que eu tinha começado a falar – nem um segundo depois eu podia me le mbrar o que eu pretendia falar para ele. Isso porque ele tinha me puxado – gentilmente, mas com força – para junto dele, e tinha coberto minha boca com a dele. É claro que quando os lábios do Jesse estão sobre os meus fica impossível de pensar em alguma o utra coisa do que o modo como

aqueles lábios me fazem sentir... O que é deliciosamente bem. Eu não tenho tanta experiência assim no departamento de beijo, mas até eu sei que o que acontece comigo quando o Jesse me beija é...Bem extraordinário.

E não só porque ele é um fantasma. Tudo que os caras tem que fazer é encostar seus lábios no meu para parecer que tem uma marcha de quatro de Julho descendo a minha garganta, até ficar tão quente que eu não agüente mais aquela chama branca. A única coisa que faz parecer aquele calor aumentar é me pressionar com mais força contra ele...

Mas isso, com certeza, só faz as coisas piorarem, porque ai o Jesse – que geralmente parece ter um fogo próprio queimando em algum lugar – acaba me tocando em algum lugar, como embaixo da minha blusa, onde, é claro, eu quero ser tocada, mas onde ele acha que seus dedos não tem nada para fazer. Ai os beijos acabam e o Jesse pede desculpas por me insultar, só que insultada é a ultima coisa que eu me sinto, coisa que eu fiz o mais claro po ssível para ele, mas sem parecerem uma piranha.

Mas é isso que eu ganho por me apaixonar por um cara que nasceu quando os homens ainda tratavam as mulheres como se elas fossem bonequinhas frágeis de porcelana e não de carne e osso. Eu

já tentei explicar para ele que as coisas são diferentes agora, mas ele continua teimoso em acreditar que tudo do pescoço para baixo é fora

dos limites até a lua de mel.

Exceto é claro, quando a gente está se beijando, como agora, e

acontece dele esquecer, no calor do momento , que ele é um

cavalheiro do século 19.

Eu senti a sua mão correndo pela costura dos meus jeans

enquanto a gente se beijava. Nossas línguas juntas, e eu sabia que

era só uma questão de tempo até que aquela mão entrasse debaixo

da minha blusa a subisse até o meu sutiã. Eu pensei uma prece de

agradecimento que eu estava usando um sutiã com fecho na frente.

Então meus olhos se fecharam, eu fiz uma pequena exploração por

conta própria, correndo as palmas das minhas mãos pela parede de

músculos que eu podia sen tir através da gola de sua blusa...

...Até que os dedos do jesse, em vez de entrarem no meu sutiã

tamanha 44, alcançaram as minhas mãos em um aperto de ferro.

-Suzannah - ele estava respirando forte e a palavra saiu meio

forçada enquanto ele apoiava sua t esta na minha.

-Jesse.- Eu também não estava respirando muito

coordenadamente.

-Eu acho que você deveria ir embora agora.

Era incrível como eu sabia que ele ia dizer isso!

Ocorreu-me que a gente seria capaz de fazer isso – se beijar assim, -

bem mais freqüentemente e mais convencionalmente se o Jesse

desistisse dessa idéia absurda de que ele tem que ficar morando com

o padre D., não que nós sejamos, por falta de uma palavra melhor,

uma noticia. Afinal ele tinha sido assassinado era no meu quarto há

muito tempo atrás. Ele não deveria continuar a assombrar o meu

quarto?

Eu não coloquei isso nesses termos, porque eu conhecia o Jesse, que

é um cara a moda antiga, ele não exatamente aprova casais morando

juntos antes dos laços do casamento. Eu também coloquei em minha

mente o aviso que o padre D. tinha me dado antes de partir para São

Francisco, sobre não cair em tentação onde o Jesse estava envolvido.

Isso é muito fácil para o padre D. falar, ele é um padre. Ele não faz a menor idéia do que é ser uma mediadora adolescente de sangue

quente. Da variedade feminina.

-Jesse - eu disse, ainda com a respiração um pouco fraca, de toda

a beijação, - Eu não consigo parar de pensar... Bem, esse negócio do

Paul. Quero dizer, quem sabe se ele realmente descobriu um jeito

novo de...de... nos manter separados? E agora com o padre D. fora

por Deus sabe quanto tempo, eu...Bem, você não acha que seria

melhor você voltar para a minha casa por um tempo?

Jesse, mesmo sabendo que quase tinha posto sua mão embaixo da minha blusa, não gostou nem um pouco da idéia.

-E ai, você pode me proteger do nefasto senhor Slater? - era minha imaginação ou ele parecia mais divertido do que provocado?

-Obrigado pelo convite, hermosa, mas eu posso me cuidar sozinho.

-Mas e se o Paul descobrir q ue o padre D. está fora, ele pode decidir vir atrás de você. E se eu não estiver por perto para impedi - lo...

-Isso pode ser uma grande surpresa para você Suzannah - Jesse disse, levantando sua cabeça e colocando minhas mãos mais uma vez no meu colo - Mas eu posso dar conta do Slater sem sua ajuda.

Agora ele realmente pareceu divertido.

-E agora você vai para casa. - Ele continuou. - Boa noite, hermosa.

Ele me beijou uma ultima vez, um beijinho de despedida. Eu sabia que a qualquer segundo ele desaparecer ia.

Mas ainda tinha uma outra coisa que eu precisava saber. Eu teria perguntado ao padre D., mas como ele não estava por perto...

-Espera - eu disse. - Antes que você vá...Uma última coisa.

Jesse já tinha começado a desaparecer.

-O que hermosa?

-A quarta dimensão - eu falei de uma vez.

Ele tinha começado a desmaterializar, mas agora ele estava sólido de novo.

- O que tem isso? - ele perguntou.

-Hum, - eu disse. Eu tinha certeza que ele achou que eu estava perguntando só para mate -lo lá por mais alguns preciosos segundos.

E de verdade? Eu provavelmente estava. - O que é isso?

-Tempo.- Jesse disse.

-Tempo? - e ecoei - E isso? Só...tempo?

-Sim - Jesse disse - Tempo. Porque você perguntou? Para escola?

-Claro.- Eu disse. Para escola.

-As coisas que eles ensinam agora - ele disse balançando a cabeça.

-Comida de gato - eu disse segurando a bolsa - Não se esqueça.

Por isso que a gente não consegue fazer isso, passar para a segunda fase.

Ele pegou a bolsa da minha mão.

-Boa noite, querida - ele disse.

E ai ele foi embora. O único sinal de que ele tinha estado lá eram as janelas embaçadas pela nossa respiração.

Ou melhor, pela minha respiração.

Capítulo 5

Sr. Walden pegou um punhado de Scantron (uma empresa americana que fornece testes e as máqu inas que dão suas notas) e disse:

-Somente lápis número 2, por favor.

A mão de Kelly Prescott subiu imediatamente no ar.

-Sr. Walden, isso é um abuso. - Kelly leva seu papel de presidente da classe extremamente sério...especialmente quando há alguma coisa a ver com horário de dança. E, aparentemente, testes de aptidão. - Nós temos que ser avisados pelo menos 24 horas antes do teste.

- Relaxe, Prescott – Sr. Walden, nosso professor da sala de espera (ele os supervisiona nessa sala) e nosso conselheiro de classe começaram a passar os testes Scantron. -Eles são testes de aptidão, não acadêmicos. Suas notas não serão postas no seu registro permanente. Eles são para ajudá -los. - ele pegou um dos testes em sua mesa e leu em voz alta - Determine quais carreiras são mais adequadas às suas habilidades pessoais /ou áreas de interesse e/ ou sucesso. Entenderam? Somente respondam às questões. - Sr. Walden colocou uma pilha de gabaritos na minha mesa para passar para trás.

- Agora vocês têm 50 minutos. E sem conversas.

-Com o que você gosta de trabalhar mais ao ar aberto? Ou em

lugares fechados? - Eu ouvi meu meio-irmão Brad ler em voz alta do outro lado da sala. – Ei, ele está se sentindo muito drogado?

-Seu perdedor - Kelly Prescott gargalhou.

-Você é uma “pessoa noturna” ou uma “pessoa diurna”? - Adam Mctavish pareceu bem chocado - Este teste é completamente contra narcolépticos.

-Você trabalha melhor: a) sozinho ou b) em grupo? - Minha melhor amiga, Cee Cee, mal conseguia conter seu desgosto. - Oh meu deus, isso é tão estúpido!

-Qual a parte de não conversar - Sr Walden reclamou.- Vocês não entenderam?

Mas ninguém prestou atenção nele.

-Isto é estúpido - Adam declarou. - Como este teste vai dizer se eu sou ou não qualificado para uma carreira?

-Mede sua aptidão, idiota - Kelly pareceu enjoada.

-A única carreira que você está qualificado a trabalhar é a janela do drive-throught do In-N-Out-Burguer.

-Onde você, Kelly, vai trabalhar fritando? - Paul disse secamente, fazendo o resto da classe rir...

Até Sr. Walden, que havia sentado atrás de sua mesa e estava tentando ler o último exemplar de Surf Magazine, deu um berro.

-Vocês querem ficar depois da escola para terminar esses testes? Porque eu ficarei feliz em manter vocês aqui, eu não tenho nada melhor para fazer. Agora fiquem quietos, todos vocês, e voltem ao trabalho.

Aquilo teve um impacto significante nas conversinhas ao longo da classe.

Miseravelmente, eu preenchi as pequenas bolhas. Minha angústia não apenas diminuiu, é claro, pelo fato de deu não ter dormindo quase nada. Enquanto aquilo não ajudava exatamente, havia a mais urgente preocupação do que testes de aptidão de carreira. Sim, eles não tinham muito para eu me inscrever. Meu destino já estava traçado...Já estava traçado desde meu nascimento. Eu estou destinada a ser uma coisa quando eu crescer, e somente uma coisa. E qualquer outra carreira que eu escolher entrará no caminho da minha verdadeira vocação, que é, claro, ajudar os mortos a encontrar seu destino final.

Eu olhei de relance para Paul. Ele havia se inclinado sobre seu teste, preenchendo as bolhas de resposta com um pequeno sorriso. Eu imaginei o que ele estava colocando como áreas de interesse. Eu não havia reparado em nenhuma opção sobre extorsão. Ou roubos. Por que, eu imaginava, ele estava se preocupando? Isso não ia

fazer nenhum bem à gente. Nós sempre seremos mediadores primeiro, apesar de qualquer carreira que escolhermos. Olhe para o Padre Dominic. Oh claro, ele resolveu deixar sua condição de mediador em segredo...Em segredo até da igreja, já que, como Padre Dominic falou, seu chefe é Deus, e Deus inventou os mediadores.

É claro, Padre D. não é apenas padre. Ele também já foi um professor anos e anos, ganhando alguns prêmios até, até que foi promovido a diretor.

Mas é diferente para o Padre Dom. Ele realmente acredita que suas habilidades de ver e falar com mortos são presentes de Deus. Ele não vê isso como realmente é: uma maldição.

Exceto...Exceto é claro, que sem isso, eu não poderia ver Jesse.

Jesse. As pequenas bolhas em bra nco na minha frente borraram conforme meus olhos se encheram de lágrimas.

Ótimo. Agora eu estava chorando. Na escola.

Mas como eu poderia ajudar? Aqui estava eu, meu futuro traçado na minha frente...Se formar, faculdade, carreira. Bem, você sabe, pseudocarreira, já que todos sabemos qual irá ser minha verdadeira carreira.

Mas e Jesse? Que futuro ele tinha?

-O que há de errado com você? - CeeCee sussurrou.

Eu sequei meus olhos com uma luva da minha blusa Mil Miu.

- Nada - eu sussurrei de volta. - Alergias.

CeeCee pareceu cética, mas voltou ao seu teste.

Eu perguntei uma vez o que ele queria ser. Jesse, eu digo. Você sabe, antes de ele morrer. Eu perguntei em que ele queria se formar, que carreira ele iria seguir, mas ele não entendeu, nem eu. Quando eu finalmente expliquei, ele sorriu, mas de um jeito triste.

- As coisas eram diferentes quando eu era vivo Susannah. - Ele disse. -Eu era o único filho do meu pai. Era esperado que eu herdasse nosso rancho e trabalhasse para sustentar minha mãe e minhas irmãs quando meu pai morresse.

Ele não adicionou que a parte do plano também incluía seu casamento com a garota cujo pai era dono da fazenda vizinha, então sua terra viraria um só rancho. Ele também não mencionou o fato de ter sido esta garota que o matou, po rque gostava de outro homem, um homem que o seu pai não aprovava. Porque eu já sabia de tudo isso.

As coisas eram difíceis, eu acho, mesmo no ano de 1850.

-OH! - Foi isso que eu respondi. Jesse não falou com nenhum rancor notável, mas parecia como uma fer ida para mim. Quer dizer, e se ele não quisesse ser um fazendeiro? - Bem, o que você gostaria de

ter sido? Você sabe, se tivesse escolha?

Jesse me olhou pensativo.

-Eu não sei. Era diferente Susannah. Eu era diferente. Eu penso...Algumas vezes...Que eu teria gostado de ser médico.

Um médico. Fazia perfeito sentido, pelo menos para mim. Todas as vezes fiquei fraca em casa com várias partes do meu corpo pulsando de dor — seja por veneno ou bolhas nos meus pés — Jesse estava ali para mim, seu toque macio c omo cashmere. Ele teria sido um grande médico, na verdade.

-E porque não? - Eu quis saber. -Porque você não se tornou um médico? Só por causa do seu pai?

-Sim, principalmente por isso. - Ele disse. - Eu nunca ousei dizer isso para alguém. Eu mal podia sair do rancho por alguns dias, deixar sozinho os anos que a escola de medicina levaria. Mas eu gostaria disso, eu acho. Escola de medicina. Embora não quando eu estivesse vivo, - ele adicionou - As pessoas não sabiam tanto de medicina quanto elas sabem hoje. Teria sido mais excitante trabalhar nas ciências agora, eu acho.

E ele sabia. Ele havia tido 150 anos para andar por aí e ver como as invenções - eletricidade, automóveis, aviões, computadores... Para não mencionar a penicilina e as vacinas para doen ças que no passado

mataram milhões - mudaram o mundo em uma coisa irreconhecível em comparação ao que era quando ele cresceu.

Mas em vez de se agarrar ao passado teimosamente, como alguns teriam feito, Jesse havia continuado excitadamente, lendo qualquer coisa que chegasse às suas mãos, desde livros de romance a enciclopédias. Ele disse que havia muito para acompanhar. Seus livros favoritos pareciam ser os grandes livros não fictícios que ele pegava emprestado do Padre Dom, todos de filosofia para exploradores ou vírus emergentes - o tipo de livro que eu daria para o meu pai no Dia dos Pais, se meu pai não tivesse, você sabe, morto. Meu padrasto, por outro lado, é mais do tipo de livro de receitas.

Mas você entendeu. Para Jesse, isso é molhado e não é interessante, mas para mim é muito excitante. Talvez porque tudo isso se desenrolou na sua frente.

Com um suspiro, eu olhei para as centenas de opções de carreiras na minha frente. Jesse estava morto, mas até ele sabia o que ele queria ser...teria sido, se não tivesse morrido. Ou não teria sido, considerando o que ele tinha dito sobre as expectativas de seu pai.

E lá estava eu, com todas as vantagens do mundo, e tudo que eu conseguia pensar em ser quando crescer era...

Bem, com Jesse.

-Vinte minutos.- A voz do Sr. Walden ecoou pela sala invadindo meus pensamentos. Meu olhar estava fixo no mar, que ficava a menos de uma milha da Missão e dava direto para as janelas da sala de aula.

Eu não tinha crescido em torno do mar como meus colegas de classe. Era para mim uma fonte de maravilha e de interesse. Que eu comecei a ter com o fascínio de Jesse pela ciência moderna. E ao contrario de Jesse eu tinha algo a fazer. -Mais dez minutos - Sr. Walden disse outra vez. Interrompendo mais uma vez meus pensamentos.

Mais dez minutos. Eu olhei para minha folha de respostas, que estava parcialmente vazia. Ao mesmo tempo vi Cee Cee me lançar um olhar ansioso a mim. Apontou para a folha. Comece a trabalhar, era o que seus olhos violetas diziam a mim.

Peguei meu lápis e comecei a pr eenchera folha. Eu não me importei com as respostas que escolhi. Porque sinceramente, eu não me importava com meu futuro. Sem Jesse, eu não teria futuro. Naturalmente, com ele, eu não tive nenhum futuro tampouco.

O que ele ia fazer? Seguir -me na faculdade? No meu trabalho? Em meu primeiro apartamento? Sim. Isso que iria acontecer. Paul estava certo. Eu sou mesmo uma boba. Boba por ter caído de amor por um

fantasma. Boba por pensar que nós teríamos qualquer tipo de futuro juntos. Boba.

-O tempo acabou.- O Sr. Walden tirou os pés do alto de sua mesa.

- coloquem seus lápis para baixo, por favor. Passem então suas folhas de resposta para o colega da frente. - Não era de se surpreender quando Paul chegou até mim e disse que o Sr. Walden nos tinha liberado para o almoço.

-Aquilo foi sem uso nenhum. - Ele disse numa voz baixa, enquanto andávamos ate nossos armários. - Quero dizer, temos nossas carreiras já escolhidas, não é?

-Bem, você não pode ganhar a vida fazendo o que nós fazemos - eu disse, então me lembre i, tarde demais, que Paul parecia ter arranjado um jeito de ganhar a vida assim.

-Uma vida honesta. - Eu emendei.

Mas em vez de se sentir envergonhado do que ele tinha feito, como eu pretendi q ele se sentiria, ele apenas sorriu.

-É por isso que eu decido uma carreira na área da justiça, - ele disse.

-Seu pai era advogado, certo?

Eu acenei com a cabeça. Eu não gosto de falar sobre meu pai com Paul. Porque meu pai era tudo o que era bom. E o Paul é tudo que. . .

Não é...

-Sim, que é o que eu pensei - o Paul falou. - Nada é preto e branco com a lei. É todo o tipo de cinza. Tão longo como você pode achar um precedente.- Eu não disse nada. Eu poderia ver o Paul facilmente como um advogado. Não um advogado como meu pai tinha sido, defensor público, mas o tipo de advogado que defende as celebridades ricas, pessoas que pensaram que elas estavam sobre a lei. . .

-Agora que - o Paul disse, enquanto apoiando contra o armário próximo ao meu, - Seria um pouco desperdício. Eu estava pensando mais ao longo das linhas de um assistente social. Ou terapeuta. Você é muito boa, você sabe, em assumir os problemas de outras pessoas.

Não era que a verdade? Era a razão para eu estar com olhos tão turvos e cansados hoje. Porque depois que eu tinha deixado Jesse à noite antes, eu tinha dirigido casa e tinha deitado na cama. . . Só que não dormi. Ao invés, eu tinha jazido despertada, enquanto piscando ao teto e ponderando para o que Jesse tinha me falado. Não sobre Paul, mas sobre o que o Paul tinha me feito ler em voz alta m ais cedo naquele dia:

As habilidades do mediador não incluíam somente comunicação com os mortos e teletrasportação entre o mundo deles e o nosso próprio, mas a habilidade para viajar a vontade.

A quarta dimensão. Tempo. A mesma palavra que fez os pelos e m meus braços se levantarem, embora fosse outro dia de outono tipicamente bonito em Carmel e não frio nem nada. Realmente poderia ser verdade? Tal coisa era até mesmo possível? Poderia os mediadores - ou deslocadores, como o Paul e o avô dele insistindo em chamar - viajar pelo tempo como também entre os reinos dos vivos e os mortos?

E se - Um grande se - Seja verdade, o que em terra significou? Mais importante, por que o Paul tinha tido essa intenção, se assegurar que eu soubesse disso?

- Seu olhar está distante - o Paul observou como eu alojei meus livros fora e alcancei para a bolsa de papel que contém o almoço meu padrasto tinha me feito: salada de galinha de tandoori. - O que é o problema? Dificuldade para dormir?

-Você deveria saber - eu disse, enquanto luzindo a ele.

-O que eu faço? - ele perguntou, enquanto soando genuinamente surpreendido.

Eu não sei se foi o meu esgotamento, ou o fato que o teste de aptidão de carreira me fez pensar em meu futuro. . . Meu futuro e Jesse. De repente, eu estava muito cansada de Paul e os jogos dele. E eu decidi o chamar no último.

-A quarta dimensão - eu o lembrei – Viajar no tempo - Ele apenas sorriu, porém.

- Ah, bom, você entendeu isto. Demorou um bocado.

- Você realmente pensa que os deslocadores são ca pazes de viajar no tempo? - Eu perguntei.

-Eu não penso assim - o Paul disse. - Eu sei que sim.

Novamente, eu sentia um frio quando eu não deveria ter. Nós estávamos nos levantando na sombra da passagem coberta, era verdade, mas há alguns pés fora no p átio da Missão, o sol estava brilhando abaixo. Beija-flores voaram de flor de hibisco a flor de hibisco. Turistas carregavam máquinas fotográficas digitais com eles.

Assim o que foi para cima com os inchaços de ganso?

-Por que? - Eu exigi, minha garganta repentinamente seque. - Porque você fez isto?

-Não, contudo - ele disse, casualmente. - Mas eu vou. Logo.

-Sim - eu disse, medo que me faz sarcástico. - Bem, talvez você pudesse ter viajado no tempo naquela noite, você roubou o dinheiro dos Gutierres e não fez isto neste tempo.

- Deus, você poderia esquecer isto? -Ele balançou a cabeça dele. - Eram dois mil corços ruins. Você age como se gostasse dos dois milhões.

-Ei, Paul. - Kelly Prescott surgiu do grupo exclusivo dela. O Dolce e Gabbana Nazis, como CeeCee tinha começado a chamá -los. E passeou por cima, enquanto balançava os cílios de anil pesadamente.

- Você vem almoçar?

-Espere um minuto - Paul disse a ela... Não muito bem, considerando que ela era o par dele para a dança do fim da semana que vem.

Kelly, entretanto afastou -se, não o suficiente, depois me enviou um olhar afiado rumo à jarda onde nós almoçamos diariamente, ao ar livre.

-Eu não consigo entender isto. - Eu o encarei. - E se nós pudéssemos viajar mesmo no tempo? Grande coisa. Não p oderemos mudar nada quando chegarmos lá.

-Por quê? - Os olhos azuis de Paul ficaram curiosos.

- Porque ir em frente, quando se pode voltar no Passado, assim?

-Porque você não pode...Você não pode desordenar a ordem natural das coisas - eu disse.

-Por que não? Não é o que você faz diariamente quando você medeia? Você não está interferindo na ordem natural das coisas enviando as almas das pessoas para a próxima fase de consciência delas?

-Isso é diferente - eu disse.

-Como assim?

-Porque essas pessoas já estão mortas! Eles não podem fazer nada que poderia mudar o curso da história.

-Como a Sra. Gutierres e os dois mil dólares dela? - O relance de Paul era astuto. - Você pensa que se você tivesse dado isto ao filho dela, não teria mudado o curso de hi stória? Até mesmo de algum modo pequeno?

-Mas isso é diferente de entrar em uma outra dimensão para mudar algo que já aconteceu. Isso é um pouco...Errado.

-É, Suze? - Um canto da boca de Paul se mexeu. - Eu não penso assim. E você sabe o que eu penso? Eu penso que neste tempo, seu menino Jesse vai concordar. Comigo. - E de repente, eu parecia ter conseguido ficar com mais frio que eu já estava debaixo daquela passagem coberta.

Capítulo 6

Por favor, esteja em casa, por favor, esteja em casa, por favo r, esteja em casa, eu rezei enquanto esperava alguém atender a campainha. Por favor, por favor, atenda, por favor. . .

Eu não sei se alguém conseguiu ouvir minhas preces, ou se era apenas que arqueólogos inválidos não saem tanto. Em todo caso, O

criado d Dr. Slaski atendeu a porta da frente, surprendeu -se quando ele viu que era eu que estava tocando a campainha com tanta urgência.

-Oi Susan - ele disse, usando o nome errado - Você está procurando por Paul? Porque até onde eu sei, ele ainda está na escola.

- Eu sei que ele ainda está na escola - eu disse, enquanto pisando apressadamente dentro do foyer do Slaters, antes que o criado pudesse fechar a porta. - Eu não estou aqui para o ver. Eu vim para ver o avô dele, se eu puder.

-O avô dele? - O criado pareceu surpreso. E por que não deveria estar? Para tudo que soube ele, o paciente dele não tinha tido uma conversação lúcida com qualquer um em anos. A não ser que ele teve. E tinha sido só alguns meses atrás. Comigo.

-Você sabe, Susan, o vovô de Paul não está... Ele não está realmente bem - o assistente disse lentamente. - Nós não gostamos de falar sobre isto na frente dele, mas a última bateria de testes... Bem, eles não pareceram tão bons. Na realidade, os doutores não estão dando tudo aquilo mais tempo viver...

Eu preciso lhe fazer uma pergunta – eu disse. – Somente uma pequena pergunta. Levará só um segundo.

-Mas... - O criado, um sujeito jovem que, julgando dos medos sol - alvejados dele, provavelmente usado qualquer tempo livre que ele conseguiu bater nas ondas, arranhou o queixo dele. - Eu quero dizer, ele não pode. . . Ele realmente não fala muito, não mais do que aquilo. A Alzheimer, você sabe...

-Eu posso tentar? - Eu pedi, não me preocupando se eu parecia uma louca. Eu estava totalmente desespe rada. Desesperada para respostas que eu precisava saber e só uma pessoa em terra poderia me dar estas respostas. E aquela pessoa poderia me explicar tudo. - Por favor, eu quero dizer, não pode fazer mal, pode?

-Não - o criado disse lentamente. –Não, não irá fazer mal.

-Ótimo - eu disse, passando por ele e começando a subir dois degraus da escadaria de cada vez. - Eu só usarei alguns minutos.

O criado caminhou até a porta da frente, parecendo distraído.

-Está bem. Eu acho. Mas... Você não deveria estar na escola?

-É hora do almoço - eu o informei alegremente, quando eu subi as escadarias para corredor, onde ficava o quarto de Dr. Slaski.

Eu não estava mentindo, de certa forma. Era a hora do almoço. O fato era que tecnicamente nós não deixávamos terren os escolares no almoço? Bem, eu não achava que a menção disso era importante. Eu estava menos preocupada sobre ter que enfrentar a Irmã Ernestine

quando ela descobrisse que eu estava matando aula do que explicar

para o meu meio-irmão Brad porque eu precise i das chaves do Land

Rover tão desesperadamente. Só porque tinha acontecido do Brad

conseguir a carteira de motorista dele, aproximadamente cinco

segundos antes de eu conseguir a minha (bem, alguns semanas

certas antes de eu ter conseguido a minha, de fato), ele parece achar que o Land Rover, que é o suposto "carro das crianças", pertence somente a ele, e que ele só pode carregar dois de nós, mais o irmão

mais novo dele, o David, para a escola diariamente.

Eu tinha tido que recorrer a só usar palavras como "produtos de

higiene femininos" e "porta -luvas" e conseguir que ele renda as chaves. Eu não tinha nenhuma idéia do que ele iria fazer quando eu

não devolvesse antes do fim do almoço e ele descobrisse que o carro

tinha ido.

Nada em mim, certamente. Parec ia gostar muito dele. Tristemente,

eu nunca pareço capaz devolver o favor, graças a Brad que

geralmente tem algum tipo de problema comigo. Em todo caso, eu

não ia desperdiçar pequenas horas preciosas para ficar me

perguntando o que o Brad ia dizer sobre eu levar o carro. Ao invés

disso, eu me apressei para o quarto do avô de Paul.

Como sempre, o Game Show Network estava ligado. O criado tinha

colocado Dr. Slaski na cadeira de rodas em frente à televisão de

plasma. Dr. Slaski, porém, parecia não estar dando muita atenção para Bob Barker. Ao invés disso, ele estava encarando fixamente uma mancha no centro do chão de azulejo altamente polido. Eu não fui enganada com isto, porém.

-Dr. Slaski? - Eu apanhei o controle remoto e diminui o volume da TELEVISÃO, então me apressei para o lado do enfermeiro. -Dr. Slaski, sou eu, a Suze. A amiga de Paul, Suze? Eu preciso falar com você durante um minuto.

O avô de Paul não respondeu. A menos que você chame babando, de uma resposta.

-Dr. Slaski - eu disse, levantando uma cadeira de forma que eu pudesse me sentar mais perto da orelha dele. Eu não queria que o criado escutasse nossa discussão, eu estava tentando manter minha voz baixa. - Dr. Slaski, seu enfermeiro não está aqui e nem o Paul. Somos nós dois, somente. Eu pr eciso falar com você sobre algo que Paul anda me falando. Sobre, é, mediadores. É importante.

Assim que ele ouviu que nem Paul nem o criado dele estavam perto dali, uma mudança pareceu ocorrer em Dr. Slaski. Ele se endireitou em sua cadeira, erguendo a ca beça, para que ele pudesse fixar seu olhar nos meus olhos. O babado parou imediatamente.

-Oh - ele disse quando viu que era eu. Ele não pareceu

emocionado, exatamente. - Você novamente.- Eu não pensei que isso era muito agradável, vendo que na última vez em que nós dois tínhamos nos falado, ele tinha me procurado... Procurado -me para me dar uma advertência secreta sobre o próprio neto dele, a quem ele tinha comparado ao diabo, pelo menos. Mas eu decidi esquecer aquele deslize.

-Sim, sou eu, Dr. Slaski - eu disse. -Suze. Escute. É Sobre Paul.

-Até agora, o que aquele pequeno mijo tem feito?

Claramente há muito pequeno amor perdido entre Dr. Slaski e o neto dele.

-Nada - eu disse. - Ainda. Por enquanto, não posso dizer nada. É o que ele diz que ele pode fazer.

-O que é então? - Dr. Slaski perguntou. - E isto tem que ser bom. Family Feud volta em cinco minutos.

Meu Deus. Eu desejei saber, se eu ia terminar em uma cadeira de rodas e viciada em espetáculos de jogos quando eu tiver a idade de Dr. Slaski? Porque Dr. Slaski - ou Sr Slater, como Paul gostaria que todos achassem que ele era - também é um mediador, que foi até as profundezas da terra para saber mais sobre seu incomum dom. Aparentemente, ele achou suas respostas nas tumbas do antigo Egito.

O Problema é, ninguém acreditou nele. Sobre a existência de uma raça de pessoas que deveria guiar os mortos para seu destino e certamente que, Dr. Slaski, era um deles. As muitas anotações do velho homem sobre o assunto, a maioria delas publicadas, foram ignoradas cientificamente e academicamente, e agora estavam no quarto de seu neto guardadas em um saco de plástico cheio de pó. Pior, sua própria família parecia tentar fazer com que ele permaneça na cama, e também o pai de Paul foi até capaz de mudar seu nome para que não fosse associado ao velho homem . E o que Dr. Slaski tinha conseguido com seus esforços? Uma doença terminal e o neto dele, Paul, para companhia. O seu estado, foi traduzido por passar muito tempo na “terra das sombras” – a estação entre o nosso mundo e o outro.

Bem, ele tinha conduzido Paul para ele mesmo.

Eu acho que ele tinha uma boa razão para sentir nojo da raça humana. Mas por que ele queria distancia de Paul, eu só sabia parte disso. Eu tentei começar lentamente, assim ele certam ente entenderia.

-Paul diz que os mediadores...

-Deslocadores. - Dr. Slaski insistiu que as pessoas como ele, Paul e eu somos chamados de deslocadores, para nossa (em meu caso,

recentemente descoberto) habilidade para se deslocar entre as dimensões dos vivos e dos mortos. - Deslocadores, menina, eu já tinha lhe falado antes. Não me faça repetir de novo.

-Deslocadores - eu me corrigi. - O Paul diz que os deslocadores têm a habilidade de viajar no tempo.

-Realmente - Dr. Slaski disse – O que é que tem?

Eu bocejei para ele. Eu não pude evitar isto. Se ele batesse em mim na parte de trás da cabeça com uma vara de piñata, eu não poderia ter ficado mais surpresa. -Você... Você sabia sobre isto?

-É claro que eu sabia sobre isso - Dr. Slaski disse acidament e - Quem você acha que escreveu o papel que deu a idéia ao idiota do meu neto?

Isto foi o que eu consegui por não prestar muita atenção nas minhas seções de mediação com Paul.

Dr. Slaski olhou muito sarcasticamente para mim.

-Mas por que você não me f alou?

-Você não perguntou - ele disse.

Eu me sentei olhando para ele. Eu não podia acreditar. Todo esse tempo... Todo esse tempo eu tinha outra habilidade que eu não a conhecia. Mas para que eu precisei de viagem no tempo, mesmo assim?

Eu acho que houve alguns dias cabeludos que eu gostaria de voltar e arrumar, mas mais do que isso...

Aí, como um túnel de luz, me bateu.

Meu pai. Eu podia voltar no tempo e salvar meu pai.

Não, não funciona desse jeito. Não pode. Porque se pudesse... Se pudesse...

Então tudo poderia ser diferente.

Tudo.

Dr Slaski se tremeu. Eu me remexi e toquei o ombro do Dr Slaski.

-Dr. Slaski? Você está bem?

-O que você pensa? - ele disse, não muito graciosamente. - Eu tenho seis meses de vida. Talvez menos, se esses malditos médi cos derem um jeito e me deixarem sangrando como um porco. Você acha que eu estou bem?

-Eu... - eu estava sendo egoísta, eu sei, mas não tinha tempo de ficar ouvindo problemas de saúde. Eu precisava saber mais sobre o dom que ele - e provavelmente eu - tínhamos.

-Como? Como se faz isso? Viagens no tempo, eu quero dizer.

Dr Slaski deu uma olhadela para a TV. Por sorte, os créditos de The Price Is Right ainda estava rolando. Family Feud ainda não havia começado.

-É fácil - ele disse. -Se o idiota do meu neto conseguiu descobrir, qualquer besta consegue.

Nós não tínhamos muito tempo. Family Feud ia começar em um minuto.

-Como? - eu perguntei de novo. - Como?

-Você precisa de alguma coisa. - O doutor disse com exagerada paciência, como se falasse com uma criança de cinco anos. - Alguma coisa do tempo que você quer ir. Para te levar à ele.

Eu pensei em um filme de viagem no tempo que eu tinha visto.

-Como uma moeda? - eu disse.

-Uma moeda poderia fazer isto. - Dr Slaski disse, embora parecia cético. - É claro, você precisa de uma moeda que foi possuída por uma pessoa específica que viveu naquele tempo, e que esteve no lugar onde você está. E você precisa escolher um ponto para voltar ao seu tempo.

-Você quer dizer. - eu pisquei. - Você quer dizer quando você volta, todos vocês voltam? Não apenas...

-Sua alma? - Dr. Slaski bufou. – Note que, quando você viaja no tempo para algum outro século você não faz isso sem corpo. Não, quando você for, você vai. Você precisa ter atenção a esse detalhe. Você não pode viajar no tempo e ir desordenando tudo, você sabe.

Não se você não quer mudar o destino das pessoas a sua volta e o seu próprio. Você tem que ir para uma marca onde você conheceu a pessoa pela primeira vez, estando de pé, segure o objeto que elas já tiveram acesso, e...

E? - Eu perguntei ansiosamente.

-Feche seus olhos e desloque -se.- Dr. Slaski olhou para trás para ver a televisão, entediado pela conversação inteira.

-E só isso? - Era fácil. - Você quer dizer que eu posso voltar no tempo e visitar qualquer um que eu queira?

-Claro que não - Dr. Slaski disse, o olhar dele se fixou na tela da TELEVISÃO. Era quase como uma reflexão tardia que ele somou, - Só se ele estiver morto, claro. E se for alguém que você mediou. Eu nunca determinei por que, mas acho quem tem algo que a ver com a energia daquela pessoa. Deve ser a ligação... - Dr. Slaski viajou, se perdeu em pesquisas há décadas terminadas antes dele.

-Você quer dizer...- Eu pisquei em confusão. - Nós não só podemos voltar no tempo, mas também p odemos ajudar um fantasma?

-Dê para a menina um prêmio - Dr. Slaski respondeu, voltando o olhar dele para a televisão. Dessa vez eu não dei atenção ao sarcasmo dele. Por que fantasmas? Fantasmas com os quais eu posso lidar. Fantasmas como...

...Bem, meu pai, por exemplo.

E eu tinha bastante coisa que um dia pertenceu ao meu pai. Eu ainda tinha a camisa que ele estivera usando no dia em que ele morreu. Eu havia arrancado isto da pilha de coisas que o hospital tinha nos dado e eu mantive isto por meses deb aixo de meu travesseiro depois que ele morreu... Até o dia em que eu o vi novamente, quando ele apareceu para mim, e me falou exatamente porque era que eu, mas não a minha mãe, podia o ver.

Eu pensei que minha mãe não sabia sobre isto. – A camisa, - eu quero dizer. Mas agora eu sabia que ela tinha descoberto sobre a camisa que eu guardara. Ela certamente devia ter achado isto quando ela estava arrumando minha cama ou estava brincando de fada do dente.

Mas ela nunca disse nada. Ela não podia dizer que aquilo ou qualquer outra coisa estava errada, porque ela manteve as cinzas de papai na caneca de cerveja favorita dele durante anos, até que nós jogamos suas cinzas no parque onde ele tinha morrido, o parque que ele amava tanto, um pouco antes do casament o dela com Andy.

O parque, eu percebi, eu teria que ir para lá se eu quisesse voltar no tempo para o salvar, porque o apartamento no qual nós tínhamos morado tinha sido vendido e eu não podia muito bem caminhar até

os novos donos, eu não poderia simplesme nte falar a eles:

-Vocês poderiam agüentar em sua sala de estar um minuto? Eu preciso voltar no tempo para salvar a vida de meu pai. - Claro que, o parque e o apartamento estavam de todo o modo do outro lado do país. Mas eu tinha um pouco do dinheiro de q uando eu trabalhei como babá guardado. Talvez até mesmo o bastante para uma passagem de avião...

Eu poderia fazer isto. Eu certamente poderia impedir meu pai de morrer.

-Que mais? - Eu perguntei a Dr. Slaski, olhando para a TELEVISÃO rapidamente. Um comercial, graças a Deus. -Quando você tem a... coisa que pertenceu ao fantasma e você está em cima da marca onde um dia ele esteve em pé? O que faz você então?

Dr. Slaski pareceu aborrecido.

-Você segura o objeto - Isso é a sua âncora - E nada mais. Isso é importante, você sabe. Você não pode estar tocando em qualquer outra coisa ou você a levará com você. Então você imagina a pessoa. E então você vai. Mole como torta. - Dr. Slaski virou a cabeça para a TELEVISÃO. - Olhei para cima. Family Feud começará em um minuto.

Eu não podia acreditar que era tão fácil. Apenas assim, eu poderia voltar no tempo e evitar que alguém que eu amei morresse.

-Claro que - Dr. Slaski disse casualmente - Quando você chega lá. Para onde você vai. Você tem que prestar atenção no que faz. Você não quer que a história mude... Pelo menos, não muito. Você tem que pensar nas conseqüências de suas ações muito cuidadosamente.

Eu não disse nada. Que possíveis conseqüências poderiam acontecer se eu salvasse a vida do meu pai? A não se r minha mãe, ela não ia chorar no travesseiro dela todas as noites durante anos depois que ele morresse - certamente até ela conhecer o Andy, de fato.- Ela estava sendo feliz? Eu estava sendo feliz?

Então eu lembrei. Andy. Se meu pai tivesse vivido, minh a mãe nunca teria conhecido o Andy. Ou melhor, ela poderia ter o conhecido, mas ela nunca teria se casado.

E então nós nunca teríamos nos mudado para a Califórnia.

E eu nunca teria conhecido Jesse.

De repente, o impacto das palavras que Dr. Slaski tinh a dito, afundaram dentro de mim. -Oh - eu disse.

O olhar dele - Se não fosse o glaucoma que nublou os seus olhos azuis, os quais, caso contrário seria como uma fotocópia Paul - era afiado.

-Eu pensei, há um oh em algum lugar lá - disse ele. - Não tão fácil quanto você pensou, se deslocar no tempo, não é? E lembre -se de

como que você ficará em seu próprio tempo depois, terá um longo período de recuperação quando você voltar ao presente - Dr. Slaski não disse muito agradavelmente.

-Período de recuperação? Você quer dizer que goste ou não... Vai me dar uma dor de cabeça? - O que eu estava certa de que me daria. Toda vez.

Dr. Slaski pareceu estar achando graça de algo. O olhar dele não estava na tela de televisão, assim eu soube que era algo que tinha a ver com o que eu havia lhe dito ainda pouco.

-Um pouco pior do que uma dor de cabeça - ele disse secamente e bateu levemente no colchão em baixo dele. - A menos que você considere um eufemismo perder parte das células do cérebro. E isso é o que nunca poderia acontecer com você. Se você se deslocar muitas vezes no tempo, você será um vegetal antes de você ser velha o bastante para comprar cerveja, isso eu posso garantir.

-Paul sabe disso? - Eu perguntei. - Eu quero dizer, sobre a... Coisa de perder células do cérebro?

- Ele sabe - Dr. Slaski disse – se ele leu meu papel inteiro.

E ainda que ele quisesse tentar isto.

-Por que Paul iria querer voltar no tempo? - Eu perguntei. Ele não pode estar sendo motivado por um desejo de ajudar alguém, porque

a única pessoa que Paul Slater tinha estado alguma vez interessado em ajudar era... Bem, Paul Slater.

-Como eu poderia saber? - Dr. Slaski pareceu entediado. - Eu não entendo por que você desperdiça qualquer hora com aquele menino. Eu lhe falei que ele não era bom. É parecido com o pai dele, aquele tem, vergonha de mim...

Eu não prestei atenção no desabafo de Dr. Slaski contra o neto dele. Eu estava com o pensamento muito ocupado.

O que Paul tinha dito na outra noite, no quintal dos Gutierres?

Que ele não mataria Jesse...

...Mas que ele poderia fazer algo para impedir que Jesse tivesse morrido em primeiro lugar.

Isso era o que se passava dentro de minha mente. De pé lá no quarto do Dr. Slaski, ele procurou desajeitadamente o controle remoto, achou o botão do volume e gritou:

-Damnit, nós perdemos a primeira categoria!

Paul voltaria no tempo. Para o tempo de Jesse. E não para o matar. Para salvar a vida dele.

Capítulo 7

-Padre Dominic? - Minha voz parecia furiosa até para meus próprios ouvidos – Padre D. você está ai?

-Sim, Suzannah – Padre Dominic soou um pouco desgastado.Contudo isso poderia ser pelo fato dele ainda não ter aprendido a mexer com seu telefone – Sim eu estou aqui.Eu achei que era necessário apertar o botão “send”, mas aparentemente...

-Padre Dominic, algo terrível aconteceu - Eu não esperei ele responder, apenas continuei a falar - Paul descobriu como voltar no tempo, e ele irá voltar para o dia em que Jesse morreu e irá salvá -lo.

Houve uma longa pausa. Então Padre Dominic disse:

-Suzannah onde você está?

Eu dei uma olhada.

Eu estava me levantando da cozinha de Paul, usando o telefone da parede, que eu tinha achado lá. Eu tinha perguntado ao criado de Dr. Slaski depois que eu tinha deixado o paciente dele, se eu podia usar o telefone. Ele me disse que era para eu seguir pela direita à frente.

Na casa do Paul – Eu disse – Padre Dominic você me ouviu?Paul achou um jeito de evitar a morte de Jesse.

Bom...- Padre Dominic disse – Essas são notícias maravilhosas. Mas você não deveria est ar na escola?Já passou um pouco de 1 hora...

Padre D!- Eu praticamente gritei - Você não entende. Se Paul evitar que Jesse morra, então não dois nunca iremos nos conhecer.

Hummm – Padre Dominic tomou seu doce tempo para considerar o que eu havia dito –Alterar o curso da história nunca é uma boa idéia, eu acho.Olha o que aconteceu naquele filme...Como era o nome mesmo?Ahh sim...De volta para o futuro.

- Padre Dominic - eu estava quase chorando de frustração – Por favor, isso não é um filme, é a minha vid a.Você tem que me ajudar.Você tem que voltar e me ajudar a impedi -lo.Ele não irá me escutar.Eu sei que não.Mas ele talvez escute a você...

-Bem, eu não poderia de forma alguma voltar agora Suzannah – Padre Dominic disse – O monsenhor não está... É quer d izer... O cachorro quente parece ter ficado “entalado” em sua garganta mais do que qualquer um poderia imaginar...Suzannah você disse que Paul descobriu um modo de viajar no tempo?

- Sim – eu disse com os dentes cerrados, eu estava começando a me arrepender de ter não ter colocado o Padre Dominic a par de muita coisa que eu havia descoberto sobre Paul durante nossas tardes de quarta-feira juntos.

-Meu Deus – disse o Padre Dominic – Que interessante. E como você acha que ele pode fazer isso?

-Tudo que ele precisa é de algo antigo – Eu disse – Algo que tenha pertencido à pessoa que, você sabe, ele queira voltar no tempo para

vê-la.A pessoa precisa ser um fantasma, um fantasma que ele tenha conhecido. Daí ele precisa somente ficar no lugar que ele sabe que a pessoa vai estar – em sua mente, você sabe – e ele estará lá...

-Minha Nossa – Padre Dominic disse – Você sabe o que isso significa Suzannah?

-Sim – eu disse infeliz – Significa que eu voltarei para Carmel e não haverá ninguém assombrando o meu quarto porque Jesse não terá sido morto lá...

- Não – Disse o Padre Dominic - Bom eu acho que sim, eu suponho que signifique isso.Mas o mais importante é que nós poderíamos evitar a morte de todos os fantasmas que encontrássemos, basta só retornar no tempo e...

- Nós não podemos – Eu interrompi de modo chato – A menos que queiramos acabar com seis meses de vida restantes, como o avô de Paul.Não é como se transferir para o plano de espírito.Seu corpo todo vai junto e eu acho que... Eu acho que ele sofre as conseqüências.Mas Paul está planejando fazer somente uma viagem.

-Sim - Padre Dominic soou distante, mais do que São Francisco se você quer saber – É posso ver.

-Padre Dominic – eu chorei.Eu o estava perdendo e não por a nossa linha de comunicação não ser das melhores.- Você tem que

impedi-lo.

-Mas por que Suzannah? – Padre Dominic perguntou – O que Paul planeja fazer é um tanto generoso...

- Generoso?- Eu estava chorando – O que tem de tão generoso nisso?

- Ele está dando a Jesse uma outra chance em vid a – Padre Dominic disse – E pelo que você diz, ele está arriscando sua própria vida nisso. -Eu diria que é bem nobre da parte dele, na verdade.

-Nobre?! - Eu não podia acreditar no que estava ouvindo – Padre Dom eu posso lhe assegurar que os motivos de Pa ul estão muito distantes de serem nobres.Ele só o está fazendo por...

Sim? – De repente Padre Dominic era todo ouvidos.

Mas como você pode explicar para um Padre que o cara quer apagar seu namorado só pra poder dar uns amassos em você? Especialmente quando Paul não estava tentando apagar Jesse de forma alguma e pelo contrário, salvar sua vida.

- É só que...- eu não estava fazendo sentido algum e não me importava muito com isso... - Você não pode expulsá-lo ou qualquer coisa?

- Não Suzannah – Era minha imaginação ou havia um tom de riso de desprezo em sua voz? – Eu não posso expulsa-lo, não por isso, de

qualquer forma...

- Mas nós temos que impedi -lo – eu disse. Porém, mesmo para os meus próprios ouvidos, meus protestos estavam começando a enfraquecer – Não é... Não é natural o que ele está planejando fazer.

-Talvez possa até ser – Padre Dominic disse- porém não é imoral e nem ilegal até onde eu sei.

Essa tinha que ser a primeira vez. Paul faria alguma coisa que poderia, na verdade, ser chamada de decent e, sabe?

- Mas eu sim imagino – Padre Dominic ficou pensativo – Em como ele irá conseguir concretizar esse pequeno milagre.

-Eu já lhe disse – eu falei amargamente – Ele só precisa ter algo que a pessoa já possuiu e então ficar no local que essa mesma pessoa ficou uma vez e então...

- Sim – Padre Dominic disse – Mas qual pertence de Jesse, Paul possui?

Isso me calou por um minuto. Porque o Padre D. estava certo.Paul não tinha nada que pertencesse ao Jesse. Ele não poderia impedir o assassinato de Jesse porque ele não possuía nada que o tinha pertencido.

- Ah – eu disse, começando a me sentir um pouco menos como se eu tivesse lentamente estreitando uma corda em volta do meu

pescoço – É, você está certo.

-É claro que estou – Padre Dominic disse, era minh a impressão ou ele soava distraído? – Embora seja algo que você possa tentar fazer Suzannah, se ele lhe ensinar como...

- O que – eu torci a corda do telefone em volta do meu dedo – Voltar no tempo e impedir Jesse de ser morto?

-Exatamente – disse Padre Dominic – Essa pode ser a razão para a qual ele ainda está aqui em terra – Talvez ele não devesse ter morrido em 1º lugar.

Eu estava tão espantada por um momento que não consegui dizer nada. Ao invés disso, minha mente mostrou a imagem de um cartaz em que minha professora da 9º classe de inglês havia pendurado na sala. Eram 2 gaivotas voando sobre uma praia... Um cartaz no qual eu insistia em lembrar nos momentos mais inconvenientes. SE VC AMA ALGO, DEIXE O IR e abaixo das gaivotas se lia: SE FOR PARA SER SEU, ELE VOLTARÁ.

O nó imaginário no meu pescoço apertou a ponto de me fazer engasgar.

-Isso é patético, Padre D - gritei no telefone. - Está me ouvindo?Patético.

-Suzannah - Padre Dominic soava assustado.

-Esse não é o motivo pelo qual Jesse ainda es tá aqui - gritei. - Não é. Jesse e eu devemos ficar juntos, e se você não pode ver isso, bem, é problema seu!

Agora Pai Dominic soou mais que assustado. Ele soou bravo.

-Susannah - ele disse. – Não há nenhuma razão para usar esse tipo de linguagem.

- Não, não há - eu concordei com ele. –Especialmente porque eu não tenho nada para dizer a você. - Eu bati o telefone. Um segundo depois, O criado de Dr. Slaski apareceu, parecendo preocupado.

-Susan? - ele perguntou. - Você está bem?

-Eu estou bem - eu disse, me horrorizei quando vi que minhas bochechas estavam úmidas. Ótimo. E, depois de tudo, eu ainda estava chorando.

-Ainda pouco - o criado disse - Eu ouvi um grito...

-Não é nada - eu disse. -Eu estou indo. Não se preocupe.

E eu fui, sem dizer adeus para Dr. Slaski. Eu não tinha nada para dizer a ele, como não tinha nada mais para dizer à para Padre Dom.

Havia só uma pessoa, eu percebi, que poderia impedir o Paul de fazer eu que sabia o que ele ia fazer. E aquela pessoa era eu. Claro que, o fato principal era que eu não tinha nenhum plano para impedi -lo. Isto era em que eu pensava enquanto me dirigia apara a escola. Um

plano.

Chegando perto do lote da Academia de Missão, o que o Padre Dominic tinha dito começou a penetrar. Paul não tinha nada de Jesse que poderia o leva-lo àquela noite horrível que Jesse tinha morrido.

Eu estava quase segura disto. Jesse tinha sido assassinado e o corpo dele nunca foi encontrado. Até recentemente, isso é. A própria família dele acreditou que ele tinha fugido p ara escapar de um matrimônio que ele não desejava.

O que o Paul poderia ter de Jesse que o ajudaria a voltar ao dia da morte deste? Nada. Porque as únicas coisas que ainda existiram daquele tempo eram um retrato de miniatura de Jesse. O qual eu persisti para colocar em uma caixa forte de casa. E algumas cartas que ele tinha escrito à noiva dele. Mas esses estavam à mostra no Museu Histórico da Sociedade de Carmel. Não havia nada de Jesse que o Paul poderia ter que pudesse ser usado para o ferir. Ou bastante, o salvar. Nada. Jesse estava seguro.

Que significou que eu estava segura. O alívio que eu sentia era efêmero, porém. Oh, não meu alívio sobre Jesse. Isso permaneceu. Era como eu estava tentando me mover furtivamente pela escola, meu equilíbrio recentemente restabelecido era novamente abalado.

Nesse momento, não era por Paul. Não, era Irmã Ernestine que

quebrou meu senso duro - ganhado de calma, da mesma maneira que eu estava tentando me misturar com os estudantes da mesma categoria quando eles abriram o espaço deles à próxima classe, enquanto eu fingia ter estado lá dentro desde o princípio com estes.

Susannah Simon! - A voz estridente da vice-diretora fez com que várias pombas que tinham estado em cima do poleiro nas vigas saírem voando assustadas. - Venha imediatamente a meu escritório!

- Meu meio-irmão mais jovem, David, estava perto dali. Quando ele ouviu o comando da irmã, ele empalideceu visivelmente... Uma realização para ele, vendo como ele já era pálido, sendo um ruivo.

- Suze - ele me perguntou, enquanto me olhando surpreso. E por que não? Normalmente quando eu entrava em dificuldade, não era por mero atraso. Mais freqüentemente, nenhum está ao longo das linhas de destruição de propriedade. . . E alguém normalmente fins para cima inconsciente, se não morto. - O que fez você agora?

-Não importa - eu disse, um pequeno desgosto que eu tinha feito, voltado para o secundário, uma ofensa como matando aula. Eu realmente estava perdendo meu toque.

Eu segui para o escritório da Irmã Ernestine, ao con trário de Padre Dominic tinha, ela não tinha nenhum prêmio de ensino nas estantes. Ninguém consideraria Irmã Ernestine uma pedagoga exemplar. Ela

é uma disciplinadora, planície e simples. Eu desci ligeiramente. Ela tinha notado que eu tinha saído durante a classe de religião e que voltei direito depois do almoço. Eu lhe falei que eu tinha tido uma emergência médica leve e precisei ir para a farmácia, enquanto invocando uma vez mais a “maré carmesim” nas esperanças que ela acabaria com o assunto. Não teve o mesmo efeito em Irmã Ernestine como tinha usado Brad, porém.

-Então você deveria ter ido para o escritório da enfermeira - era a resposta concisa de Irmã Ernestine. Para meu crime, eu fui nomeada para escrever uma composição de mil palavras na importânci a de honrar os compromissos da pessoa. Adicionalmente, me disseram que se estivesse a leilão antigo de sábado, ajudaria a tripular a mesa de venda de cozedura dos oitavos graduadores. Ao todo, eu suponho que poderia ter sido pior.

Ou assim eu pensei. Ante s que eu colidisse com Paul Slater. Ele estava atalaiando um dos apoios de pedra que sustentam a passagem coberta que é atrás, por que eu não o manchei em meu modo do escritório de Irmã Ernestine para minha classe. Asseada. Ele saiu das sombras da mesma ma neira que eu estava me apressando.

- O viajante retornou – Ele disse.

Eu coloquei a mão sobre meu peito, pensando que isso faria o meu

coração, que havia pulado em minhas costelas no momento em que o viu, voltasse a bater normalmente.

-Por que você tem que fazer isso? – eu demandei – Você me assustou!

-Bem que eu queria – o sorriso de Paul era decididamente não religioso, considerando o fato de nós estarmos a apenas alguns metros de uma Igreja.- Então por onde você andou?

Eu podia ter mentido, claro.M as qual seria o ponto disso?Ele iria saber a verdade assim que chegasse em casa e o atendente de seu avô lhe dissesse que eu havia passado por lá. Então eu levantei meu ago e ignorando meu pulso alterado, falei:

As sobrancelhas escuras de Paul vieram abai xo tão rápido quanto ele ficou imóvel.

-Minha casa? Pra que você iria à minha casa?

-Para ter uma conversinha. - Eu me gabei. - Com seu avô.

Paul parecia ainda mais surpreso.

-Meu avô? - ele sacudiu a cabeça. - Para que você iria querer falar com meu avô?O cara é um completo vegetal.

-Ele não está bem. - Eu concordei. - Mas ele ainda é capaz de ter uma conversinha.

-Verdade! - Paul disse com sarcasmo. - Sobre Richard Dawson,

talvez.

-Bem, isso - eu disse, sabendo que o que eu ia dizer em seguida ia enfurecê-lo, mas também sabendo que eu não tinha nenhuma outra escolha. - E viagem no tempo.

Os olhos de Paul ficaram enormes. Como eu tinha esperado, ele estava chocado.

-Viagem no tempo? Você conversou sobre viagem no tempo, com vovô vegetal?

-Com o Dr. Slaski - eu o corrigi. - E sim. Eu conversei.

Essas duas palavras – doutor e Slaski – pareceram acertá-lo como dois socos. Ele realmente parecia tão petrificado como se eu tivesse batido nele.

-Você está... - ele parecia não conseguir achar as palavr as certas para se expressar. - Você está maluca? - foi o que ele conseguiu falar.

-Não - eu disse. - E nem o seu avô está. Mas eu acho que talvez você esteja.- Eu continuei – mais aliviada da preocupação agora que eu sabia o que ele pretendia.

-Eu sei que seu avô é Oliver Slaski - eu disse. - Ele mesmo me disse.

Ele simplesmente ficou encarando. Era como se em frente aos seus

olhos a Suze que ele conhecia estivesse se transformando em uma pessoa completamente diferente. E talvez eu estivesse mesmo. Eu estava com certeza mais furiosa com ele do que eu jamais estive. Até mesmo mais do que quando ele tentou se livrar do Jesse pela primeira vez. Porque naquela época ele não sabia o que agora com certeza ele sabia...Que Paul e eu?

É, isso nunca ia acontecer.

-Ele não falou com você.- Paul disse tentando achar alguma esperança, seus olhos azuis tão frios como o mar em novembro. - Ele não fala com ninguém.

-Não com você talvez. - Eu disse. - Porque ele deveria? Já que você o trata desse jeito... Como se ele f osse uma grande inconveniência, um...Como é que você o chama? Ah sim, um vegetal. Quer dizer, seu próprio pai mudou de sobrenome por vergonha dele. Mas se alguma vez você tivesse tomado algum tempo para falar com ele, você saberia que ele não está tão long e assim... E ele tem várias coisas interessantes para falar a seu respeito.

-Eu tenho certeza. - Paul disse com um dar de ombros. - De fato, eu acho que sei o que ele fala, que eu sou a cria de satã, que eu não estou para bem nenhum, e que você deveria fi car longe de mim, e ai, acertei?

-Quase tudo. - Eu disse. - Mas considerando que você planeja viajar de volta no tempo e impedir que o Jesse morra? Eu diria que ele está 100% certo.

Com isso o medo deixou seus olhos – mas não a frieza. Ele até deu uma risadinha, mas foi apenas com uma metade de sua boca. -

Então você finalmente descobriu? Demorou bastante, hem...

Mas eu não o deixei terminar. Eu dei um passo em sua direção até que meu rosto estava a centímetros do dele, e disse com a voz mais dura que eu consegui:

-Bem, eu descobri agora. E se você acha que impedindo o Jesse e eu de nos conhecermos vai fazer com que meus sentimentos por você mudem, vai sonhando!

Paul pareceu machucado. Mas eu sabia que era tudo uma farsa.

Porque Paul não tem sentimentos . Não se ele realmente pretende fazer o que eu acho que ele vai fazer.

Mas ele estava fazendo o melhor de si para provar que eu estava errada.

-Mas suze. - Ele disse com os olhos azuis grandes e inocentes. - Eu estou só fazendo o que você quer. Depois de toda aquela coisa com a Sra. Gurierrez eu fiquei pensando...Eu to realmente tentando consertar as coisas. E salvar a vida do Jesse não é a coisa certa a

fazer? Quero dizer, se você realmente o ama, você tem que querer o que é melhor para ele, não é? E não seria vivendo uma longa e feliz vida o melhor para ele?

Eu pisquei para ele, totalmente abalada com o jeito que ele tinha dito as coisas.

-Isso não é... Eu... - Eu parecia não conseguir fazer com que as palavras saíssem. Tudo que eu podia fazer era fica r parada lá e tremer.

-Está tudo bem, Suze. - Paul disse, colocando uma mão no meu braço – para me confortar, eu supus, na minha hora de necessidade.

- Você não precisa me agradecer. Agora, você não acha melhor a gente voltar? Você não quer que a irmã Ern estine te ache matando aula de novo, quer?

Eu fiquei parada olhando para ele. Eu nunca tinha conhecido alguém tão manipulador quanto ele na minha vida toda... Com exceção talvez do meu irmão mais velho, Brad. Mas o Brad não tinha a inteligência de Paul, e era realmente incapaz de se sair com alguma coisa mais planejada do que uma festa na piscina... E até mesmo essa tinha sido abalada pelos policiais.

-Você está... Está achando muito. - Eu finalmente consegui falar. - Se você acha que salvando a vida do J esse naquela noite em que ele

morreu vai lhe garantir uma vida longa. Quem te garante que Diego não vai tentar na noite seguinte? Ou na próxima? O que é que você faria? Ficaria para sempre em 1850 e viraria o segurança pessoal do Jesse?

- Se for necessário. - Paul disse numa voz cheia de mais de carinho. - Veja você. Eu faria qualquer coisa – qualquer coisa necessária – para ter certeza que o Jesse morra em paz durante seu sono em uma idade bem avançada, para que ele nunca, nunca mesmo, necessite um mediad or.

As luzes vermelhas da academia da missão passavam suavemente por mim enquanto eu digeria suas palavras. Eu sentia alguma coisa horrível subindo pela minha garganta.

-Porque você está fazendo isso? - eu olhei para ele com horror. - Você sabe que isso nunca vai funcionar. Se livrar do Jesse não vai fazer com que eu goste de você. Eu não gosto de você desse jeito.

-Não gosta mesmo? - Paul perguntou com um sorriso que era tão frio quanto seu olhar. - Engraçado. Eu podia jurar que na última vez em que nós nos beijamos, você gostou. Pelo menos um pouquinho. De qualquer jeito foi o suficiente...

Sua voz baixou sugestivamente... Mas agora o que ele estava sugerindo eu não fazia idéia.

-O suficiente para o que? - eu perguntei.

-O suficiente - Paul disse. - Para que você pense em tirar a minha alma do meu corpo e colocar a do Jesse em vez da minha.

Capítulo 8

-Não se incomode em negar isso. - Paul disse enquanto eu olhava para ele em choque. - Eu sei que é isso que você vem planejando desde que eu cometi o erro de te contar.- O calor da mão que ele tinha posto no meu braço pareceu me fisgar. - Essa jogada minha de salvar a vida do Jesse é mais para salvar a minha vida. Porque tipo, eu gosto do meu corpo. Eu realmente não quero desistir dele pro jesse.

Minha boca estava se mexendo – eu sabia que estava, pois o Paul parecia esperar por algum tipo de resposta.

Só que eu não conseguia fazer um único som. Eu estava paralisada.

Porque agora finalmente fazia sentido. A acusação que Paul tinha feito no outro dia em sua cozinha. Que seus planos para o Jesse eram muito mais humanos do que os meus para ele. Porque ele estava planejando salvar o Jesse, quando eu, aparentemente, estou planejando matar o Paul.

Só que é claro, eu não estou.

Mas isso parecia não importar para ele.

-Tudo bem - Paul assegurou para mim. - Eu acho, que é um jeito de flertar, sério. Que você pensa que eu sou bonito o bastante para colocar a alma do seu namorado em mim. Isso prova que, não importa o que você diga, você gosta de mim, um pouco. O u pelo menos que você gosta de sair comigo.

-Isso é tão... - eu finalmente achei minha voz. Infelizmente ela saiu trêmula. Mas eu não liguei. Eu só pensava em provar pra ele o quanto ele estava errado. - Tão mentira! Como você ate mesmo pode... O que teria te dado a idéia de que eu...

-Ah...Vamos lá suze. - Paul disse. - Admita isso. Comigo, a coisa é verdadeira. Não me diga que quando você esta com o Jesse, você não pensa em quanto as coisas podem ficar boas? Mas é tudo uma ilusão? Não é realmente o cora ção dele que você ouve bater. A pele não é realmente quente. Porque ele não tem pele. Está tudo na sua cabeça...Mas isso não está - ele adicionou, delicadamente segurando meus braços com seus dedos.

Até que eu tirei meu braço de perto dele, e deu um passo para trás. Ele parecia ter sido atingido, mas segurou suas duas mãos no alto indicando que não ia me tocar de novo.

- Nossa, tá bom suze. Me desculpe. Mas você não pode negar que

é verdade, quando nós nos beijamos, você não exatamente me empurra, pelo menos não de primeira...

Eu senti minhas bochechas queimando. Eu estava tão envergonhada. Eu n podia acreditar q ele estava falando disso na escola...de todos os lugares....

Especialmente considerando o Jesse? É...Esse era seu novo lugar de assombração. Ele provavelmente estava por perto em algum lugar.

Mas eu não podia negar o que Paul estava dizendo. Quero dizer...Eu podia...Mas estaria mentindo.

-É claro que eu gostei quando a você me beijou – Eu disse, embora eu tinha que praticamente empurrar as palav ras, que pareciam estar entaladas na minha garganta. -Você beija muito bem e sabe disso – O que mais eu podia dizer?Era verdade. -Mas isso não significa que eu goste de você...

Mas isso pareceu não aborrece -lo

-Provando o meu ponto – Ele disse – Que você quer o corpo, porém com a alma de Jesse dentro dele.

- Eu acho que o que aconteceu com Jesse foi horrível – Eu disse tranqüilamente, me referindo ao assassinato – E tudo bem, há muita coisa que eu faria para trazê -lo de volta á vida. Mas não isso.

-Por que não? – Paul disse dando os ombros – Quer dizer... O que está te impedindo?Como você já disse um monte de vezes, eu sou um ser humano repreensível com nenhuma qualidade que me redima... Exceto a minha habilidade com lábios, aparentemente.Então por que não diz um adeus a minha alma, e deixa o Jesse perfeitinho ter uma 2ª chance?

A verdade era que eu era inocente de tudo que ele estava me acusando. Nunca havia me ocorrido fazer o que ele estava me acusando de planejar a um tempo. Ta, Ok, às vezes me passav a à idéia entre um momento e outro, mas eu instantaneamente a apagava.

Mas agora - provavelmente porque ele já estava me induzindo – uma parte de mim realmente se perguntava por que não?Paul não merecia todas as coisas maravilhosas que ele tinha. Ele nem a s apreciava. Ele roubava de pessoas menos afortunadas que ele, não tratava sua família com respeito algum e certamente ele não havia sido gentil comigo... Ou com Jesse.

Então por que eu não podia mandar Paul para o grande desconhecido e deixar o Jesse com o corpo de Paul e sua vida?Jesse merecia uma segunda chance e certamente ele seria um melhor Paul Slater do que Paul jamais havia sido.

É claro que Jesse não aprovaria. Ele provavelmente acharia errado roubar Paul da vida que era legalmente sua, só para que ele pudesse viver de novo.

E seria extremamente bizarro, olhar para os olhos azuis de Paul sabendo que era Jesse olhando por eles.

Mas não seria exatamente como se eu estivesse matando Paul.

Seu corpo ainda estaria vivo.E sua alma estaria...Exatamen te onde a de Jesse está agora, sem propósito, vagando pela terra, sem idéia alguma do que lhe aconteceria no futuro.

Mas ai a sanidade voltou, fria e úmida como a água borbulhante da fonte que havia no centro da Missão. E eu ouvi a mim mesma respondendo a pergunta de Paul - Então por que não diz um adeus a minha alma, e deixa o Jesse perfeitinho ter uma 2ª chance? – a cada palavra, tão tranqüilamente como ele a havia perguntado.

- Hum – eu disse sarcasticamente – Porque talvez isso seria assassinato?

Alguns músculos no maxilar de Paul se contorceram – Homicídio justificável – ele disse – E nós dois sabemos que eu não estaria realmente morto. E eu mereceria não mereceria? Quer dizer, pelos meus pecados?

- Talvez - eu disse me sentindo do mesmo jeito que e u fico depois

de uma sessão de exercícios do meu vídeo de kickboxing. Você sabe, as endorfinas entrando no seu corpo. Porque eu realmente de tive, de uma maneira, um grande exercício. Só que nesse caso, um exercício emocional - Mas a coisa é que não sou ni nguém para o julgar.

-Por que não? – Paul perguntou – Você parece não ter problema nenhum em ME julgar.

Mas ele não ia me pegar daquela forma.

– Seu avô me avisou que quando ele percebeu todas as coisas que os mediadores poderiam fazer, ele cometeu o e rro de achar que era Deus – Eu disse a ele – E olhe onde ele está agora? Eu não irei cometer o mesmo erro.

Paul apenas piscou.Eu acho que ele realmente achava que eu iria fazer aquilo.A coisa de transferência de alma, eu digo.Agora que havia tirado todo o vento da navegação dele, ele parecia... Tão atordoado quanto eu estive antes.

-Conseqüentemente você vê - Eu disse tentando tirar vantagem - Seu duro plano de voltar –no - tempo para salvar o Jesse? É uma coisa inútil. Porque, só uma coisa, você não pode viajar no tempo a menos que a pessoa que está indo ajudar, realmente queira a sua ajuda. Jesse definitivamente não quer. Outra coisa, eu nunca pensei

em roubar o seu corpo e dá -lo ao Jesse, Paul. Mas, você sabe, você pode continuar se lisonjeando em pensa r que eu estava, se isso o fizer feliz.

Eu não devia ter dito isso, descobri um momento tarde demais, foi completamente assim irreverente. Pelo menos não então. Porque quando eu tentei dar uma volta em seguida por ele jogando o meu cabelo num lance para mostrar meu desdém para ele - algo pareceu me agarrar. Coisa que em seguinte eu soube, sua mão tinha disparado para fora e tinha travado o meu braço em um aperto que me machucou.

- Não. Ah, você não - ele disse estupidamente. - Você não pode sair assim facilmente - Mas ele estava errado. Porque em seguida, a mão de Paul tinha sido erguida pra fora de mim e seu braço foi dobrado para trás, o que me pareceu ser uma posição dolorosa, mas bonita.

-Ninguém nunca te disse - Jesse perguntou, em uma voz semi - divertida, -que um cavalheiro nunca coloca a mão em uma dama? - O que eu achei meio engraçado, considerando onde que o Jesse havia colocado sua mão na última vez que nós tínhamos nos visto. Mas eu achei melhor deixar essa passar.

- Jesse – Eu disse – Eu estou bem, você pode soltá -lo.

Mas Jesse não o soltou.Se alguém passasse por ali, iria ver Paul curvado em um ângulo muito peculiar, com o rosto branco de dor.Porque, é claro, somente eu e ele podíamos ver o fantasma que o estava segurando.

Eu não ia fazer nada com ela – Paul insistiu com uma voz sufocada

– Eu Juro.

Jesse olhou para mim, em busca de confirmação.

- Ele te machucou Suzannah? – Ele perguntou

E balancei minha cabeça.

– Eu estou bem – eu disse

Jesse segurou Paul por mais um segundo ou dois – eu acho que só pra provar que ele podia – e então o soltou, então Paul caiu com suas mãos e joelhos nas pedras que formavam a breezeway da entrada.

-Você não tinha que chamá -lo - Paul disse pra mim com a dignidade ferida.

-Eu não chamei - eu estava dizendo a verdade.

-Ela não teve - Jesse disse, indo ao encontro a uma das colunas da substenção dos Breezeway. Ele cruzou os seus braços e olhou Paul seriamente enquanto ele se levantava.

-O que você disse, apaga um distúrbio na força ou alguma coisa semelhante? - Paul perguntou testando-o.

-Alguma coisa semelhante - Jesse olhou de Paul a mim e então pra trás outra vez. - Existe alguma coisa aqui que eu deva saber?

-Não - Eu disse rapidamente, tão rapidamente, talvez, desde que uma das sobrancelhas de Je sse - a que tinha uma cicatriz - foi completamente pra cima. Paul, para minha fúria, começou a rir com sarcasmo.

-Oh, claro - ele disse. - Vocês dois tem um relacionamento bom. É realmente muito bom, levando em conta o quão honesto vocês são um com o outro.

Jesse estreitou os seus olhos escuros no sentido de Paul. Isso pareceu fazer com que a sua risada secasse, sem Jesse ao menos dizer uma palavra.

Então Jesse girou seu olhar penetrante em mim.

-Não é nada - eu deixei escapar, sentindo um pânico repen tino. - Paul estava só... Ele estava pensando em fazer algo a você. Mas ele mudou de idéia. Não é Paul?

-Não, na verdade não -, Paul disse. - Olha, eu tive uma idéia. Vamos perguntar a Jesse o que ele quer, que tal? Ele começou a dizer, Jesse, Como você s e sentiria se eu dissesse o que eu posso -.

-Não, - Eu interrompi ofegante. De repente, estava ficando difícil respirar. - Paul, realmente não é necessário, Jesse não -.

-Agora, Suze - Paul disse como se fosse Três anos mais velho. - Vamos permitir que Jesse decida. Jesse, se eu lhe dissesse as maravilhosas outras coisas que nos mediadores podemos fazer, como, viajar no tempo? É isso que eu tinha oferecido, viajar no seu tempo, na noite em que você morreu, supostamente - e salvar a sua vida. O que você diria disso?

O olhar escuro de Jesse Não deixou os de Paul, nem sua expressão indecisa e fria. Não, nem por um segundo.

-Eu diria que você é um mentiroso - essa foi a resposta calma que Jesse deu a ele.

-Veja, pense no que você pode dizer disto - Paul era seguro e confiante a dar aquela oferta de viajar no tempo e ele era tão persuasivo. - Mas eu estou aqui pra dizer que isso é verdade absoluta, Jesse, Você não precisava ter morrido naquela noite. Eu posso voltar no tempo e alertar você. Bem, você não me conhecerá, claro, mas eu acho que poso dizer à você - que eu sou o futuro - que eu vim do futuro e que você vai morrer se não fizer o que eu lhe digo, você irá acreditar em mim.

-Você acreditaria? - Jesse perguntou na mesma voz calma mortal.

- Porque eu não.

Isso selou Paul por um segundo ou dois, foi aí que a minha respiração se tornou fácil outra vez. Meu coração cambaleou com afeição para o homem que se inclinava para o encontro da coluna de pedras ao meu lado. Eu não deveria ter me preocupado em esco nder isso de Jesse. Jesse jamais escolheria a vida ao invés de mim, nunca, ele me amava muito.

Pelo menos foi assim que eu pensei, antes de Paul começar a se sentir seguro de si mesmo outra vez.

-Eu acho que você não está entendendo o que eu estou dizendo aqui. - Paul agitou sua cabeça - Eu estou falando sobre dar a sua vida de volta, Jesse. Não essa vida que você está vagando por aí ha 150 anos, assistindo as pessoas que você ama crescendo, ficando mais velhas e morrendo, um por um. Não é essa Jesse, Você viverá. Será um senhor maduro. Eu posso, você sabe, me livrar daquele cara, o Diego, o que matou você. Como você pode dizer não a uma oferta como esta?

-Assim - Jesse disse com harmonia. – Não.

Sim! Eu pensei com alegria. Sim!

Paul piscou. Uma. Duas vez es.

Daí ele disse, com sua voz amigável que ele esteve em momentos atrás:

-Não seja um idiota, eu estou oferecendo a você uma chance de viver novamente. Viver. O que você irá fazer, ficar por aqui o resto da eternidade? Você vai assistir ela ficar velha - ele apontou o dedo para mim - E eventualmente voltar espanar restos mortais como você fez com a sua família? Não se lembra da sensação? Você quer passar tudo aquilo de novo? Você quer sacrificá -la de ter uma vida normal - casamento, crianças, netos - só para estar com você, quando você nem pode sustentá -la, não pode nem-

-Paul pare com isso -, Eu mandei porque eu consegui ver o rosto de Jesse ficando com menos e menos expressões a cada palavra. Mas Paul não parou. Não por um longo tempo.

-Você pensa que está fazendo a ela algum favor estando por aqui?

-Pare com isso - eu gritei para Paul enquanto eu agarrava os braços de Jesse. Então duas coisas aconteceram de uma vez. A primeira foi que as portas da sala de aula em torno de nós se abriram e os estudantes começaram a sair para as trocas de sala. A segunda era que eu prendi as duas mãos de jesse com as minhas, olhando ansiosamente em sua cara. -Não escute ele, por favor. Eu não me importo com essas coisas, casamento e crianças. Tudo o que eu

quero é você.

Mas era tarde. Eu podia dizer bem tarde. Alguma coisa que Paul tinha dito estava começando a incomodá -lo, magoá-lo. A expressão de Jesse tinha crescido incomodada, e ele pareceu incapaz de olhar no meu olho.

-Isso significa - Eu disse, dando a ele uma expressão frustrada. - Não dê atenção a uma palavra que ele diz!

-Hum, Olá Suze.- era a voz de Kelly Prescott. - Falando muito com as paredes? - Eu dei uma olhada por cima dos meus ombros e lá estava ela com o seu modelinho Dolce & Gabbana, sorrindo com deboche para mim. Eu soube, claro, o que ela via. Eu com as minhas mãos levantadas segurando Jesse, mas para ele eu estava apenas segurando o ar e falando com uma das colunas do Breezeway.

Como eu já não tenho uma reputação das boas. Agora eu realmente sabia o quanto era estranho, menos pra mim o que eu estava fazendo.

Mas quando eu voltei a minha atenção para dizer a Jesse que nós terminaríamos essa conversa depois, mas já era tarde. Ele tinha desaparecido. Eu girei as minhas mãos para a cara de Paul, qu e estava, ainda, olhando irritado e na defensiva ao mesmo tempo.

-Muito Obrigada - eu disse pra ele.

-Não fale nada - e foi aí que ele saiu, assobiando.

Capítulo 9

-Tem trigo nisto? Uma mulher com óculos escuros enormes que pareciam vir da China, pergu ntou pra mim apontando pra um bolinho de chocolate:

-Sim - eu disse

-E neste - ela apontou para um Brownie.

- Sim - eu disse

- E nisso? - Ela apontou para um bolinho de casamento mexicano.

-Sim.

-Você está me dizendo - ela perguntou nervosa e indigna da - Que há trigo em todos esse bolinhos? - ela apontou para os gostosos e bem assados.

Eu abaixei a minha cadeira nervosa, me inclinando o máximo me preocupando em na inclinar de mais a ponto de cair.

-Porque Tyler não come trigo - a mulher virou-se e mostrou uma criança que estava ao lado dela. Os olhos azuis dele piscaram pra mim enquanto a mãe apertava a sua bochecha mostrando as unhas que estavam perfeitamente bem feitas. - Ele está fazendo uma dieta sem gluten.

-Tente um desses - Eu disse apontando para as barras de limão.

-Têm leite nesses? - a mulher perguntou com ar de suspeita. -

Porque Tyler está fazendo uma dieta sem lactose também.

-Sem gluten e sem lactose, eu prometo - Eu disse

A mulher me deu um dólar, e eu lhe entreguei as barras de li mão.

Ela deu a barra de limão pra ele, que, em falar nisso, ele deu uma mordida enorme... Então ele me deu um deslumbrante sorriso - era a primeira coisa do dia que ele devia estar comendo, sem dúvida. Sua mãe pegou a mão dele e saíram caminhando. AO meu l ado, Shannon, minha companheira de vendas de bolinho, olhou apavorada.

-Têm trigo e lactose naquelas barras de limão - ela disse.

-Eu sei - Eu abaixei a parte traseira da minha cadeira de novo. - Eu me senti mal por causa do garotinho.

-Mas...

-Ela não disse que ele era alérgico. Ela apenas disse que ele estava fazendo dieta sem gluten e sem lactose. Pobre criança.

-Suu-uuze,- uma garota da oitava série disse, dando múltiplas silabas ao meu nome. - Você é tão legal -. Seu irmão Dave disse que você era legal, mas eu não acreditei nele.

-Ah, eu sou legal - eu assegurei pra ela. Era estranho alguém chamar David de "Dave". Ele era David pra mim.

-Você é sim - Shannon disse séria e irônica.

O que quer que seja. E essa era a história da minha vida, ajudar a vender bolinhos numa barraca enquanto muitos apreciavam um sábado perfeito. O céu estava Tão lindo e o dia estava quente. A temperatura estava pairando em uns setenta graus extremamente confortáveis. Um dia bonito para a praia, ou um cappucino, um café ao ar livre, ou até mesmo uma caminhada.

E onde eu estava? Ah, que eu estou recrutando a oitava série na barraca de vendas de bolinhos do leilão antigo da Missão.

-Eu não pude acreditar quando a irmã Enestine nos falou que deveríamos estar ajudando fora da cabine - Shannon estava dizendo.

Shannon, pelo que descobri, não é tímida. Ela gosta de conversar. Muito. - Isso é, você está no 11º série e tal . E você sabe. É tão legal.

Legal. Ah, certo.

Eu não esperava que tantas pessoas fossem aparecer no leil ão. Ah, claro, poucos pais, ansiosos para ver como eles se importão com a educação dos seus filhos. Mas não, você sabe coletores de antiguidades ansiosos.

Mas era exatamente esses que estavam aqui. Havia pessoas de todas as partes, que eu nunca vi antes. Todos andando por aqui, “olhando” os intens que seriam leiloados, e sussurrando

conspiratóriamente para outro. Por acaso, alguns deles pararam por nossa cabine e descansaram comendo Rice Krispies ou outras coisas. Mas a maioria tinha seus olhos voltados n o prêmio...Neste caso, alguma coisa feia, parecida com uma pássaro na gaiola, ou algum relógio velho do Mickey Mouse, ou um globo de neve com a ponta dourada ou algo parecido com isso.

Você pode imaginar minha surpresa quando ela se levantou sobre o palco ao término do pátio e pode anunciar no microfone, em frente a todos os muitos coletores de antiguidades juntos lá, que na ausência do monsenhor, a leilão seria feito por ninguém menos que Andy Ackerman, anfitrião famoso de um espetáculo de conserto na tv a cabo...

... E meu padrasto

Eu vi o Andy subir no palco, ondulando modestamente e parecendo envergonhado por causa de todos os aplausos que ele estava conseguindo. Não segura de que pudesse haver qualquer coisa possivelmente mais embaraçosa do que isto , eu comecei a me esquivar para abaixo em minha cadeira...

Ah, mas espera, havia algo mais embaraçoso do que meu padrasto narrando o leilão de antiguidades escolares. Também havia o fato que a maioria dos aplausos que ele estava conseguindo estava vindo

de uma mulher na fila dianteira. Minha mãe.

-Ei - Shannon disse. - Aquilo não é...

-Sim - eu a interrompi. - Sim, é.

Alguns minutos depois, o leilão começou com Andy fazendo uma imitação muito boa desses leiloeiros você vê na televisão, um que realmente fala rápido. Ele estava gesticulando uma cadeira de plástico laranja feia e declarando isto "Eames autêntico" e perguntando se qualquer um estava disposto a dar cem dólares para isto.

Cem dólares? Eu não teria negociado um saboroso Rice Krispies por isto.

Mas não iria saber isto, as pessoas na audiência estavam erguendo as notas delas e logo a cadeira foi por 350 doláres! E ninguém até mesmo se queixou do roubo que aquilo era.

Claramente Irmã Ernestine tinha impressionado nesta audiência quando a escola precisou de seu repavimento de tribunal de basquetebol, porque as pessoas estavam jogando fora o pouco dinheiro delas nos pedaços mais unúteis de lixo. Eu vi o tia Pru de CeeCee e meu próprio professor de história, o Sr. Walden ambos licitação um contra o outro para um abajur extremamente horroroso.

Tia Pru ganhou finalmente - Por 175 dólares. - Então caminhou para

a direção de Sr. Walden, aparentemente para se regozijar. A não ser que alguns minutos depois, eu os vi juntos tomando uma limonada e os escutei rindo sobre compartilhar custódia do abajur, como se isto fosse uma criança em uma determinação de divórcio. Shannon, enquanto observando isto, falou:

-Ual, aquilo é atraente, não é?

A não ser claro, que não era totalmente. Não é atraente quando a tia estranha de sua melhor amiga e seu professor de História fazem uma conexão de amor, e você não pode ligar para o sujeito que você gosta porque, oh adivinhe só, ele é um fantasma e não tem um telefone.

Não que eu fosse ligar para Jesse, eu não tinha mu ita coisa para dizer a ele. O que ia eu dizer, poderia ser: "Ah, sim, a propósito, o Paul quer viajar no tempo e fazer com que você não morra. Mas eu planejo impedi-lo. Porque eu quero que você vague no inferno durante aproximadamente cento e cinqüenta ano s, assim você e eu podemos andar no carro de minha mãe. Certo? Tchauzinho".

No entanto, isso não era o que ia acontecer. Paul não iria voltar no tempo, eu acho. Porque ele não tinha a âncora de que seu avô havia falado. A âncora que liga ele e a noite que Jesse morreu.

Ou então era o que eu dizia a mim mesma - o que eu reafirmava

para mim mesma — até o momento que Andy segurou a fivela de prata do cinto que Brad tinha achado enquanto limpava o sótão.Quando ele achou isto — enfiado entre as ripas do chão a baixo da janela do sótão — isto tem sido a sua coisa velha manchada e eu raramente olhei para isso duas vezes. Andy jogou isso na caixa marcada Leilão da Missão e não pensou nele de novo.

Quando ele segurava isso agora, eu vi que estava brilhando na luz do sol da tarde. Alguém tinha lavado e polido. E agora Andy estava pensando sobre como isso era um artefato de quando nossa casa tinha sido o único hotel da área — um jeito sofisticado de dizer que isso era realmente uma pensão — e que a sociedade Histórica de Carmel datou de aproximadamente 150 anos de idade.

Quase ao mesmo tempo em que meu namorado morreu.

-O que eu vou conseguir por essa brilhante fivela de prata? – Andy quis saber. – Um pedaço real de trabalho manual fora de moda. Olhe os detalhes de ornamentação do D cravado nele.

Shannon, sentando do lado dele, de repente disse:

- O seu irmão fala de mim? Dave, eu quero dizer.

Eu estava preguiçosamente observando o meu padrasto. O sol estava muito forte e estava difícil pensar em qualquer coisa q ue não fosse o quanto eu desejava estar na praia.

-Não sei – eu disse – Eu entendia a dor da Shannon claro, ela tinha uma queda pelo cara. Tudo que ela queria saber era se ela estava ou não perdendo seu tempo.

Como irmã do objeto de sua afeição, entre t anto, tudo que eu podia pensar era… eca. Também, David é muito jovem para ter uma namorada.

-Um dos membros da Sociedade Histórica – não pense que eu não vejo você ai, Bob- disse Andy rindo – Até aventurei que essa fivela possa ter pertencido ao clã Dieg o, muito antiga e respeitada família, que se estabeleceu nessa área, quase há duzentos anos atrás.

Respeitada, uma ova. Os Diegos — ou pelo menos o fantasma de um dos membros da família que eu tive a má sorte de encontrar - tinham todos sido de ladrões e assassinos.

-Eu acho que por essa razão e não apenas por sua intrincada beleza- Andy continuou – Esta peça vai ser muito procurada por colecionadores um dia... E quem sabe, talvez até hoje em dia!

- O David não fala muito sobre garotas em casa – eu disse para Shannon. – Pelo menos, não comigo.

-Ah. – Shannon parecia desapontada - Mas você acha… Bem, você acha que se ele gostasse realmente gostasse de uma garota seria alguém assim como eu?

- Vamos começar as ofertas para essa ótima e autentica jóia com 100 dólares - Andy disse. – Cem dólares, sim, temos cem dólares. Que tal cento e vinte e cinco dólares?Quem dá cento e vinte e cinco dólares?

Eu pensei sobre o que Shannon tinha me perguntado. David, uma namorada? O mais novo dos meio -irmãos, eu não poderia imaginar David com uma namorada, muito menos imagina -lo atrás de um volante ou até jogando futebol. Ele só não é esse tipo de cara.

-Trezentos e cinqüenta – Eu ouvi Andy dizer – Eu ouvi trezentos e cinqüenta?

Mas eu supus que David dirigiria um carro . Quer dizer, eu dirijo agora e houve um tempo em que minha família se desesperava que isso um dia pudesse acontecer. Fazia sentido que um dia David tivesse dezesseis e fizesse as mesmas coisas que seus irmãos mais velhos Brad, Jake e eu estávamos fazendo. ..Você sabe, dirigir, sair com membros do sexo oposto.

-Meu Deus, Bob – Andy disse no microfone - Você não estava brincando quando mencionou o quão importante esta peça seria no leilão hoje. – Eu tenho setecentos dólares. Ok, setecentos e cinqüenta. Eu ouvi oitocentos?

-Claro – Disse para Shannon. – Eu quero dizer, por que o David

não gostaria de você?Eu quero dizer, se ele gostasse de alguém mais do que outro alguém, o que não estou dizendo que ele goste. Bom, pelo menos que eu saiba.

-Verdade? – Shannon parecia preocupada – Porque o Dave é realmente inteligente. Eu acho que ele provavelmente só gostaria de garotas inteligentes. Mas eu não estou me dando bem em Matemática.

-Eu tenho certeza que o David não se importaria com algo assim – eu disse, muito embora eu não estivesse certa disso. – Até então, se sabe que você é uma pessoa legal e tal.

-Verdade? - Shannon corou. Realmente acha isso?

Meu Deus, o que eu tinha dito?

Felizmente naquele momento, Andy bateu forte com seu martelo e distraiu a Shannon gritando:

-Vendido por mil e cem dólares.

-Uau - Shannon disse. – Isso é muito dinheiro.

Ela não era a única em choque. Havia um som espantado na multidão. Mil e cem dólares foram o máximo que qualquer item que o conjunto tenha conseguido até agora. E u estiquei o meu pescoço para ver que tipo de bobo tinha dado todo esse dinheiro para queimar nesse tipo de lixo. E estava espantada que Andy ainda

estivesse segurando a fivela que Jake tinha achado no sótão...

... E aquele Paul Slater, dentre todas as pes soas, estava abrindo caminho para pegar sua peça.

Eu observei enquanto Paul, parecendo satisfeito, apertou a mão do Andy, pegou a fivela e sacou o seu talão de cheques.Que perdedor, eu pensei. Quer dizer, eu já sabia há muito tempo que Paul era um esquisitão, mas jogar fora o seu suado – nem tão suado assim, realmente - eu tinha quase certeza que ele estava pagando pela fivela com fundos roubados dos Gutierres – Pedaço de lixo como aquele... Bem, isso era loucura.

Não fazia sentido algum. Porque Paul Sl ater gastaria mil e cem pratas em uma fivela amassada... Se ela pelo ou menos tivesse sido polida e pudesse ser ligada ao seu dono original, alguém do clã Diego?

E então, como se alguém tivesse batido com o martelo do Andy na minha cabeça, finalmente fez algum sentido, e tudo ficou claro. E eu comecei a sentir como seu eu pudesse atirar todas aqueles bolinhos que nós estávamos secretamente jogando nas costas da irmã Enerstine. Eu acho que devo ter mostrado no meu rosto, já que ela respirou fundo e pergunto u:

-Você está bem?

- Bar do limão estragado – eu disse – Já volto. - Eu levantei e corri da mesa de bolinhos, em volta das filas de cadeiras desmontáveis e ai subindo o corredor do palco onde Paul estava em pé. Mas antes que pudesse chegar em algum luga r perto dele, alguém me agarrou pelo braço.

Meu coração estava batendo tão rápido por conta dessa história Paul- tentando- manter - meu- namorado - sem – morrer que eu quase pulei uma milha no ar, eu estava ofegante, mas quando eu me virei, era apenas minha mãe.

-Suze, querida – ela disse, sorrindo lindamente para Andy atrás do seu pódio. – Isso não é engraçado? Andy não está maravilhoso?

-É – eu disse – Sim, mãe.

- Ele nasceu para isso, não foi? – ela está tão apaixonada por esse cara. Isso é completamente nojento. De uma maneira boa, eu acho, mas ainda nojento.

- Sim - eu disse – Olha, eu tenho que...

Mas eu não deveria ter me preocupado. Porque Paul me achou.

-Suze – disse ele descendo os degraus do palco. Eu estava muito atrasada, a transação estava completa, a fivela já estava em suas mãos - Legal encontrar você aqui.

- Eu preciso falar com você – eu disse mais intensamente do que

eu desejava, porque tanto minha mãe, quanto a Irmã Enerstine, que estava perto do Paul ainda com o cheque em suas mão, viraram para me olhar.

-Suze, querida, você está bem?

-Eu estou ótima – eu disse rapidamente. Eles podiam dizer que meu coração estava batendo uma milha por minuto e minha boca estava tão seca quanto areia? – Eu apenas preciso falar com Paul bem depressa.

- Quem está tomando conta da barraca de bolinhos? – quis saber irmã Enerstine.

-Shannon está controlando – eu disse, pegando Paul pelo braço, ele estava nos observando – minha mãe, irmã Ernestine e eu – com um sorrisinho sarcástico, como se tud o que nós estamos dizendo o divertisse muito.

-Bem, não a deixe sozinha por muito tempo – disse severamente irmã Enerstine – dava para ver que não era bem o que ela queria dizer, porém, era até onde ela queria ir na frente da minha mãe.

-Pode deixar, irmã – eu disse.

Então eu puxei o Paul para longe do palco e para trás de uma das mesas onde estavam expostos ao resto das coisas que estavam para se leiloadas.

-O que você pensa que está fazendo? – eu sussurrei para ele no momento que nós estávamos fora d a audição.

-Bem, Suze – ele disse parecendo que estava achando a situação muito divertida – Bom te ver também.

-Ah, não vem com essa – eu disse, estava meio difícil fala com a minha boca seca e tal, mas eu não ia desistir. - Para que você comprou aquela fivela?

-Isso? – Paul abriu seu punho e eu vi um flash prateado brilhando ao sol por um segundo antes que ele fechasse seus dedos novamente. – Ah, não sei, só achei que era bonita.

- Mil e cem dólares pela beleza? – Eu o encarei esperando que ele não visse o quanto eu estava tremendo. – Fala sério Paul, eu não sou estúpida. Eu sei porque você comprou essa coisa

-Sério? – O sorrisinho de Paul foi mais enfurecedor do que o normal –Me esclareça.

- Só que não vai funcionar – meu coração estava batendo e m minhas costelas, mas eu não tinha como voltar atrás. O último nome de Jesse é de Silva, é um S e não um D. Essa fivela não é dele.

Eu esperava que essa novidade tirasse aquele sorrisinho irritante do seu rosto, só que não tirou.

Os cantos da sua boca nem se moveram.

-Eu sei que não é a fivela de Jesse – disse ele displicentemente – Algo mais, posso ir agora?

O encarei. Eu podia sentir o meu pulso diminuindo, e o zumbido que estava no meu ouvido desde que eu descobri que ele era o novo dono da fivela, de repente desapareceu. Pela primeira vez em muitos minutos, eu pude respirar fundo, antes só conseguia respiração curta.

- Então...Então você sabe – eu disse me sentindo ridiculamente aliviada – Você sabe que não pode usar isso para voltar no tempo e salvar o Jesse.

-Claro – Paul disse, seu sorriso crescendo mais do que nunca – Porque vou voltar no tempo para impedir o assassino do Jesse. Até loguinho, Suze.

Capítulo 10

Diego. Felix Diego, o homem que tinha matado Jesse, porque a noiva do Jesse, a odiosa Maria, pediu para ele, ela queria se casar com Diego, um traficante de escravos e mercenário, ao invés do homem que o seu pai tinha escolhido para ela se casar, seu primo Jesse.

Mas Jesse nunca chegou ao casamento, isso porque ele foi morto no caminho por Felix Diego, embora naquela época, ninguém

soubesse disso. Seu corpo nunca foi achado. As pessoas – até da família do Jesse – acharam que ele tinha escolhido fugir ao invés de se casar com uma garota que não amava e que não o amava. Maria então se casou com Felix, e eles produziram uma grande quantidade de crianças que mais tarde se tornaram assassinos e ladrões. E, não há muito tempo atrás, o par deles, me fez uma visitinha.

Agora Paul estava indo impedir Diego de matar Jesse…

Provavelmente matando Diego ele mesmo. É fácil para os deslocadores matarem pessoas. Tudo que temos que fazer é remover suas almas dos seus corpos, escoltar eles para sua estação espiritual, o seu destino - não importa qual for, céu, inferno, próxima vida - é decidido, e em seguida de volta para terra, outra morte inexplicável, outro corpo no necrotério

Ou, no caso de Diego, a casa gelada, porque eles não tinham necrotérios na Califórnia em 1850.

Exceto que não iria acontecer assim. Eu não iria deixar Paul fazer isso. Ah claro, Diego merece morrer. Ele era a pessoa mais baixa e sem caráter da terra. Ele matou meu namorado, depois de tudo. Mas se Diego morrer, isso significaria que Jesse não irá morrer. E assim eu nunca iria conhecer ele. Eu sei, é claro, que eu não poderia deter Paul sozinha, eu precisaria de reforço.

Felizmente, eu sabia exatamente onde encontra -lo. Assim que o leilão acabou, e a irmã Enestine nos dispensou com um curto, “Você pode ir agora”. Eu fui para o carro da minha mãe, o qual ela me permitiu graciosamente pegar emprestado para usar durante o dia, na luz, para minha ajuda voluntária na Missão. Paul tinha partido no segundo depois que ele soltou sua pequena bomba para parar o assunto de Feliz Diego. Eu não tinha jeito de ver, realmente, onde ele desapareceu.

Mas eu tinha uma ótima idéia de como saber.

O sol estava começando a se estabelecer quando eu pulei na direção da paisagem, pintando no céu ocidental um profundo laranja queimado, e tornando o mar com cor das flamas. As janelas ao lado dos passageiros refletiram a luz do sol, então você conseguia ver dentro dele.

Mas eu soube que atrás do incandescer dos vidros, as famílias estavam apenas se preparando pra jantar... Como a minha família devia estar. Eu ia estar em grandes apuros pelo o que eu estava fazendo...

...Não pelo fato de tentar impedir Paul de salvar a vida do meu namorado, mas por perder o Jantar. O jantar era a "hora familiar" mais importante para O Andy, era sempre ele que cozinhava.

Mas que escolha eu tinha? Havia uma vida em jogo aqui. E c erto, essa vida pertenceu a um assassino odioso que mereceu morrer. Isso estava fora do caso. Paul tinha que ser impedido. E eu conhecia somente uma pessoa a quem ele poderia possivelmente escutar.

Mas quando eu entrei pela entrada de automóveis, eu vi qu e o meu pânico tinha sido pra nada. Não era só a BMW prata conversível de Paul que estava lá, junto dele estava um Boxster Porsche vermelho que eu reconheci muito bem.

Paul não ia, eu soube, seria uma alternativa dura, de qualquer modo eu tinha que agir l ogo.

Eu estacionei atrás do Boxster, então com pressa eu me dirigi para as etapas de pedra à porta dianteira daquela casa moderna, onde eu me inclinei para tocar a campainha. Uma brisa gostosa vinha do mar. Sentindo-a, parecia quase, que tudo no mundo est ava certo...

Qualquer coisa que estivesse limpa e fresca tinha que ser bom, certo?

Errado, muito errado. A água na baia de Carmel pode ser traiçoeira, com ríspidos perigos, levando em conta de que várias pessoas que estavam de férias e vieram visitar morr eram nela.

Estava cabendo que Paul vivesse Jardas justas longe de algum caminho mortal.

E foi Paul mesmo que abriu a porta. Eu poderia dizer que ele estava esperando um entregador de pizzas e não eu, porque logo que abriu a porta, pegou a carteira do bols o.

Para a sua alegria, quando ele viu que era eu e não por exemplo o meu meio-irmão Jake que é entregador de Pizza. Paul não ficou surpreso, ele simplesmente guardou a sua carteira de volta no bolso e disse com um sorriso lento:

-Suze. A quem eu devo esse prazer?

-Não começa Paul - Eu disse, com sorte, eu acho que consegui esconder a minha voz rouca fazendo uma voz áspera, tentando esconder o que era na verdade, sim, era medo. - Eu Não estou aqui para vê-lo.

-Paul? - Uma voz familiar veio de dentro da cas a. - Certifique-se que eles dêem pra você o acréscimo, você sabe, Whaddyacallèms, os quentes.

Paul olhou sobre seu ombro e eu vi Kelly Prescott - sem sapato, com as correias do seu vestido Betsey Johnson completamente soltas - descendo a escada.

-Ah - ela disse quando viu que quem estava na porta era eu e não o entregador de pizza. - Suze. O que você está fazendo aqui?

-Desculpe interromper - eu disse, com a esperança de que eles não

vissem o quão rápido o meu coração estava batendo por de baixo da blusa branca que a irmã Ernestine me fez usar. - Mas eu realmente preciso trocar uma palavrinha com o seu avô.

-Vovô Vegetal? - Kelly Olhou para Paul curiosa. - Você me disse que ele não consegue falar.

-Aparentemente - Paul disse, o sorriso divertido dele n unca abandona a sua cara - Ele consegue. Mas só com a Suze.

Kelly lançou um olhar sarcástico para mim.

-Nossa, Suze - Ela disse – Eu não sabia que você era assim com as pessoas velhas.

-Eu sou, – Eu disse com um riso nervoso que eu esperei que não soasse tão nervoso para os ouvidos deles quanto soou para meus próprios ouvidos.-Amiga das pessoas velhas. Então... Eu posso entrar?

Eu meio que esperava Paul dizer Não.Eu quero dizer, ele devia saber porque que eu estava lá. Ele devia saber que eu só estava l á para falar com o Dr. Slaski para ver se ele sabia algum modo de impedir o neto de brincar com o passado e bagunçar o meu presente. Porém ao invés de ficar bravo ou até mesmo um pouco chateado.Paul escancarou a porta e disse:

– Seja minha convidada.

Eu entrei e dei um sorrisinho pra Kelly enquanto eu passava por ela e subia a escada para o corredor principal. Kelly não devolveu o meu sorriso. Eu pude observar enquanto eu passava pela sala de estar que a lareira estava acesa e em cima da mesa de centro em frente a um pequeno sofá tinha algumas taças, reparei que devia ter interrompido um momento entre Paul e ela.

Eu tentei não levar aquilo pelo lado pessoal, Paul nunca tinha aberto conhaque nem acendido a lareira durante as muitas vezes em que estive com ele. Isso não importa, eu estava, afinal de contas, comprometida. Mesmo assim me bateu a sensação de que eu tentei fazer demais. Kelly estava a um bom tempo de olho em Paul. Ela seria feliz comendo carne seca e tomando Jerky com ele, mesmo sem fogo na lareira ou um conhaque da marca Courvoisier.

Eu passei correndo pela sala, desci pelo longo corredor que leva ao quarto do Dr. Slaski e eu podia ouvir o programa que passava na TV. Com certeza isso era melhor do que ficar assistindo a beijação do Paul e da Kelly.

Quando eu cheguei no quarto de Dr. Slaski, eu parei e bati, só para ter certeza de que eu não estava interrompendo um banho de esponja ou qualquer coisa. Quando ninguém me pediu para entrar, eu prossegui e empurrei a porta em parte aberta. O criado de Dr.

Slaski estava acomodado em uma cadeira no canto, levando em conta o que, provavelmente era um cochilo bem -ganho. O próprio Dr. Slaski, deitado na cama de hospital dele, parecida estar dormindo muito bem.

Eu odiei acorda-lo, é claro, mas que escol ha eu tive? Eu estava errada pensando que ele poderia querer saber que o próprio neto dele estava pensando em mexer no curso da história, algo que ele tinha me advertido que era um perigo extremo?

-Dr. Slaski? - Eu sussurrei, porque eu não queria acordar o criado - Dr. Slaski? Você está acordado? Sou eu, Suze. Suze Simon. Eu tenho algo realmente importante que eu preciso lhe perguntar.

Dr. Slaski abriu um olho e olhou para mim.

-Isto - ele ofegou e sua respiração não soou direito – Tem que ser bom.

-Não é - eu o assegurei. - Eu quero dizer, não são notícias boas, de qualquer maneira. É sobre Paul.

Dr. Slaski olhou para o teto.

-Por que eu não estou surpreso?

-É só que - eu disse, enquanto decaindo -me sobre a poltrona ao lado da cama dele – É que eu acho que o Paul quer voltar por tempo.

As pálpebras de Dr. Slaski abriram –se um pouco mais:

-Salvar a humanidade das atrocidades de Stalin?

-Hum - eu disse. – Não. Impedir meu namorado morrer.

O avô de Paul fixou seus olhos em mim - E esta é uma coisa ruim... Por quê?

-Porque se o Paul voltar no tempo e salvar Jesse - eu sussurrei, para que o criado não escutasse - eu nunca o conhecerei!

-Paul?

-Não - Eu não pude acreditar nisto. - Jesse!

Dr. Slaski lambeu os lábios rachados dele.

-Porque - ele ofegou - Jesse está...

-Morto, certo? - Eu atirei para o criado ainda dormindo um olhar cuidadoso. - Jesse está morto. Meu namorado é um fantasma.

Lentamente, Dr. Slaski fechou seus olhos.

-Eu não - ele suspirou, - tenha paciência com isso. Eu não estou me sentindo muito bem hoje.

Dr. Slaski! – Eu me inclinei para frente e segurei o braço dele. - Por favor, você tem que me ajudar. Diga ao Paul que ele não pode fazer isto.Conte a ele que não se pode brincar com o tempo, do mesmo modo que você me contou. Fale que é perigoso, que aquilo acabará com ele, assim como acabou com você. Fale algo, qualquer coisa. Mas você tem que conseguir pará -lo antes que ele arruíne

minha vida!

Dr. Slaski, com os olhos ainda fechados, balançou sua cabe ça

lentamente de um lado para o outro.

-Você veio à pessoa errada, - ele disse. - Eu não posso controlar

aquele menino. Nunca consegui. Nunca conseguirei.

-Mas você ainda pode tentar, Dr. Slaski - eu chorei. - Por favor,

você precisa tentar! Se ele salv ar Jesse... Se ele tiver sucesso...

-Seu coração se partirá - Dr. Slaski abriu seus olhos e os fixou em

mim. - Sua vida acabará.

-Sim!

-Quantos anos você tem? - Dr. Slaski quis saber. –

Quinze?Dezesseis? Você realmente pensa que sua vida acabará se

um menino por quem você tem uma atração, nem um menino, um

fantasma! - que desapareceu? Ano que vem, você não se lembraria

dele, de qualquer maneira.

-Isso não é verdade - eu disse através dos meus dentes

friccionados. - O que Jesse e eu temos. . . É a lgo especial. Paul sabe isso. E é por esse motivo que ele está tentando arruinar isto.

Dr. Slaski parecia interessado nisso.

-Ele está? - ele disse com um pouco mais animação. - E por que

ele iria querer fazer o que você está pensando?

-Porque... Eu ruborizei para admitir isto, mas que escolha tive eu, realmente? Eu respirei fundo. - Porque ele pensa que nós deveríamos ficar juntos. Ele e eu. Porque nós somos mediadores.

Um sorriso vago e sem valor apareceu nos lábios secos e sem cor de Dr. Slaski.

-Deslocadores - ele me corrigiu.

-Deslocadores - eu disse. - Tudo que, Dr. Slaski, não está certo, e você sabe disto.

- Pelo contrário - Dr. Slaski disse com uma tosse catarrenta. - Provavelmente é a coisa mais inteligente que o menino alguma ve z fez. Romântico, também. Quase me dá fé nele.

-Dr. Slaski!

-O que tem de tão errado nisto, de qualquer maneira? - Dr. Slaski riu de mim. - Soa para mim como ele estivesse a fazendo um favor. Ou ao seu namorado, de qualquer maneira. Você pensa que es se Jessup..

-Jesse.

-Você pensa que este Jesse gosta de ser o fantasma que é?

Esperando por toda a eternidade, a assistindo viver sua vida, enquanto ele paira no fundo, enquanto nunca envelhecendo, nunca sentindo uma brisa de oceano na face dele, nunc a provando

novamente uma torta de morango (não sei se é isso). É o tipo de vida que você deseja para ele? Você o tem que amar muito, se isso é verdade.

Eu senti minhas bochechas pegando fogo ao ouvir o tom dele.

-Claro que isso não é o que eu quer o para ele - eu disse furiosamente. -Mas se essa é a única alternativa, eu não quero. E nem ele!

-Mas você não lhe perguntou, tem certeza disso?

-Bem, eu.

-Você tem?

-Bem - eu olhei para baixo, incapaz de fixar o olhar nos dele. - Não. Não, eu não tenho.

-Eu não pensei assim - Dr. Slaski disse. - E eu sei por que, também. Você tem medo do que ele dirá. Você tem medo que ele diga que quer viver.

Eu o observei furiosamente.

-Isso não é verdade!

-E você conhece isto. Você tem medo que ele diga que quer viver o resto da vida dele, o modo para o que ele foi suposto, depois de nunca ter a conhecido.

-Tem que ser de outro modo! - eu chorei. - Não pode ser naquele

momento uma coisa ou outra. Paul disse algo sobre transferência de alma.

-Ah - Dr. Slaski disse. - Mas para isso, você precisa ter um corpo disponível sem alma para que você possa transferir a dele.

Eu pensei maldosamente no de Paul.

-Eu penso que eu conheço um - eu disse.

Como se ele lesse meus pensamentos, Dr. Slaski disse :

-Mas você não fará isso.

Eu levantei minhas sobrancelhas.

-Não vou?

-Não, - ele disse. A voz dele estava começando a soar mais lânguida e mais lânguida. - Não, você não vai. Ele vai. Se ele pensa que vai conseguir o que ele quer. Mas não você. Você não tem isto em você.

-Eu faço - eu disse mais furiosa de que eu era capaz.

Mas Dr. Slaski só balançou novamente a cabeça dele.

-Você não é como ele, - ele disse. - Ou eu. Nenhuma necessidade para se pôr sensível sobre isto. É uma coisa boa. Você viverá muito mais tempo.

- Talvez, - eu disse, enchendo de lágrimas meus olhos e olhando desanimada para minhas mãos. - Mas do que adianta, se eu não

estou feliz?

Dr. Slaski não disse nada durante algum tempo. A respiração dele tinha ficado bastante pesada que depois de um minuto ou algo parecido, eu comecei a pensar que ele estava roncando, e o observei, enquanto temendo que ele tivesse dormido.

Mas ele não tinha. - o olhar dele estava fixo em mim.

- Você ama este menino? - Dr. Slaski perguntou finalmente. - Jesse? - eu acenei com a cabeça, incapaz de dizer mais nada.

-Há uma coisa que você poderia fazer - ele ofegou. - Nunca tentei isto, mas poderia dar certo. Não recomendo isto, claro. Provavelmente a colocaria em uma sepultura cedo, como eu estarei, rápido demais.

Eu me inclinei para frente em minha cadeira.

-O que é - eu chorei. - Me fale, por favor. Eu farei qualquer coisa... Qualquer coisa!

-Qualquer coisa que não envolve a matança de alguém, você quer dizer - Dr. Slaski disse enquanto tossia de uma forma que parecia que levaria anos para ele se recuperar. Finalmente, ele se recuperou da tosse e ofegou - Quando você volta...

-Voltar? No tempo, você quer dizer?

Ele não respondeu. Ele apenas olhou para o teto.

-Dr. Slaski? Voltar no tempo? É que o que você quis dizer?

Mas Dr. Slaski nunca terminou aquela oração. Porque a meio caminho disto, a mandíbula dele ficou frouxa, os olhos dele fecharam-se, e ele caiu são adormecido.

Ou pelo menos era isso que eu achei que tivesse acontecido.

Eu não pude acreditar no que estava vendo. Ele está a ponto de me dar uma informação valiosa para eu poder salvar o Jesse, e de repente ele dorme? Qual o sentido disso?

Eu dei tapinhas na mão dele, esperando que isso pudesse aco rda-lo. - Dr. Slaski?- Eu chamei um pouco mais alto. Quando ele não respondeu, o pânico começou.

-Dr. Slaski? - Eu chorei. - Dr. Slaski, acorde!

Meu grito acordou o criado. E o criado se levantou imediatamente, assustado.

-O que está acontecendo?O quê?

-Eu não sei - eu gaguejei. - Ele-ele não acordará.

Os dedos do criado voaram em cima do braço do avô de Paul, para sentir a pulsação.

A próxima coisa que eu soube é que ele tinha agarrado o velho e começou a bater no tórax dele.

-Chame o 911 - ele gritou pra mim.

Eu estava em pé sem entender nada.

- Ele há pouco estava falando comigo - eu disse. - Nós estávamos tendo uma conversa totalmente normal. Eu quero dizer, ele estava tossindo muito, mas... Mas ele estava bem. E então de repente.

O criado teve que dizer isto duas vezes.

-Chame o 911! Chame uma ambulância!

Foi ai que eu reparei que havia um telefone dentro do quarto. Eu o peguei e disquei. Quando a operadora surgiu na linha, eu disse a ela que precisávamos de uma ambulância e dei o endereço . Naquela hora, atrás de mim, o atendente tinha colocado uma máscara de oxigênio sobre o rosto do Dr. Slaski e estava enchendo uma seringa com alguma coisa.

- Eu não estou entendendo – Ele repetia sem parar – Ele estava bem, há uma hora atrás. Ele estava bem!

Eu também não entendia, só se o Dr. Slaski estava bem mais doente do que ele aparentava estar.

Não havia muito que fazer para ajudar, então eu achei melhor ir e contar a Paul que seu avô tinha tido algum tipo de ataque. Eu cheguei na sala bem a tempo de ver Kelly sentada no sofá ao lado de Paul com suas pernas enroscadas nas de Paul como um laço e sua língua colada da boca de Paul...Uma visão que eu pagaria um bom

dinheiro para ser poupada.

Ignorando Kelly, eu disse:

-Paul, seu avô parece estar tend o um ataque de coração ou algo

do tipo.

Paul olhou para mim por olhos meio opérculos. E Kelly quase “me

comeu com os olhos”.

-O que? - Ele disse estupidamente.

-Seu avô - eu ergui uma mão para tirar os cabelos que estavam

por cima dos meus olhos. Eu e sperei que ele não notasse o tremor

em meus dedos. - Uma ambulância está a caminho. Ele deve ter tido

um ataque do coração ou algo do tipo.

Paul não me olhou surpreso. Ele disse Öh¨ com uma voz do tipo

decepcionada... Mas isso foi mais pelo o fato de ter sido interrompido com a sua *sessão beijação* com Kelly do que como o avô dele

estava, todos nós sabemos com ele estava, morrendo.

-Esteja certa - Paul disse começando a tirar os pés de Kelly de

cima dele.

-Pa-ul - Kelly Gritou. Ela deu ao nome deles dua s sílabas, que soou

como Paw-uol.

- Desculpe, Kel. – Paul disse, dando uma tapinha nela. – Meu avô

teve uma overdose com seus medicamentos outra vez. Preciso tomar

conta desses assuntos.

Kelly fez um bico.

– Mas a pizza ainda nem chegou!

- Nós teremos que deixar para outro dia, baby. – Ele disse.

Baby. Eu estremeci.

Então eu entendi o que ele tinha dito. Enquanto ele se movia, passando por mim para entrar no quarto de seu avô, eu o alcancei e segurei seu braço. – O que você quis dizer com overdose de medicamentos? – Eu falei.

- Ah. – Paul disse, olhando baixo para mim com um meio sorriso. – Porque foi isso que aconteceu?

- Como você sabe? Você nem mesmo o viu ainda!

- Hmm. – Ele disse, o sorriso ficou mais largo. – Porque talvez eu tenha contribuído para isso acontecer.

Eu deixei cair minha mão como se sua pele tivesse, de repente, em chamas. – Você fez isso? – Eu não podia acreditar no que eu estava ouvindo.

Exceto pelo fato de que eu deveria ter acreditado. Eu realmente deveria ter acreditado. Porque era Paul.

- Por Deus, Paul, por quê?

- Eu sabia que você estaria vindo vê -lo depois do que aconteceu

hoje no leilão. – Ele disse dando de ombros. – E, francamente, eu não precisava brigar com o homem velho. Agora se você me dá licença...

Ele foi caminhando no corredor no sentido do quarto do seu avô.

Eu olhei fixamente para ele, não acreditando realmente no que eu tinha acabado de ouvir.

No entanto...

No entanto fazia sentido. Esse era o Paul, além de tudo. Paul, um garoto cujo caráter era um pouco duvidoso.

Sentindo-me paralisada, eu voltei para a sala, onde Kelly calçava os sapatos e gritava em seu celular. – Não, eu estou dizendo para você, ela veio entrando aqui, exigindo saber o que eu fazia com seu namorado. Bom, está bem, ela não d isse exatamente isso. Ela inventou alguma história que queria falar com o avô de Paul. É, eu sei, ele não pode falar. Eu sei, você já ouviu uma desculpa mais esfarrapada? Então ela... – Olhando para cima, Kelly me viu. – Ah, desculpe, Deb, tenho que deslig ar, ligo para você depois.

Ela desligou e apenas continuou lá, olhando para mim. – Obrigada. – Ela disse finalmente. – Por estragar o que, de outra maneira, podia ter sido uma noite realmente agradável.

Eu tentei lhe dizer a verdade - que eu não estragara nada. Paul foi

quem aparentemente supermedicou seu avô. Pelo menos, aquilo parecia ser o que ele queria que eu acreditasse.

Mas qual era o ponto? Ela não acreditaria em mim, em todo o caso.

- Desculpe. – Foi tudo que eu disse e comecei a ir em direçã o à porta.

Quando eu a abri, entretanto, eu vi meu meio -irmão, Jake, lá e uma caixa de pizza em sua mão.

- Península Pizza, aquela que entrega em 27 minutos... – Sua voz travou quando me reconheceu. – Suze? O que você está fazendo aqui?

- Apenas indo embora. – Eu disse.

- É, bom, é melhor você ir. – Jake olhou de relance para seu relógio. – Senão você vai se atrasar para o jantar. E papai vai matá -la.

Contudo ainda havia uma coisa a fazer.

- Kelly. – Eu gritei para as escadas. – Sua pizza chegou! – Para Jake eu disse: – Espero que você tenha lembrado da pitada de pimenta.

Então eu saí.

Capítulo 11

Por causa do leilão, Andy estava pondo o jantar na mesa atrasado,

assim eu acabei chagando em casa a tempo. Eu acho que minha mãe não entendeu porque eu estava tão quieta durante a refeição. Ela talvez tenha pensado que eu tinha tomado muito sol na barraca de venda do leilão.

- Irmã Ernestine devia pelo menos ter lhe dado um guarda -chuva.

– Ela disse enquanto ajudava Andy a preparar a carne de porc o. – Aquela menina que estava sentada com você...Qual é mesmo o nome dela?

- Shannon.

Só que não foi eu que disse. Foi David.

- Sim, Shannon. – Minha mãe disse. – Ela é ruivinha, como David. Muito sol pode ser muito prejudicial aos ruivos. Espero q ue ela esteja usando protetor solar.

Eu meio que esperei que David começasse com um de seus usuais comentários - você sabe, as estatísticas exatas sobre os incidentes de câncer de pele que ocorrem em alunos da oitava série no norte da Califórnia, ou algo do tipo. Sua cabeça é cheia de várias informações inúteis como aquela. Em vez disso, ele apenas ficava batendo nas batatas em torno de seu prato, até o Brad, que terminou todas suas próprias batatas, falou:

– Cara, você vai comer isso ou brincar com elas? Porque se você

não quiser, pode me dar.

- David. – Andy disse. – Acabe com o que está no seu prato. –

David pegou um talher e comeu as batatas.

O olhar de Brad passou imediatamente sobre o meu prato. Mas o olhar esperançoso em seu olho desvaneceu -se quando viu quão limpo ele estava. Não, claro, que eu estivesse sentindo vontade de comer. Nem nada.

Mas eu tinha Max, o chachorro -lixeiro da família, ao meu lado, e eu tinha a esperteza de mandar para ele o que eu não queria comer.

- Será que eu posso sair da mesa? – Eu perguntei. – Eu acho que talvez eu tenha tomado sol um pouco demais...

- É a vez de Suze pôr os pratos no lava -louças. – Brad declarou.

- Não, não é. – Eu não podia acreditar nisso. Estas pessoas não entendiam que eu tinha coisas mais i mportantes a fazer do que me preocupar com trabalhos de casa? Eu tinha que me certificar de que meu namorado estava morto, como ele deveria estar. – Eu fiz isso na semana passada.

- Nananinanão. – Brad disse. – Você e Jake negociaram a semana, lembra? Porque ele tinha que trabalhar na entrega de pizzas esta semana.

Já que isto era incontestavelmente verdadeiro - eu mesma tinha

visto a evidência na casa de Paul - eu não podia discutir sobre nada.

- Certo. – Eu disse, empurrando a parte de trás da cadeir a, quase batendo em Max no processo, e me levantei. – Eu farei isso.

- Obrigada, Suzinha. – Minha mãe disse com um sorriso quando eu peguei seu prato.

Minha resposta não foi exatamente graciosa. Eu murmurei:

– Tanto faz. – E entrei na cozinha com todo s os pratos, Max me seguiu próximo aos meus calcanhares. Max ama quando eu estou com a obrigação de lavar os pratos, porque eu raspo tudo em sua bacia de comida, melhor do que pôr no compactor de lixo.

Mas nessa noite, Max e eu não estávamos sozinhos na co zinha. Mesmo que eu não visse mais ninguém lá, eu sabia que havia algo acontecendo quando Max, de repente, levantou sua cabeça de sua bacia e fugiu, seu alimento estava apenas parcialmente comido, com sua cauda entre seus pés. Só uma coisa tinha o poder f azer Max dispensar a carne de porco, e era a visita de alguém do além.

Ele se materializou um segundo mais tarde.

- Ei, filha. – Ele disse. – Como é que você vai?

Eu não gritei nem nada. Eu apenas derramei o Lemon Joy no pote que Andy usa para cozinhar as batatas, enchendo-o, então, com água quente.

- Ótima hora, Pai. – Eu disse. – Você poderia apenas parar de dizer oi, ou fazer alguém alertar você da minha extrema angústia mental?

Ele sorriu. Não parecia nenhum pouco diferente de como ele era no dia em que morreu...Nenhum pouco diferente das dúzias de vezes que ele tinha me visitado desde então. Ele ainda estava com a camisa que tinha morrido - a camisa com a qual eu tinha dormido por muitos anos.

- Eu ouvi dizer que você tinha alguns...Assuntos. – Meu pai disse.

Aquele era o problema com os fantasmas. Quando não estavam assombrando pessoas, sentavam -se ao redor do plano espiritual, e ficavam nos bisbilhotando. Meu pai tinha até mesmo conhecido Jesse...Uma situação que eu contemplava horrorizada à s vezes.

E claro, quando você está morto...Bem...Não há muitas coisas para se fazer. Eu sabia que meu pai gastou uma boa porção de seu tempo livre basicamente me vigiando.

- Tem muito tempo que nós não conversamos. – Meu pai continuou, olhando em torno da cozinha, apreciando-a. Seu olhar caiu nas portas de vidro deslizantes e observou a piscina quente.

Assobiou apreciando. – Isso é novo.

- Andy a construiu. – Eu disse. Eu comecei a limpar os pratos de Andy que ainda tinham carne de porco dentro.

- Há alguma coisa que esse cara não pode fazer? – Meu pai quis saber. Mas ele estava, eu sabia, sendo sarcástico. Meu pai não gosta de Andy. Pelo menos, não muito.

- Não. – Eu disse. – Andy é um homem de muitos talentos. E eu não sei o que você tem visto - ou ouvido - mas eu estou muito bem, pai. Sério.

Eu não esperaria de você qualquer outra coisa. – Meu pai olhou mais de perto para o balcão da cozinha. – Esse granito é verdadeiro? Ou imitação?

- Pai. – Eu quase joguei a toalha de pratos nele. – Fique quieto e diga o que você veio dizer. Porque se for o que eu penso que você veio dizer, nada feito.

- E o que você acha que é? – Meu pai quis saber, dobrando seus braços e inclinando-se para trás de encontro ao balcão da cozinha.

- Eu não vou deixar ele faz er isso, pai. – Eu disse. – Eu não vou.

Meu pai suspirou. Não porque estava triste. Suspirou com felicidade. Na vida, meu pai tinha sido um advogado. Na morte, ele ainda saboreava um bom argumento.

- Jesse merece uma outra oportunidade. – Ele disse. – Eu sei disso. Você sabe disso.

- Se ele não morrer, – Eu disse, atacando o pote de batata com

talvez mais energia do que era estritamente necessário. – Eu nunca o conhecerei. Igual a você.

Meu pai levantou suas sobrancelhas. – Igual a...Ah, você quer dizer que pensou em me salvar? – Ele pareceu satisfeito. – Suze, essa é a coisa mais doce que você já me disse.

Ele falou aquilo. Apenas aquelas doze pequenas palavras. De repente, algo dentro de mim pareceu quebrar e, um segundo mais tarde, eu estava chorando em seus braços...Só que silenciosamente, assim ninguém mais na casa podiam me ouvir.

Ah, Pai. – Eu molhei toda a parte da frente da sua camisa. – Eu não sei o que fazer. Eu quero trazê -lo de volta à vida. Eu quero, realmente quero.

Meu pai afagou meu cabelo e disse na voz mais amável do que você pode imaginar:

– Eu sei. Eu sei que você quer, filhinha.

Isso só me fez chorar mais ainda. – Mas se eu o salvasse, – Eu engasguei. – eu nunca iria me encontrar com ele.

- Eu sei. – Meu pai disse outra vez. – Suzinha, eu sei.

- O que eu devo fazer, Pai? – Eu perguntei, levantando minha cabeça de seu peito e tentando me controlar - sua camisa estava praticamente toda molhada. – Eu estou tão confusa. Ajude -me. Por

favor.

- Suzinha. – Meu pai sorriu para mim, ainda estava alisando meu cabelo com suas mãos. – Eu nunca pensei que veria o dia quando você, de todas as pessoas, admitiria realmente que precisa de ajuda. Especialmente da minha ajuda.

Eu usei a parte de trás da mão para enxugar as lágrimas que continuavam rolando livremente no meu rosto. – Claro que eu preciso, pai. – Eu sussurrei. – Eu sempre precisei de você. Eu sempre precisarei.

- Eu não sabia disso. – Meu pai, em vez de afagar meu cabelo, o despenteou agora. – Mas eu sei de uma coisa. Esta c oisa de deslocamento no tempo. É perigoso?

Eu inspirei.

– Bem. – Eu disse. – É.

- E você realmente pensa, – Meu pai continuou, a pele em torno de seus olhos enrugou. – que eu iria deixar minha filhinha arriscar sua vida para me salvar?

- Mas, pai...

- Não, Suze. – As rugas ficaram profundas e eu podia dizer que ele estava mais sério do que já tinha ficado há muito tempo. – Não por mim. Eu daria qualquer coisa para viver outra vez. – E agora eu vi

que, junto com as rugas, seus olhos estavam úmidos. – Mas não se isso significar que algo de ruim pode acontecer com você.

Eu olhei para ele, meus olhos estavam brilhando com lágrimas.

- Ah, Pai. – Eu disse, incapaz de manter a pulsação de minha garganta.

Ele alcançou uma mão num lado do meu rosto molh ado.

- E eu não preciso falar por Jesse. – Ele disse, inclinando minha cabeça de modo que nos olhássemos nos olhos. – Mas eu acho que eu posso dizer com segurança que ele não gostará da idéia de você arriscar sua vida para salvá -lo mais do que eu. Conhec endo-o, de fato, ele provavelmente gostará muito menos.

Eu levantei minha mão e coloquei -as sobre as dele. Então eu disse:

– Eu sei disso, Pai. Eu realmente sei. E eu não irei voltar no tempo por você se você realmente não quiser que eu faça isso. Mas... Eu ainda não posso deixá-lo fazer isso, Pai. Paul, eu quero dizer.

- Você não pode deixá-lo salvar a vida do garoto que você supostamente ama? – Meu pai disse, não parecendo muito feliz em ouvir isso. – Há algo muito errado nisso, Suze.

- Eu sei, Pai. – Eu disse. – Mas eu o amo. Você sabe disso. Você não pode pedir para eu apenas sentar e deixar Paul fazer isso. Se ele fizer, eu nem mesmo lembrarei de ter conhecido Jesse.

- Certo. – Meu pai disse razoavelmente. – Então você nem ficará triste.

- Ficarei sim. – Eu insisti. – Eu ficarei muito triste, Pai. Porque o nosso sentimento é profundo, eu saberei. Eu saberei que houve alguém...Alguém que eu ia supostamente conhecer. Só que eu nunca vou conhecer ele. Eu irei passar minha vida inteira esperando por e le, só que ele nunca virá. Que tipo de vida é essa, Pai, hein? Que tipo de vida é essa?

-E que tipo de vida, – Meu pai perguntou delicadamente. – é a de Jesse, obrigado a passar toda a eternidade como um fantasma - especialmente se algo der errado e você terminar morta junto com ele?

- Então. – Eu disse com uma tentativa de humor. – Pelo menos nós iremos assombrar as pessoas juntos, por toda a eternidade.

- Com Jesse tendo que viver para sempre com culpa, sabendo que foi a razão de sua morte, em primeir o lugar? Eu não acho isso, Suze.

Ele me venceu. Eu olhei fixamente para ele, incapaz de pensar em uma única coisa para dizer como resposta.

- Suze, sua vida inteira, – Meu pai continuou, não sem simpatia. – você sempre fez as escolhas certas. Não necess ariamente as mais fáceis. Certo. Não bagunce essa agora, quando você está de frente com o que, provavelmente, é a decisão mais importante que você

terá que tomar.

Eu abri minha boca para dizer que ele estava errado...Que eu iria tomar a decisão certa...Q ue eu iria fazer o que eu sabia que Jesse queria.

Só que eu sabia que não havia nenhum ponto em que ele estava errado.

Então, em vez disso, eu disse:

– Tudo bem, Pai. Mas há apenas uma coisa que eu não entendo.

Ele assentiu. – Por que Maroon cinco é tã o popular?

- Hmm. – Eu disse, sorrindo da raiva que eu sentia de mim mesma. – Não. Eu não entendo porque, se você se sente dessa maneira...Que você tinha uma vida boa e que você aprendeu tanto desde que você morreu. Se você se sente assim, então porque é que você ainda continua aqui?

- Você deveria saber. – Ele disse.

Eu pisquei para ele.

– Eu deveria? Como?

- Porque você disse a si mesmo.

- Quando eu...

- Hmm...Suze?

Eu girei e me encontrei olhando, não nos olhos castanhos e

delicados do meu pai, mas sim nos olhos azuis e ansiosos de David.

- Você está bem? – O rosto pálido de David foi comprimido com interesse. – Você...Você está chorando?

- Claro que não. – Eu disse, apressadamente pegando o pano de prato - observando, como eu faço, meu p ai desaparecer - e enxugando meu queixo com ele. – Eu estou muito bem. O que foi?

- Hmm... – David olhou em torno da cozinha, seus olhos se alargaram. – Você...Você não está sozinha?

Fora meu pai, David é único na minha família que sabe a verdade sobre mim...Ou pelo menos, a maior parte da verdade. Se eu lhe dissesse tudo...Bem, ele, provavelmente, colocaria tudo em ordem, com sua mente científica.

Mas eu não acho que ele gostaria disso.

- Eu estou agora. – Eu disse, sabendo o que ele queria dizer.

- Eu entrei apenas para pegar a sobremesa. – David disse. – Meu pai disse...Meu pai disse que fez uma torta de frutas.

- Certo. – Eu disse. – Bom. Eu terminei aqui. Eu só estou indo para o andar superior.

Eu girei para ir, mas a voz de David - ela tinha mudado ultimamente, indo de um som agudo a profundo no curso de alguns meses - parou-me na porta. – Suze. Você tem certeza que está bem?

Você parece...Triste.

- Triste? – Eu olhei para ele sobre meu ombro. – Eu não estou triste. Bem, não triste assim. S ó que...Há apenas algo que eu tenho que fazer. – Porque eu tinha decidido que, já que apesar dos interesses do meu pai, eu não entregaria Jesse ainda. Não sem uma luta. –Algo que eu não estou esperando ansiosa, exatamente.

- Ah. – David disse. Então seu rosto clareou. – Então faça isso rapidamente. Você sabe, como puxar um Band -Aid.

Fazer rapidamente. Eu amei isso. Mas eu não tinha nenhuma maneira de saber quando Paul voltaria no tempo. De tudo que eu sabia, eu podia acordar amanhã com nenhuma lembrança de Jesse.

- Obrigada. – Eu disse a David, controlando um semblante de sorriso.

– Eu manterei isso na mente.

Mas eu não estava sorrindo meia hora depois, quando eu, finalmente, consegui pegar padre Dominic - minha última esperança - no telefone.

Padre Dom não estava exatamente tão simpático para meu empenho como eu esperava que ele estivesse. Eu tive que comunicar a Padre Dom - sobre Paul ter comprado a fivela de Felix Diego, e possivelmente ter drogado seu próprio avô - para poder causar uma

faísca de indignação no velho homem.

Mas o sentimento do padre Dom pareceu na mesma linha do meu pai. Jesse tinha morrido tão jovem, muito violentamente. Ele tinha direito a uma segunda chance na vida. Era moralmente repreensível eu permanecer daquele jeito.

Talvez padre D tivesse outras razões para estar tão otimista. O monsenhor tinha saído de seu coma e parecia estar se recuperando muito bem.

- Hmm. – Eu disse enquanto o padre D dava esta notícia supostamente alegre. – Isso é ótimo, padre D. Agora, sobre Pau l...

- Eu não me preocuparia muito com ele, Suzannah. – Ele disse. – Eu admito que isso é errado, o que ele fez ao seu avô - se, claro, ele realmente tiver feito isso.

- Ele disse que fez, padre D. – Eu interrompi. – Bem, quase.

- Sim. - Padre Dominic disse. – Bem, vocês dois têm uma tendência a, hmm, exagerar na verdade sobre as coisas.

- Padre Dom. – Eu disse, meus dedos apertavam o telefone. – Eu mesma chamei a ambulância.

- Então você disse. Ainda que, Suzannah, para que Paul faça essa coisa - essa viagem no tempo que você disse - Eu entendo que ele teria que ir para o ponto exato onde a pessoa estava no tempo exato

que ele deseja voltar.

- É. – Eu disse. - Então? – Eu não era geralmente rude com padre Dom, mas esta era, você tem que admitir, u ma circunstância atenuante.

- Então isso não significaria que Paul teria que se deslocar de seu quarto? – Padre Dominic soou um bocado distraído. Isso é porque ele estava. Estava querendo voltar para casa. Estava planeando dirigir de volta a Carmel durante a noite. – Não foi onde Diego matou Jesse? No seu quarto? E de preferência é improvável que Paul vá para seu quarto, Suzannah. – Ele continuou. – Não sem sua permissão.

Eu quase deixei cair o telefone. Eu não podia acreditar nisso. Eu não podia acreditar que isto não me tinha ocorrido antes.

Porque padre Dominic estava certo, não havia nenhuma maneira de Paul voltar no tempo, à noite da morte de Jesse...Não a menos que ele entrasse no meu quarto. Porque a única maneira era ele entrar em meu quarto. A ú nica maneira.

- Eu não tinha pensado nisso. – Eu disse com um sentimento crescente. – Mas você está certo. Ah meu deus, você está totalmente certo. Padre Dominic, você é um gênio!

- É. - Padre Dominic disse. – Obrigado, Suzannah. Eu suponho. Embora você deva fazer a coisa certa, permitir que Paul mantenha

Jesse vivo, como ele quer fazer...

- Hmm. – Eu disse. Eu tinha ouvido isso antes, vezes demais.

Felizmente, eu escutei uma chamada em espera nesse momento.

Ótima hora.

- Oops. – É minha outra linha, padre D. – Eu disse. – Tenho que ir.

Vejo você quando você voltar.

Eu pendurei no telefone, sentindo melhor do que eu estava desde...Bem, desde o leilão, de tarde. Jesse estava salvo. Paul não poderia fazê-lo desaparecer, porque para fazer isso, teria qu e ter acesso ao meu quarto. Como era que ele ia encontrar sua maneira de voltar a 1850?

Ele precisava ter um lugar para ficar, algum lugar que existia em 1850 e no presente. Felix Diego tinha estado em algum lugar uma vez. Aonde ele iria? A avenida?

- Alô? – Eu disse, para a outra chamada.

- Suze? – Era Cee Cee, soando ofegante de excitada. – Ah meu deus, você nunca vai acreditar no que acabou de acontecer.

- O quê? – Eu perguntei, não prestando atenção. Porque, realmente, onde mais Paul poderia ir, s e não ao meu quarto?

Ele me convidou. – A voz de CeeCee estava realmente tremendo. – Adam. Adam me convidou para o Baile Formal de Inverno. Nós fomos

ao Coffee Clutch, você sabe, tomamos cappuccinos - nós íamos te

chamar, só que eu sei que você estava no leilão o dia todo...

- Ahan. – Eu disse.

-...E ele me convidou. Eu tive que correr para fora para te ligar. Ele ainda continua lá dentro. Eu só...Ah, meu Deus. Eu tinha que dizer a

alguém. Ele me convidou.

Além disso, não é como se Paul estivesse indo fazer isso logo, em

todo o caso. Voltar no tempo, quero dizer. Não com seu avô no

hospital.

- Isso é ótimo, CeeCee. – Eu disse no telefone.

- Eu acho que eu tenho que voltar lá para dentro e dizer sim. –

CeeCee disse. – Eu devo dizer sim, certo? Ou eu d evo bancar a difícil no começo? Eu não quero que ele pense que eu estou muito ansiosa.

E é no fim de semana que vem. Tecnicamente, ele deveria ter me

convidado há mais tempo...

De repente, eu focalizei no que Cee Cee dizia.

E ri.

- CeeCee. – Eu disse. – Você é maluca? Desligue o telefone, vá

para dentro, e diga sim a ele.

- Eu devo, não devo? Eu só...Quero dizer, eu tenho esperado isso

acontecer há tanto tempo, e agora aconteceu, e eu...Bem, eu apenas

não consigo acreditar.

- CeeCee.

- Desligando agora. – CeeCee disse. E desligou.

Ele e Kelly tinham parecido consideravelmente...Amigáveis naquele sofá. Talvez ele tivesse se rendido. Talvez ele tivesse acabado com aquela coisa de “nós”.

Talvez agora minha vida voltasse ao normal.

Talvez...

Capítulo 12

-É do mesmo diretor de “Tubarão”? – Jesse quis saber – Eu não acredito.

Sábado à noite. Encontro à noite.

E, ok, tecnicamente Jesse e eu não podemos sair à noite (como nos poderíamos, de verdade?) Jesse vem a maioria dos sábados à noite. E verdade, isso não é tão romântico quanto um jantar e um filme. E verdade, nos temos que fazer silencio, pra minha família não suspeitar que eu não estou sozinha no meu quarto.

Mas pelo menos a gente fica junto.

E sim, neste sábado em particular, eu tinha muita c oisa na cabeça, nenhuma que eu tivesse intenção de mencionar a Jesse.

Mas isso não significa que a gente não podia gastar 2hs vendo uns vídeos. Jesse tem muita coisa pra ver, como filmes, considerando o

fato que eles não tinham sido inventados quando Jesse estava vivo. O preferido dele até agora é “O Poderoso Chefão”. Eu espero curar essa fraqueza dele com E.T. Como alguém pode preferir Don Corleone a Drew Barrymore com seis anos?

Mas Drew dificilmente conseguiria fixar a atenção de Jesse.

-Tubarão é muito melhor que isso - Jesse disse.

Tubarão é outro de seus preferidos. Ele nem sempre gosta das partes certas. Ele gosta da parte que todos os homens estão mostrando suas cicatrizes. Não me pergunte o porque. Acho que é uma coisa de garotos.

Finalmente, eu desliguei E.T. -Vamos conversar.

Mas, é claro, eu quis dizer, "vamos fazer algo".

Estava tudo muito bem até quando Jesse parou de me beijar e falou:

-Eu quase esqueci. O que Paul estava fazendo na Missão essa noite? Ele se tornou religioso?

Isto era tão estranho que eu tirei meus braços que estavam em volta o pescoço dele e ofeguei - O que?

-Seu amigo Paul - Jesse disse. Eu posso ter feito pouco caso dele, mas ele não estava fazendo pouco caso de mim. Ao mesmo tempo em que isto era agradável, ta mbém me distraia. Especialmente o

modo como os lábios dele ainda estavam movendo -se ao encontro dos meus. - Eu o vi há pouco tempo atrás na basílica... Que estava fechada, você sabe. Por que ele iria lá a essas horas, o que você acha? Ele não parece o tipo que está querendo seguir a carreia de sacerdócio. A menos que ele recebesse um chamado de repente.

Eu me afastei para longe dele. Bem, se você tivesse sido totalmente pega de surpresa pelo puro terror, você teria feito a mesma coisa.

-Susannah? - Jesse me encarou, cheio de preocupação nos seus olhos castanhos escuros, onde alguns segundos mais cedo. . . Bem, não preocupação. - Você está bem?

-Oh, Deus.- Como eu poderia ter sido tão estúpida? Como, como, como? Aqui estava eu, assistindo filmes – filmes - com meu namorado, nunca suspeitando de tal coisa. Pensando que Paul teria de vir aqui pra casa se ele quisesse voltar ao tempo de Jesse. Pensando que ele não poderia voltar se ele não viesse. Pensando que ele não sonharia em voltar hoje à noite, com o avô dele no hospital. Considerando que Kelly e ele estavam juntos agora, por que mesmo assim ele se incomodaria?

Paul não se preocupava com o avô dele. Ele não se preocupava com ninguém da família dele e nunca se preocuparia. E ele não se

preocupava certamente com Kelly. Por que ele deveria? Kelly não o conhecia, Kelly não sabia o que ele realmente era... E, claro que, havia outro marco neste século que tinha existido no tempo de Jesse. Um lugar que Felix Diego provavelmente tinha ido freqüentemente, durante o tempo dele. A missão. A Missão Junipero Serra que tinha sido construída por volta dos 1700.

-Eu tenho que ir - eu disse, tropeçando em meus pés e vestindo a minha jaqueta. Eu sentia dor no meu estômago. - Eu sinto muito, Jesse, mas eu tenho -.

- Suzannah. – Jesse também estava de pé, segurando meu braço em um aperto que era tão forte quanto delicado. Jesse nunca me feriria. De propósito. – O que é isso? Por que você está assim? Porque você se importa que Paul esteja na basílica?

- Você não entende. – Eu disse. Eu realmente pensei que estava começando a ficar doente. Eu pensei mesmo. Devo ter demonstrado isso em meu rosto, porque o aperto de Jesse em meu braço começou, de repente, a ficar mais apertado...

...Como a expressão em seu rosto começou a f icar muito mais raivosa.

- Tente me explicar, Mi hermosa. – Ele disse com uma voz que era tão dura quanto seu aperto.

E então - não me pergunte como ou no que eu pensava porque, sinceramente, eu não acho que estava pensando - tudo veio à tona. Eu não queria dizer a ele. Não queria, porque eu não queria chateá -lo. Ah Deus, nada disso.

Não, eu não queria que ele soubesse pela mais egoísta das razões: Eu não queria dizer a ele porque eu tinha medo que ele concordasse com padre Dominic e meu pai - que preferiria uma outra chance à vida a ficar como um fantasma por toda a eternidade.

Mas fora isso, o que Dr. Slaski tinha me dito, o que padre Dom tinha dito no telefone há apenas algumas horas. A chuva de palavras que vinha de minha boca não podia ser conti da. Eu queria parar da falar, tão rápido quanto as palavras saíam.

Mas já era tarde. Era tarde demais.

Jesse escutou com firmeza, sem me interromper, mesmo quando eu lhe disse a parte sobre meu negócio com Paul: nosso acordo secreto, que eu iria para as nossas “lições de mediação” na Quarta -feira e em troca ele não iria jogar meu namorado no mundo dos mortos.

- Só que agora ele não quer matá -lo, Jesse. – Eu disse a ele amargamente. – Ele quer salvar você, salvar sua vida. Ele vai voltar no tempo e impedir Felix Diego de matar você. E se ele fizer isso...Se ele fizer

isso...

- Você e eu nunca nos encontraremos. – A expressão de Jesse era calma, sua voz com seu tom normal.

Nunca tinha soado como se quisesse me acalmar. Eu senti como se meu coração estivesse ferido.

- Sim. – Eu disse freneticamente. – Você não entende, eu tenho que ir lá - agora. Agora mesmo - e impedi-lo.

- Não, Mi hermosa. – Jesse disse, ainda com a voz lenta. – Você não pode fazer isso.

Por um segundo, o terror que estava prendendo meu coração, pareceu espremê-lo até que ele parou. Eu pensei que eu morreria, bem ali.

Jesse queria viver. Meu pai, padre Dominic, Dr. Slaski, Paul...Eles estavam certos. Todos eles estavam certos, e eu era a única errada, eu. Jesse preferiria viver à me encontrar, à me conhecer...

...À me amar...

Eu devia saber, claro. E eu estava arrasada, eu sabia. Que tipo de pessoa - especialmente uma que morreu com a idade que Jesse morreu, apenas vinte - não quereria uma outra chance para voltar a viver, se pudesse? Que tipo de pessoa não estaria disposta a dar tudo o que tem por essa possibilidade?

E o que Jesse tinha? Nada. Nada. Apenas eu.

Meu pai me acusou, há algum tempo, de ser a coisa que prendia Jesse aqui, impedindo-o de seguir em frente. Padre Dominic t inha dito isso, também...Que se eu o amasse realmente, eu o deixaria livre.

E agora eu sabia. Jesse mesmo preferia estar livre a estar comigo.

Meu Deus. Eu tinha sido uma tola. Completamente tola.

Então, Jesse soltou meu braço.

Mas em vez de dizer o q ue eu estava esperando que ele dissesse – Você não pode ir impedir dele, porque eu quero uma chance. Eu quero a chance de viver outra vez, se eu puder – ele disse, de repente, com uma voz tão fria quanto o vento lá fora:

– Você não pode ir impedir ele. É muito perigoso. Eu irei. Eu irei impedi-lo.

Eu não tinha certeza se eu tinha ouvido direito. Ele tinha dito - era possível que ele poderia ter dito - o que eu achei que ele tinha dito?

- Jesse. – Eu disse. – Eu acho que você não entendeu. Ele quer salvar você. Impedir que você...Que você morra naquela noite.

- Eu entendo. – Jesse disse. – Eu entendo que Paul é um tolo, que pensa que é Deus. Eu não sei o que faz ele pensar que é certo brincar com meu destino. Mas eu sei que ele não irá ter sucesso. Não

se eu puder impedi-lo.

Minha circulação pareceu saltar para a vida. De repente, eu podia respirar outra vez. O alívio me purificou em ondas altas.

Ele queria ficar. Jesse queria ficar. Preferia ficar a viver. Preferia ficar - comigo - a viver.

- Você não pode fazer isso. – Eu disse, minha voz soou freneticamente alta - até mesmo para meus próprios ouvidos. Aquele alívio que eu senti, me deixou volúvel. – Você não pode impedi-lo, Jesse. Paul irá...

- E o que você pretende fazer, Suzannah? – Ele perguntou agudamente. E se eu não estivesse convencida antes da sinceridade de seu desejo de permanecer neste lugar e tempo, seu tom irritado, então, seria o bastante. – Conversar com ele sobre seu plano? Não. Isso é muito perigoso.

Mas o amor tinha me dado a coragem que eu nunca soube que tinha. Eu vesti minha jaqueta de couro e disse: – Paul não me machucará, Jesse. Eu sou a razão para ele estar fazendo isso, se lembra?

- Eu não quis dizer o Paul. – Jesse disse. – Eu quis dizer a viagem no tempo. Slaski disse que era perigoso?

- Sim, mas...

- Então você não irá fazer isso.

- Jesse, eu não tenho medo...

- Não. – Jesse disse. Havia um olhar em seu olho que eu nunca tinha visto antes. – Eu estou indo. Você permanecerá aqui. Deixe tudo comigo.

- Jesse, não seja...

Mas, um segundo depois, eu vi que estava falando com o ar.

Porque Jesse tinha desaparecido.

Eu sabia para onde ele tinha desaparecido, claro. Ele tinha ido à basílica, ter uma palavrinha com Paul.

E eu apostava que a palavra estaria acompa nhada de um soco.

Eu apostava também que Jesse estava indo tarde demais. Paul não estaria mais na missão, até que ele salvasse Jesse.

Ou, provavelmente, estaria. Mas não na basílica como nós pensávamos.

Havia somente uma coisa, realmente, que eu poder ia fazer, então.

E aquilo não seria, como Jesse tinha incitado, deixar tudo com ele.

Como eu poderia, quando eu podia possivelmente acordar de manhã sem nenhuma lembrança de Jesse?

Eu sabia o que tinha que fazer.

E desta vez, eu não cairia no erro de m e consultar com qualquer

um de antemão.

Eu caminhei através do quarto, levantei meu travesseiro, e retirei a miniatura de Jesse - uma que ele tinha dado a sua noiva, Maria. Uma com a qual eu tenho dormido desde o dia em que eu a tinha roubado - quero dizer - ganhado.

Olhando para o olhar escuro, e confiável, de Jesse, eu fechei meus olhos e imaginei-o...Imaginei Jesse nesse quarto, só não parecendo como agora, com uma cama do dossel e um telefone de princesa (obrigada, Mãe).

Não, em vez disso, eu imagi nei o quarto como ele devia ser parecido há 150 anos. Nenhuma cortina branca sobre a janela que dava para a baía. Nenhum banco da janela com almofadas macias. Nenhum tapete sobre o assoalho de madeira. Nenhum - eca! - banheiro, mas talvez um daqueles, como eram chamados? Ah sim, potenciômetros do quarto.

Nenhum carro. Nenhum celular. Nenhum computador. Nenhum microondas. Nenhum refrigerador. Nenhuma televisão. Nenhum aparelho de som. Nenhum avião. Nenhuma penicilina.

Apenas grama. Grama e árvores e céu e vagões de madeira e cavalos e sujeira e...

E eu abri meus olhos.

E eu estava lá.

Capítulo 13

Eu estava no meu quarto, mas não era ele.

Onde havia o dossel, tinha uma cama de metal. A cama estava coberta com uma colcha brilhantemente colorida, o ti po de colcha que minha mãe teria ficado maluca para comprar, se a visse em alguma loja. Em vez da minha penteadeira com seu espelho grande, estava uma estante de gavetas, com um jarro e uma bacia em cima dela.

Não havia espelho em lugar nenhum, mas no as soalho estava um tapete tecido de...Bem, de um material diferente. Era um pouco difícil de ver realmente bem, porque a única luz que tinha lá era um pouco da luz da lua, que se derramava dentro da janela que dava para a baía. Não havia nenhum interruptor e létrico. Eu procurei por ele, instintivamente, no minuto em que eu abri meus olhos e percebi a escuridão. Onde o interruptor tinha estado havia apenas madeira.

Isso só podia significar uma coisa.

Eu tinha conseguido.

Espere.

Mas onde estava Jesse? Es te quarto estava vazio. Não aparentava como se tivessem dormido na cama recentemente.

Eu tinha vindo tarde demais? Jesse já estava morto? Ou será que eu tinha vindo cedo demais e Jesse ainda não tinha chegado?

Havia apenas uma maneira de saber. Eu coloqu ei minha mão no trinco da porta - só que, claro, não havia nenhum trinco, agora, mas sim uma trava - e saí para o corredor.

Estava quase completamente escuro no corredor. Não havia nenhum interruptor elétrico lá, também. Em vez disso, enquanto eu procurava um, minha mão tocou em um retrato moldado, ou em algo.

...Isso caiu, prontamente, da parede, com uma pancada, embora nenhum vidro tenha se quebrado. Eu não sabia o que fazer. Eu não podia encontrar a coisa que eu tinha acabado de derrubar, estava muito escuro. Então, eu continuei descendo as escadas, andando, graças à minha memória, já que não tinha nenhuma luz para me guiar.

Eu vi um brilho antes de ouvir os passos rápidos se aproximarem no fundo da escada. Alguém estava vindo...Alguém segurando uma ve la. Jesse? Era possível ser ele?

Mas quando eu cheguei no fim da escada, eu vi que era uma mulher que vinha de encontro a mim, uma mulher que segurava não uma vela, mas algum tipo de lanterna. No início, eu pensei que ela

devia ser extremamente gorda, e eu estava tipo, Deus, o que poderia ela ter comido? Não era como se tivessem Twinkles no tempo de Jesse...Hmm, agora, quero dizer.

Mas então eu vi que ela vestia uma espécie de saia com arcos, e que, o que eu tinha visto, era apenas a sua roupa.

- Maria, mãe de Deus. – A mulher gritou quando me viu. – De onde você veio?

Eu pensei que era melhor eu ignorar essa pergunta. Em vez disso, eu lhe perguntei da forma mais polida que eu podia: – Jesse de Silva está aqui?

- O quê? – A mulher levantou ainda mais a lamparina e olhou realmente para mim. – Por Deus. – Ela gritou. – Mas você é uma menina!

- Hmm. – Eu disse. Eu achava que isso era óbvio. Meu cabelo, apesar de tudo, é, consideravelmente, longo, e eu sempre uso ele solto. E tem mais, como sempre, eu est ava toda maquiada. – Sim, Senhora. Jesse está aqui? Porque eu realmente tenho que falar com ele.

Mas a mulher, ao invés de apreciar minha educação, pressionou seus lábios muito firmemente. A próxima coisa que eu soube foi que ela estava alcançando a port a, estava mantendo-a aberta, e estava

tentando me fazer sair por ela.

- Para fora. – Ela disse. – Para fora. Você deve saber que nós não permitimos garotas como você aqui dentro. Esta é uma casa respeitável.

Eu só fiquei lá, olhando para ela. Uma casa re speitável? Claro que era. Era a MINHA casa.

- Eu não quero causar problema, Senhora. – Eu disse, já que eu podia ver como seria um pouco estranho, encontrar uma garota estranha vagando pela sua casa...Mesmo se for uma pensão. Isso aconteceria comigo. Ou, pelo menos, com a minha mãe e seu novo marido. – Mas eu realmente preciso falar com Jesse de Silva. Você pode me dizer se ele...

- Que tipo de tola você pensa que eu sou? – A mulher não soava muito agradável. – Sr. de Silva não gastaria uma hora do seu d ia com uma...Criatura como você. Precisa falar com Jesse de Silva, certamente! Mas fora! Fora da minha casa!

E então, com uma força surpreende para uma mulher em uma saia com arcos, ela me agarrou pela gola da minha jaqueta de couro, e me carregou para fora da casa.

- Boa liberdade para um lixo ruim. – A mulher disse e bateu a porta em minha cara.

Não apenas uma porta qualquer. Minha própria porta. Minha própria porta da frente, da minha casa.

Eu não podia acreditar naquilo. Do que eu tinha sido conduzi da a acreditar, de Jesse e daquele livro “Pouca casa na pradaria”, as coisas do século XIX eram todas do tipo preparar manteiga e ler ruidosamente em volta da fogueira. Nada sobre senhoras más, que jogavam garotas para fora de suas próprias casas.

Decepcionada, eu virei e comecei a descer os degraus da varanda da frente...

...E quase caí de cara. Porque os degraus não eram como antes.

Ou como iam ser um dia, quero dizer. E, à exceção da luz da lua, que estava tristemente desaparecendo, devido a uma nuvem q ue estava passando, não havia qualquer luz por perto. Quero dizer, estava muito escuro. Não havia nenhum brilho tranqüilizador vindo de algum poste na rua - eu nem mesmo estava certa de que aquela era a rua onde a Pine Crest Road tinha estado.

E, virando minha cabeça, eu não podia ver nenhuma luz em todas as janelas próximas...Com tudo isso, eu podia dizer que não tinha nenhuma janela próxima. A casa, na qual eu estava em frente, parecia ser a única em milhas e milhas...

E eu fui, apenas, jogada de lá. Eu estava presa no ano 1850 com

nenhum lugar para ir e nenhum jeito de entrar na casa. Exceto, eu suponho, se eu me vestisse daquele jeito antiquado.

Eu podia, eu pensei, ir à Missão. Esse era o lugar aonde Paul, supostamente, tinha ido. Eu estiquei meu pescoço, procurando a familiar cúpula vermelha da basílica, que só era visível da minha varanda frontal, aterrizando como se estivesse em Carmel Hills.

Mas, em vez de ver Carmel Valley, quando eu me estiquei, com todas as luzes piscando à vasta escuridão d o mar, tudo que eu vi foi a serra escura. Nenhuma luz. Nenhuma cúpula vermelha iluminando -se para os turistas. Nada.

Porque, eu percebi, não havia nenhuma luz. Não tinham sido inventadas ainda. Pelo menos, não as lâmpadas.

Deus. Como as pessoas podiam encontrar qualquer lugar? O que usavam para se guiar, estrelas?

Eu olhei para cima, para verificar a situação das estrelas, querendo saber se iam me ajudar, e eu quase caí na varanda outra vez. Porque havia mais estrelas no céu do que eu já tinha visto em toda minha vida. A Via Láctea era como uma raia branca no céu, tão brilhante quanto a lua, que estava, finalmente, saindo de trás de algumas nuvens, com humilhação.

Uau. Nenhuma maravilha Jesse não ficar impressionado quando

eu, felizmente, estava no Bi g Dipper.

Eu senti saudades. Bem, não havia mais nada que eu pudesse fazer, eu supus, mas eu comecei a vagar em direção à Missão, e esperava encontrar Paul - ou Jesse...Jesse do passado, quero dizer - pelo caminho.

Eu tinha apenas encontrado um caminho para sair da varanda - descendo os degraus de madeira, ao contrário dos de cimento que ficavam lá agora...Quero dizer, no presente...No meu tempo - quando algo caiu em mim. A primeira pesada gota fria da chuva.

Chuva. Eu não estou brincando. Em pouco tempo , eu estava olhando para cima para ver se realmente estava chovendo, ou se alguém tinha cuspido em mim (eca), do segundo andar, quando eu vi o banco de nuvens pretas e grandes rolando do mar. Eu tinha estado tão distraída com todas as estrelas, que eu não tinha percebido essas nuvens antes.

Ótimo. Eu viajo mais de um século e meio no tempo, eu o que eu ganho pelos meus esforços? Começo sendo jogada de minha própria casa, e depois a chuva. Muito bom.

O relâmpago piscou, no céu. Alguns segundos mais tard e houve um trovão, longo e baixo.

Fabuloso. Uma tempestade. Eu estava presa em uma tempestade,

em 1850, sem nenhum lugar para ir.

Então o vento chegou, carregando com ele um cheiro que eu não pude saber de que era, ao certo. Eu tentei, por um minuto, me lembrar de que era. Então, eu lembrei, de uma vez: minhas ocasionais (forays) na parte de trás do Central Park, quando eu vivia no Brooklyn.

Cavalo. Havia cavalos por perto.

Isso significava que tinha que haver um celeiro. Que podia estar seco. E que podia não ser cuidado de perto por mulheres que vestiam saias com arcos e que me consideravam um entulho.

Mergulhando minha cabeça de encontro à chuva, que estava caindo mais duramente agora, eu corri no sentido do cheiro do cavalo e logo me encontrei atr ás da casa, em frente a um celeiro, bem onde Andy disse que ia instalar uma piscina um dia, depois que todos nós terminássemos a faculdade e pudéssemos ter recursos para isso.

As portas do celeiro estavam fechadas. Eu me apressei até elas, rezando para que elas não estivessem trancadas...

Não estavam. Eu empurrei uma para abrir e deslizei para dentro, enquanto um outro relâmpago listou através do céu, e o trovão soou outra vez, mais alto, desta vez.

Dentro do celeiro estava seco, pelo menos. Escuro com o o piche,

mas seco. O cheiro de cavalo era forte - eu poderia ouvi-los mover-se inquietos, em suas tendas, assustados com o trovão - mas o cheiro de algo mais era mais forte. Eu acho que era feno. Não sendo, exatamente, uma garota do campo, eu não podia d izer ao certo. Mas eu achei que o material que foi mastigado e que rolou um pouco abaixo das minhas botas podia ser feno.

Bem, isto era ótimo. Eu tinha vindo salvar a vida do meu namorado - ou melhor, impedir alguma outra pessoa de salvá -lo - e tudo que eu tinha feito era irritar a dona da propriedade.

Ah, e eu tinha estado sobre a chuva. E encontrado um celeiro.

Perfeito. Dr. Slaski não estava brincando, quando tinha me avisado sobre a viagem no tempo. Certo de que não tinha sido, de longe, nenhum piquenique.

Foi quando, um segundo mais tarde, eu estava torcendo meu cabelo, para tirar a água, e senti uma mão pesada sobre meu ombro...

Bem, eu tinha tido, definitivamente, o bastante para a metade do século XIX.

Felizmente, para mim, um trovão abafou me u grito. Senão, a dona da casa - ou pior, seu marido, se ela tivesse um - estariam aqui fora em um segundo. E eu, provavelmente, teria muito mais por que gritar do que apenas por um susto.

- Cala a boca! – Paul sussurrou. – Você quer que nos peguem aqui?

Eu virei para trás. Eu só podia ver, turvamente, seu vulto na escuridão. Mas era o bastante para enviar a meu pulso, de que tem competido antes, uma rápida paralisação.

- O que você está fazendo aqui? – Eu reclamei, esperando que ele não pudesse ouvir a confusão em minha voz. Eu senti uma mistura de emoções ao vê-lo: raiva, porque ele tinha chegado lá antes de mim; medo, que ele estivesse lá para tudo; e alívio, em ver um rosto familiar.

- O que você acha que eu estou fazendo aqui? – Paul lançou algo áspero e pesado para mim.

Eu a segurei inexperientemente. – O que é isso?

- Um cobertor. Assim você pode se secar.

Eu joguei, agradecida, o cobertor em torno de meus ombros.

Mesmo eu ainda estando com a minha jaqueta, eu estava tremendo embaixo do couro. Eu, também, não acho que era por causa da chuva.

O cobertor cheirava, fortemente, a cavalo. Mas não de uma maneira ruim. Eu acho.

- Então. – Paul disse, e se moveu em direção à fenda de luz jogada

da ainda-aberta porta do celeiro, de modo que eu pud esse finalmente ver seu rosto. – Você conseguiu.

Eu aspirei miseravelmente. Eu tentei não prestar atenção ao fato de que eu estava com frio, molhada, e no interior de um celeiro. No ano de 1850.

- Eu não posso acreditar que você, realmente, pensou que m e afastaria dele. – Eu disse, contente que eu, finalmente, tinha parecido controlar o tremor em minha voz. Meus dentes vibrando eram uma outra história. – Você pensou que eu não tentaria impedi - lo?

Paul deu de ombros. – Eu achei que ia valer a pena uma te ntativa. E há ainda uma possibilidade de eu ter sucesso, você sabe, Suze. Ele não está aqui, ainda.

- Quem não está aqui? – Eu perguntei, estupidamente. Eu ainda estava tentando entender como eu, possivelmente, poderia abandonar o Paul e pegar o Jesse se m que ele visse.

- Jesse. – Paul disse, como se eu fosse doente mental. E você quer saber? Provavelmente eu sou. – Nós viemos um dia mais cedo. Ele vai chegar aqui amanhã.

- Como você sabe? – Eu perguntei, enxugando uma gota de chuva, que estava no meu nariz, com a parte de trás do meu pulso.

- Eu falei com aquela senhora. – Ele disse. – Sra. O' Neil. A que é dona da sua casa, agora.

- Ela falou com você? – Eu não podia esconder minha surpresa. – Ela não falou comigo. Ela me expulsou da casa.

- O que você fez, materializou -se na frente dela? – Paul perguntou, com um olhar de desprezo.

- Não. – Eu disse. – Bom, não bem na sua frente.

Paul balançou a cabeça. Mas eu podia ver que ele estava sorrindo um pouco. – Aposto que você deu um susto nela. O qu e ela achou do seu estilo? – Ele gesticulou para minha roupa.

Eu olhei para mim mesma. Para minha calça jeans e jaqueta de couro, acho que eu não me assemelhava, realmente, a nenhuma dama do século XIX, que eu sempre via nos filmes. Ou, mais importante, nos retratos da época.

- Ela disse que aquela era uma casa respeitável, e que eu devia pensar muito antes de mostrar meu rosto lá. – Eu admiti e fiquei atormentada, quando Paul riu alto.

- O que foi? – Eu reclamei.

- Nada. – Paul disse. Mas ainda esta va rindo.

- Me diz.

- OK. Mas não fique irritada. Ela pensou que você fosse uma dama

da noite.

Eu olhei furiosa para ele. – Ela não pensou isso!

- Ela pensou sim. E eu disse para você não ficar com raiva.

- Eu não estou, exatamente, vestida como u ma dama da noite. –

Eu disse. – Eu estou vestindo calças.

- Esse é o problema. – Paul disse. – Nenhuma mulher respeitável, neste século, usa calças. É uma boa coisa Jesse não ter visto você. Ele, provavelmente, nem mesmo teria falado com você.

Eu tinha tido sobre tudo que eu poderia fazer exame de Paul. Eu disse fervendo: – Ele teria falado sim. Jesse não é desse tipo.

- Não o Jesse que você conhece. – Paul disse. – Mas nós não estamos falando do que você conhece, estamos? Nós estamos falando sobre o Jesse que nunca conheceu você. Que não vagou por cento e cinqüenta anos, prestando atenção ao mundo de perto. Nós estamos falando do Jesse que está a caminho de Carmel para se casar com a garota de seus...

- Cala a boca. – Eu disse, antes que ele pudesse terminar a frase.

Paul deu um sorriso mais largo. – Desculpe. Bom, nós ainda temos um tempo para esperar. Não faz sentido esperarmos discutindo. Venha até o sótão comigo, e nós nos sentaremos juntos, longe dessa tempestade.

Ele se virou e entrou nas s ombras, e eu ouvi um pé raspar em um degrau de madeira. Um dos cavalos relinchou.

- Não tenha medo, Suze. – Paul falou para baixo, para mim, a alguns metros no ar. – São apenas cavalos. Não morderão você. Se você não chegar perto demais deles.

Não era com isso que eu estava assustada. Não que eu estivesse a ponto de admitir qualquer coisa a ele.

- Eu acho que ficarei aqui em baixo. – Eu disse para a escuridão, de onde sua voz tinha vindo.

- Por mim tudo bem. – Paul disse. – Se você quiser ser pega. V ocê apenas tornará meu trabalho mais fácil. O Sr. O' Neil veio há pouco tempo atrás verificar os cavalos. Eu estou certo de que ele não atiraria em uma menina, de qualquer forma. Se ele perceber a tempo que você é uma menina, quero dizer.

Isto fez eu me mover até a escada.

- Eu odeio você. – Eu comentei, enquanto subia.

- Não, você não odeia. – Paul disse da escuridão acima de mim. Eu podia dizer, por sua voz, que ele estava rindo outra vez. – Mas você acha certo dizer isso para si própria, se isso fiz er você se sentir melhor.

Capítulo 14

Estava quente no sótão. Quente e seco e não somente por causa de todo o feno. Não. Também porque Paul e eu estávamos sentados bem próximos um do outro — para a finalidade de compartilharmos somente o calor do corpo, eu informei a ele, quando ele me mostrou o buraco na pilha gigante de feno na extremidade do sótão.

-Porque eu não quero morrer de hipotermia - era o que eu havia dito, porque a manta de cavalo não parecia estar fazendo o seu trabalho. Pelo menos, meus d entes não tinham deixado de vibrar. Minhas calças jeans não estavam secando tão rápido quanto eu queria.

-Eu manterei minhas mãos longe - Paul me assegurou.

E tão longe estava, a verdade em suas palavras.

-O que eu não entendo - eu disse enquanto a chuva caia do lado de fora, ocasionalmente relampejando raios , entretanto parte do temporal da noite parecia ter acabado -É o que você está fazendo aqui. Você não está procurando o Felix Diego? Para o impedir?

-Sim.- Na escuridão do sótão, eu só poderia ver o perfil de Paul pela luz que passava dentro de rachaduras e buraquinhos na madeira que formavam as paredes do celeiro.

Eu somente teria que impedir Paul, isso era tudo. Impedir o Paul e mantê-lo longe de Diego. Talvez eu nem mesmo veja Jesse. O que

provavelmente seria bom. Porque se eu o visse, o que eu diria a ele?E se ele fosse, como a Sra. O' Neil, e me confundisse com alguma dama da noite?

Eu não pensava que podia agüentar isto...

Que me lembrou...

-As pessoas vão notar nossa ausência? - eu perguntei - Em nosso tempo, quero dizer? Ou quando nós voltarmos, será como se nenhum tempo tivesse passado?

-Eu não sei - Eu achei que Paul tinha ficado com um pouco de sono, ele demonstrava isto. Ele parecia estar ansioso para dormir e minhas perguntas infinitas só estavam servindo para o irritar. Por que você não perguntou para meu avô? Vocês dois estão tão íntimos e tudo...

-Eu não tive exatamente uma chance, ora, eu tive? - Eu o encarei - ou tentei, de qualquer maneira - na escuridão. Eu ainda não acreditava que o Dr. Slaski tinha me escolhido como confidente ai invés do próprio neto. Bem, a não ser pelo fato de Paul ser um usuário de drogas. Ou um ladrão. E, Ah sim, possivelmente tê -lo drogado de forma intencionada.

-Ele não é o que pensa você que ele é, Paul - eu disse me referindo a Dr. Slaski. - Ele não é seu inimigo. Ele é como nós.

-Não diga isso. Os olhos azuis e afiados de Paul me encararam repentinamente na escuridão. - Nunca.

-Por quê? Ele é um mediador, Paul. Um deslocador. E tudo que você sabe, provavelmente aprendeu com ele. Ele sabe muito. E uma coisa que ele sabe é que não se deve brincar com o tempo. . . com nossos poderes. . . Ou teremos chances de terminar como ele.

-Eu te disse para não dizer isso - Paul disse entre dentes friccionados.

-Mas se você lhe der apenas uma chance, em vez de chamá -lo de vegetal e intencionalmente.

-Nós não somos como ele, certo? Você e eu? Nós não somos nada como ele. Ele era estúpido. Ele tentou falar para as pessoas. Ele tentou falar para as pessoas que mediadores — deslocadores — não importa qual — que nós existimos. E todo o mundo riu dele. Meu papai teve que mudar o seu nome, Suze, porque ninguém o levaria a sério, sabendo que ele era parente de alguém que todos achavam que era um impostor. Não, mas você sempre – sempre - diz que nós somos como ele ou que terminaremos como ele. Eu já sei como vou terminar.

Eu pisquei para ele.

-Ah, é mesmo? E como você vai terminar?

-Não como ele - Paul me assegurou. - Eu terminarei como meu pai.

-Seu pai não é um mediador - eu o lembrei.

-Eu quero dizer que eu vou ser rico, como meu pai - Paul disse.

-Como? - Eu perguntei com um riso. - Roubando das pessoas que você deveria estar ajudando?

-Lá vem você novamente - Paul disse, balançando sua cabeça.

- Quem lhe falou que você deveria estar ajudando os mortos, Suze? Hã? Quem?

-Você sabe perfeitamente bem que foi errado você levar aquele dinheiro. Não era seu.

Sim - Paul disse - Bem, há mais de onde veio e, ao contrário de você, eu não sofro nenhum remor so fazendo isto. Eu vou ser rico um dia, Suze. E ao contrário do vovô vegetal, não vou perder o controle.

-Não se você está matando todas suas células do cérebro viajando no tempo - eu assinalei.

-Sim, bem - Paul disse. – Esta é uma viagem no tempo. Dep ois dessa, eu não vou precisar viajar no tempo outra vez.

Eu olhei fixamente seu perfil. Somente nossos lados estavam se encostando debaixo do cobertor de cavalo que nós compartilhamos. Ainda, Paul radiava muito calor. Eu estava um pouco quente sob o cobertor.

Foi quando eu percebi que o único outro sujeito que eu alguma vez tinha ficado tão perto era Jesse, e que calor ele deu? Sim, tudo estava na minha mente. Porque os fantasmas não transmitem calor. Nem mesmo para os mediadores. Nem mesmo para os med iadores que estão apaixonados por eles.

-Isto está errado - eu disse calmamente a Paul quando eu vi os olhos dele fechados. - O que você está fazendo a Jesse. Ele não quer isto.

Os olhos de Paul abriram por isto. - Você falou com ele?

-Claro que eu falei - eu disse. - E ele não quer isto. Ele não o quer interferindo, Paul. Ele estava indo para a Missão para o impedir quando eu vim. - Paul olhou para mim durante alguns segundos, os olhos azuis dele estavam ilegíveis na escuridão.

-Você está dormindo com ele? – ele perguntou abruptamente.

Eu fiquei boquiaberta com ele, ao mesmo tempo senti minhas bochechas queimando.

-Claro que não – Eu disse gaguejando – N-não que isso seja da sua conta.

Mas Paul, em vez de sorrir, como eu esperava que estivesse, estava me olhando muito sério.

-Eu não consigo entender - ele simplesmente disse. - Por que ele?

Por que não eu?

Ah. Isso.

-Porque ele é honesto - eu disse. - E ele é amável. Ele me coloca acima de tudo.

-Eu também seria assim - Paul disse. - Se você me desse a chance.

-Paul - eu disse. - Se nós estivéssemos em um terremoto ou algo parecido, e você tivesse uma chance para me salvar, mas se sua vida também estivesse em perigo, você se salvaria, não me salvaria.

-Eu não faria isso! Como você p ode dizer que eu não te salvaria?

-Porque é verdade.

-Mas você está dizendo que seu Jesse perfeitinho a salvaria, arriscando a sua própria vida?

-Sim - eu disse com certeza absoluta. -Porque ele arriscou. No passado.

-Não, ele não arriscou, Suze - Paul disse com a mesma certeza.

-Sim, ele arriscou, Paul. Você nem mesmo sabe.

-Sim, eu sei. Jesse certamente nunca poderia ter arriscado a própria vida para salvar a sua, porque durante todo o tempo em que você o conhece, ele estava morto. Assim ele nunca arriscou nada, em todas essas vezes em que ele a salvou. Ele arriscou?

Eu abri minha boca para negar a isto, então percebi que Paul tinha

razão. Era a verdade. Uma versão confusa da verdade, mas mesmo assim, a verdade.

-Como você conseguiu ficar tão nojento desse jeito? - Eu reclamei ao invés. - Você sempre teve tudo o que você quis a sua vida inteira. Você só teve que pedir e conseguia. Mas tudo o que você tem nunca foi o bastante para você.

-Eu não consegui tudo o que eu quero – Paul disse sugestivamente –Embora eu esteja trabalhando para corrigir isso.

Eu balancei minha cabeça, eu sabia o que ele quis dizer.

-Você só me quer porque você não pode me ter – eu disse - E você sabe disto. Eu quero dizer, meu Deus. Você tem Kelly. Todos os caras da escola a querem.

-Todos os caras da escola - Paul disse – São uns idiotas.

Eu ignorei isso.

Você estaria em uma melhor situação - eu disse - Se você já estivesse feliz com o que você tem, Paul, em vez de querer o que você nunca poderá ter.

Mas o Paul continuou forçando o riso. Rindo e rolando para que assim ele pudesse dormir. - Eu não estaria tão segura disso, se eu fosse você, Suze - ele disse em um tom que soou de modo muito seguro para mim.

-Você

-Vá dormir, Suze -Paul disse.

-Mas você.

-Nós temos um longo dia à frente. Só durma.

Por incrível que pareça, eu fiz. Dormi, eu quero dizer. Eu não esperava que eu fosse capaz disso. Mas talvez Dr. Slaski tivesse razão. Viajar no tempo cansa. Eu penso que eu não teria dormido caso contrário. . . Você sabe, por causa do feno, dos cavalos, da chuva, e, ah sim, por causa do sujeito quente -mas-totalmente-mortal que estava próximo de mim.

Mas eu deitei minha cabeça, e próxima coisa que eu soube, foi que as luzes tinham se apagado.

Eu acordei renovada. Eu nem mesmo percebi que eu tinha adormecido. Mas havia luz passando pelas rachas entre as tábuas de madeira que formam as paredes do celeiro. Não a luz cinzenta do alvorecer, não isso. Era a quantidade de luz solar, que revelava que eu havia dormido até depois das 8:00...

E ajoelhado na minha frente, estava Paul com o café da manhã.

-Onde você conseguiu isso? - Eu perguntei, ao mesmo tempo em que me sentava. Porque nas mãos de Paul tinha uma torta. Uma torta inteira. Maçã, era o che iro disto. E ainda estava quente.

-Não pergunte - ele disse, puxando de seu bolso dois garfos. -

Apenas coma.

-Paul - Eu pude ouvir o passo adiante. Paul estava falando em voz

baixa. Eu sabia porque agora.

Nós não estávamos sós.

A voz de um homem disse :

-Se dê bem lá. – Ele pareceu estar conversando com os cavalos.

-Você roubou isto? - Eu perguntei, enquanto levava o garfo à

boca.Volta no tempo não o deixa só cansado, o deixa faminto

também.

-Eu já disse para não perguntar – Paul disse, enquanto também

comia uma garfada de torta, roubado ou não, era boa. Não a melhor

que eu já comi, de qualquer jeito - Eu não sei se, fora do Oeste

Selvagem, eles têm realmente acesso ao melhor açúcar e material.

Mas preencheu o buraco no estômago... E logo meu deu outro

desejo...

E logo me fez ficar ciente de outra urgência.

Paul pareceu ler meu pensamento.

-Há um banheiro atrás do celeiro - ele me informou.

-Um banheiro?

-Você sabe - Paul sorriu. – Guardado por aranhas.

Eu pensei que ele estava brincando.

Ele não estava. Lá tinha aranhas. Pior, o que eles usavam como

papel higiênico? Vamos dizer que hoje em dia aquilo não seria

considerado adequado para limpar... Bem, você sabe...

Eu tinha que me apressar, para que ninguém me visse nas minh as

roupas do século XXI e me fizesse perguntas.

Mas foi duro porque uma vez que eu saí do celeiro, eu fiquei pasma

com o que eu vi em volta...

Que não tinha nada.

Realmente. Nada. Nada, em nenhuma direção. Nenhuma casa.

Nenhum orelhão. Nenhuma rua pavime ntada. Nenhum “In-N-Out

Burger”. Nada. Só arvores. E um caminho sujo que eu supus que

fosse uma rua.

Eu pude, de todo jeito, ver a cúpula vermelha da basílica. Lá estava

ela, em um vale embaixo de nós, com o mar atrás dela. Isso é uma

das ultimas coisas que não mudou nos últimos 150 anos.

Agradeça Deus que por tudo que tem, de qualquer forma.

Quando eu me aproximei o sótão novamente, não havia nenhum

sinal do Sr. O'Neil. Ele parecia ter levado os cavalos dele e ido fazer tudo que os homens como ele faziam todo o dia em 1850. Paul

estava esperando por mim com um olhar estranho na face dele.

-O que? - Eu perguntei, pensando que ele ia zombar de mim por causa do banheiro externo.

-Nada, - era tudo que ele disse, porém. – É só. . . Eu tenho uma surpresa para você.

Pensando que isto era outra coisa relacionada à comida, embora eu esteja bastante cheia da torta, eu disse:

-O que é? E não fale que é Egg McMuffin, porque eu sei que eles não têm isso por aqui.

-Não é - Paul disse.

E então, movendo-se mais rápido que eu já o tinha visto se mover, ele pegou uma coisa no bolso de trás dele - um pedaço de corda.

Então ele me agarrou.

Pessoas, é claro, já me amarraram antes. Mas nunca alguém cuja língua esteve uma vez em minha boca. E u realmente não estava esperando que o Paul fizesse algo tão baixo. Salvar a vida de meu namorado e assim eu nunca o conheceria, sim. Mas amarrar minhas mãos para trás?

Não tanto.

Eu lutei, é claro. Eu dei algumas cotoveladas. Mas eu não podia gritar, eu não queria que a Sra. O'Neil aparecesse e fosse ir correndo chamar o xerife. Eu não poderia ajudar Jesse da prisão.

Mas parecia que eu não poderia dar muita ajuda a ele.

-Acredite em mim - Paul disse quando ele apertou a corda que já estava parando praticamente minha circulação. –Isto dói mas em mim do que em você.

-Não dói - eu disse, enquanto lutava. Mas era duro lutar porque meu estômago estava em cima do feno, e o joelho dele estava em cima de minhas costas.

-Bem - ele disse, indo agora amarrar meus pés. - Você tem razão, eu sei. De fato, isto não dói em mim. E a manterá ocupada enquanto eu for procurar Diego.

Há um lugar especial para pessoas como você, Paul, - eu o informei, cuspindo feno. Eu estava realmente aborrecid a com feno.

-A escola reformatória? - ele perguntou rindo.

-O inferno - Eu informei pra ele.

-Agora, Suze, você não está mais no caminho - Ele amarrou os meus pés e claro, eu não podia mexer a minha cabeça, eu não sei. Eu estava amarrada fora do f eno do celeiro, ele prendeu a corda em um poste ali perto. - Eu voltarei logo para desamarrar você quando eu matar o Felix Diego. Então nós poderemos ir pra casa.

-Onde eu nunca mais falarei com você - Eu informei.

-Claro que vai - Paul disse alegre. - Você não se lembrará de nada.

Porque você não saberá nem mesmo quem Jesse é.

-Eu odeio você - Eu disse realmente sentindo e demonstrando isso dessa vez.

-Agora - Paul concordou - Mas não quando você acordar amanhã em sua própria cama. Porque sem Jesse eu serei a melhor coisa que te aconteceu. Será apenas você e eu, dois deslocadores ao encontro do mundo. Não vai ser divertidíssimo?

-Porque você não vai...

Mas eu não consegui terminar a frase, porque Paul tirou mais alguma coisa do bolso. Um lenço branco e limpo. Ele me disse uma vez que sempre carrega um porque nunca sabe quando vai ter que amordaçar alguém.

-Não me desafie - Eu sussurrei pra ele.

Mas era tarde. Ele colocou o pano limpo na minha boca e amarrou com outro pedaço da corda.

Eu nunca tinha odiado Paul assim antes. Eu odiei então. Odiei com cada osso do meu corpo, cada batida do meu coração. Especialmente quando ele levantou uma das mãos e disse:

- Até daqui a pouco.

Então ele desapareceu pelas escadas de assoalho do celeiro.

Capítulo 15

Não sei quanto tempo fiquei deitada lá daquele jeito.Tempo bastante para começar a me perguntar se eu poderia apenas fechar meus olhos e aparecer em casa. Quem sabe onde eu acabaria? Algum lugar no quintal, de qualquer maneira. Possivelmente num grande arbusto de sumagre venenoso, já que não havia celeiro lá agora. Mas alguma coisa tinha que ser melhor do que ficar deitada numa posição desconfortável no chão de um celeiro com feno, com quem sabe o que engatinhando no meu cabelo e o sangue jorrando da minha têmpora.

Mas um mundo sem Jesse? Porque isso é o que eu estava garantindo a mim mesma se desistisse agora. Um mundo sem a minha razão de viver. Bem, mais ou menos. Quero dizer, eu sei que as mulheres precisam de homens assim como peixes precisam de água, e tudo mais.

Exceto…

Exceto que eu o amo…

Eu não poderia fazer isso. Eu sou muito egoísta. Eu não desistiria. Ainda não. Ainda restavam muitas e muitas horas de luz do dia, ou pelo menos, restavam quando Paul tinha saído. As sombras, eu não podia evitar reparar, estavam crescendo.

Ainda, que a Sra O’Neill tenha contado a verdade ao Paul, e Jesse

fosse chegar aquela noite, ainda havia tempo. Paul poderia não achar Diego. Ele poderia ter que voltar sem sua missão cumprida.E quando ele chegasse, e me desamarrasse…

Bem, ele iria aprender muito sobre dor, disso eu tinha certeza.

Porque desta vez, eu estaria pronta para ele.

Eu não sei quanto tempo se passou enquanto eu estava deitada lá, arquitetando minha vingança contra Paul Slater. A morte era bom demais para ele, claro. Uma eternidade como fantasma – flutuando prá lá e prá cá, desta dimensão para a outra - era o que combinava mais com ele. Dar um pouquinho do gosto de como tinha sido para o Jesse todos esses anos. Isso ensinaria a ele...

Eu poderia fazer isso também. Eu poderia puxar para fora do corpo sua alma e de tal forma que ela nunca pudesse retornar…

...Dando seu corpo para outro alguém. Outro alguém que merecesse uma chance de viver novamente.

Mas eu não poderia. Eu sabia que não poderia. E u não poderia beijar os lábios do Paul, mesmo se eu soubesse que era o Jesse dentro dele, me beijando. Isso era tão… nojento.

Isso é o que eu estava pensando deitada lá quando ouvi um som que meus ouvidos ficaram tão afiados em reconhecer no último ano, que eu poderia ir a qualquer programa de auditório, milhões de

vezes, e ainda assim reconheceria.

A voz do Jesse.

Ele estava chamando alguém. Eu não podia ouvir o quê, exatamente, ele estava dizendo. Mas ele parecia, não sei… Diferente de algum modo.

Ele estava chegando mais perto também. A voz dele, quero dizer. Ele estava vindo na direção do celeiro. Ele me achou. Não sei como – Dr Slaski não tinha dito nada sobre fantasmas serem capazes de viajar no tempo, mas talvez eles pudessem. Talvez eles pudess em como os deslocadores e o Jesse tinha feito isso, tinha voltado no tempo me procurando. Para me salvar. Para me ajudar a salvá -lo.

Eu fechei os olhos, pensando no nome dele tão forte quanto podia. Isso funcionava mais vezes do que não funcionava. Jesse s e materializaria na minha frente, se perguntando que diabos seria tão urgente.

Só que ele não se materializou. Não dessa vez. Abri os olhos e… nada.

Só que eu ainda conseguia ouvir sua voz abaixo de mim. Ele estava dizendo:

-Não, não tudo bem Sra O’Neil l.

Sra O’Neil. Sra O’Neil podia ver o Jesse?

A porta co celeiro abriu. Eu ouvi a porta ranger. Então…

Passos.

Mas como poderia ouvir passos do Jesse? Ele é um fantasma.

Rastejando no feno, tanto quanto conseguia, estiquei meu pescoço, tentando ver o que eu só conseguia escutar. Mas a corda que o Paul tinha usado para amarrar meus pés na viga não deixava que eu me arrastasse mais que uns centímetros da minha posição original. Eu podia ouvi-lo agora – realmente ouvi-lo. Ele estava falando num tom carinhoso e gentil com… com…

Com seu cavalo.

Jesse estava falando com um cavalo. Eu ouvi o cavalo relinchar gentilmente em resposta.

Foi quando finalmente percebi. Esse não era o fantasma do Jesse, vindo me salvar. Esse era o Jesse vivo, que nem me conhecia. O Jesse vivo iria encontrar seu destino no meu quarto esta noite.

Eu gelei, sentindo agulhadas e fisgadas por todo corpo – e não era somente por que tinha estado numa posição tão incômoda por tanto tempo.Eu tinha que vê-lo. Eu Precisava vê-lo. Mas como?

Então ele se moveu e eu virei a cabeça, seguindo o som…

E vi, através de uma fenda nas tábuas do mezanino, um pedaço de cor. O cavalo dele. Era o cavalo dele. Eu vi suas mãos se movendo na

cela, desamarrando-a. Era o Jesse. Ele estava exatamente abaixo de mim. Ele estava…

Porque eu fiz o que fiz a seguir, eu nunca saberei. Eu não queria que o jesse soubesse que eu estava lá. Se ele me achasse, isso poderia estragar tudo. Quem sabe, ele poderia nem ser morto esta noite. E aí eu nunca o conheceria. Mas a ne cessidade de vê-lo – vivo- era tão forte, que sem nem pensar eu bati meus pés no chão do mezanino tão forte quanto pude.

As mãos se movendo na cela de repente pararam. Ele me ouviu.

Eu tentei chamá-lo, mas tudo que saiu, graças a mordaça do Paul, foi gnnh, gnnh.

Bati meus pés mais forte.

-Tem alguém aí? - ouvi Jesse perguntar.

Bati novamente.

Desta vez ele nada falou. Começou a subir a escada para o mezanino. Ouvi a madeira ranger sob seu peso.

Seu peso. Jesse tinha peso.

E aí vi suas mãos – suas mãos grandes,morenas,capazes - na última barra da escada, seguida um segundo depois, por sua cabeça…

A respiração congelou nos meus pulmões.

Porque era ele. Era o Jesse.

Mas não o Jesse como eu sempre havia visto antes.Porque ele estava vivo. Ele estava… lá. Ele estava tão solidamente e indubitavelmente lá, ocupando espaço como se ele possuísse espaço, como se fosse melhor o espaço sair do caminho dele, e não ao contrário. Ele estava brilhando. Ele estava radiando. Não o brilho espectral que eu estava aco stumada a ver ao seu redor, mas ao invés disso uma inegável aura de saúde e vitalidade. É como se o Jesse que eu conhecia fosse uma pálida réplica – ou reflexo - daquele que eu agora via. Nunca estive tão consciente do jeito que seu cabelo escuro se enrolava na sua nuca bronzeada, o profundo castanho de seus olhos, a brancura de seus dentes, a força naquelas longas pernas ao se ajoelhar ao meu lado, os tendões nas suas mãos morenas, os músculos em seus braços nus…

-Senhorita?

E sua voz. Sua voz! Tão profu nda, que parecia reverberar minha espinha abaixo. Era a voz do Jesse, certamente, mas de repente, era envolvida, era estéreo, era…

-Senhorita? Você está bem?

Jesse estava olhando para mim, seus olhos escuros cheios de preocupação. Uma de suas mãos alcanç ou sua bota, e a próxima

coisa que vi, foi uma longa e brilhante lâmina em sua mão. Eu assistia com fascinação enquanto a lâmina se aproximava pouco a pouco da minha bochecha.

-Não tenha medo - Jesse dizia - Vou te desamarrar. Quem fez isso com você?

De repente a mordaça se foi. Minha boca estava em carne viva onde a corda estava. E então minhas mãos estavam livres. Doloridas, mas livres.

-Você consegue falar? - As mãos do Jesse estavam nos meus pés agora, sua faca cortando as cordas com as quais Paul ti nha me amarrado.

-Tome.

Ele deixou a faca de lado e levantou alguma coisa na direção do meu rosto. Água.

De um cantil. Peguei de sua mão e bebi gulosamente. Eu não tinha idéia de quanto estava com sede.

-Devagar - disse Jesse naquela voz – naquela voz! - posso pegar mais. Fique aqui e eu vou arrumar ajuda -

Na palavra ajuda, entretanto, minhas mãos , como de vontade própria, deixaram cair o cantil e voaram na direção de sua camisa, agarrando-a.

Não era a camisa que eu costumava ver jesse usando. Era parecida, o mesmo macio e branco linho. Só que essa era mais alta no pescoço. Ele esta usando um colete também – acho que é assim que chamavam naquela época – de um tipo de seda amassada.

-Não - balbuciei e me espantei em quão metálica minha voz soou. - Não vá.

Claro que não era porque eu estivesse preocupada que ele fosse chamar a Sra O'Neil, que me reconheceria como o estrupício que ela achou vagando em frente a sua loja no dia anterior. Mas porque eu não podia suportar a idéia dele sair da minha vista. Não agora. Nunca.

Esse era o Jesse. Esse era o Jesse real. Era esse que eu amava.

E que iria morrer em breve.

-Quem é você? - Jesse perguntou, pegando o cantil que eu deixara cair, vendo que ainda não estava vazio e me devolvendo.

-Quem fez isso – deixou você aqui desse jeito?

Bebi o que restava da água. Eu conhecia Jesse o suficiente para saber que ele estava enfurecido – enfurecido com quem quer que tenha me deixado naquela situação.

-Um… um homem - disse eu. Porque evidentemente, Jesse – esse Jesse – não saberia quem é Paul… e claramente não sabia quem eu

era.

Suas sobrancelhas franziram, aquela com a cicatriz parecia particularmente adorável. Percebi que a cicatriz não era tão óbvia no Jesse vivo, como era no Jesse fantasma.

-E esse mesmo homem colo cou você nessas roupas de forasteira? - quis saber Jesse, olhando criticamente para meu jeans e minha jaqueta de motociclista.

De repente quis gargalhar. Ele parecia um Jesse completamente diferente – ou melhor, cem vezes mais real do que o Jesse que eu tinha conhecido - mas o seu desgosto com meu guarda -roupa? Esse não tinha mudado nada.

-Sim - disse eu. E imaginei que isso pareceria mais acreditável do que a explicação verdadeira.

-Ele será chicoteado - disse Jesse como se pessoas fossem chicoteadas todos os dias por vestir garotas com roupas estranhas e deixa-las amarradas em celeiros toda semana.

-Quem é você? Sua família deve estar te procurando...

-Hum - disse eu - Não, não estão. Quer dizer… duvido que estejam. E meu nome é Suze.

Suas sobrancelhas franziram novamente - Soose?

-Suze - disse com uma gargalhada. Não pude evitar. Gargalhar,

quero dizer. Era tão maravilhoso vê -lo assim. - Susannah como em “Oh Susannah não chores mais por mim”.

Era o que tinha dito a ele, caí na real, com uma pontad a no peito, lá no meu quarto, na primeira vez que o encontrei, no dia que cheguei a Carmel. Eu não sabia então, o que sei agora – aquele momento tinha sido um divisor de mares na minha vida - tudo antes era AJ – Antes do Jesse. Tudo depois, DJ: depois do J esse. Eu não sabia então, que aquele cara na camisa bufante, com calça preta apertada seria um dia significar mais para mim do que minha própria vida… seria um dia o meu tudo.

Mas eu sabia agora, assim como sabia uma outra coisa: Se eu estivesse enganada nisso, estaria enganada em todo o resto.

Mas eu sabia também, que ainda não era tarde demais para consertar tudo. Graças a Deus.

-Susannah - disse o Jesse, enquanto sentava ao meu lado, no feno. -Susannah O’Neil, talvez? Você é parente do Sr. e da Sra O’Neil? Deixe-me chamá-los. Sei que vão querer saber que você está em segurança.

Não - disse eu, balançando a cabeça - minha, hum, família está longe. Realmente longe. Você não tem como falar com eles quer dizer, obrigada, mas não dá para falar com eles.

-Então esse homem… - Jesse parecia agitado. E Porque não? Provavelmente não era todo dia que o cara esbarrava numa garota de 16 anos que tinha sido amarrada, amordaçada e largada num celeiro - Quem é ele? Vou buscar o xerife. Ele tem que pagar pelo que fez.

Por mais que eu tivesse gostado de atiçar o Jesse - Jesse vivo - contra Paul, isso não parecia a coisa apropriada a fazer. Não quando Jesse estava prestes a encarar tantos problemas em tão pouco tempo. Paul era problema meu, não dele.

-Não - disse eu - Não, tudo bem - Então vendo sua cara de interrogação, disse:

-Quero dizer, tudo bem mesmo. Não chame o xerife...

-Você não precisa mais ter medo, Susannah - disse Jesse gentilmente. Ele claramente não sabia que estava falando com uma garota que já havia chutado muitas bundas por aí a fora. Bundas de fantasmas, na maioria, mas mesmo assim… - Não vou deixar esse homem machucá-la de novo.

-Eu não tenho medo dele, Jesse.

-Então - seu rosto enevoou de repente.

-Espera aí. Como você sabe o meu nome?

- Ah , bem…esse era o ponto, não era?

Jesse estava me olhando curiosamente, seus olhos castanhos - escuros me encarando. Tenho certeza que estava um modelo de beleza. Que garota não estaria depois de passar horas com a cabeça no feno e a boca amordaçada? Cla ro que não fazia diferença o que Jesse pensasse de mim. Mas eu me sentia encabulada do mesmo jeito. Afastei meu cabelo dos olhos e tentei enfiá -lo atrás da orelha. Para minha sorte, a primeira vez que encontro meu namorado - enquanto ele ainda está vivo - estou parecendo um trem amassado.

-Você me conhece? - Jesse perguntou, seu olhar procurando uma resposta. - Já nos encontramos? Você é… Você é uma das garotas Anderson?

Eu não tinha idéia de quem as garotas Anderson poderiam ser, mas senti uma ponta de in veja delas, quem quer que elas fossem. Porque eram Garotas que conheciam o Jesse – Jesse vivo. Fiquei me perguntando se elas sabiam o quanto tinham sorte.

-Nós nunca nos encontramos - disse eu - Ainda, mas… eu te conheço. Quer dizer, já vi você.

-Verdade? - reconhecimento finalmente pairou em seu olhar. - Espere aí… sim, já sei. Você é amiga da escola de uma das minhas irmãs? Mercedes? Você conhece a Mercedes?"

Neguei com a cabeça, futucando o bolso da minha jaqueta de

couro.

-Josefina, então? - Jesse estudou meu rosto mais um pouco. -

Você ter quase a mesma idade dela, 15 anos, certo? Você não conhece a Josefina? Você não deve conhecer a Marta, ela é mais velha…

Neguei novamente, e aí tirei do bolso o que estava procurando. Ele olhou para o que eu segu rava em minha mão.

- Nombre de Dios - disse ele gentilmente enquanto o tirava de mim.

Era o retrato miniatura do Jesse, aquele que eu tinha furtado da Sociedade Histórica de Carmel. Eu via agora o quanto era ruim aquela pintura. Ah, o pintor tinha acer tado o formato da cabeça do Jesse e a cor dos olhos e a expressão estavam bem parecidas.

Mas ele tinha falhado completamente em captar o que fazia do Jesse… bem… ser o Jesse. A inteligência aguçada nos seus olhos castanhos escuros. O contorno confiante da sua larga e sensual boca. A gentileza de suas mãos fortes. A força – agora acorrentada, mas tão próxima da superfície, que poderia estourar a qualquer momento – de seus músculos, talhados em anos de trabalho braçal no rancho do pai, embaixo daquela camisa de linho e calça preta.

-

Onde você conseguiu isso? - perguntou ele, com o retrato fechado em seu punho.

Faíscas pareciam sair de seus olhos castanhos, ele estava enraivecido.

-Só uma pessoa tem um retrato como esse.

-Eu sei - disse eu - Sua noiva, Maria. Você está aqui para casar com ela. Ou pelo menos esse é o plano. Você está a caminho de vê -la , mas o rancho do pai dela ainda está longe, então você vai passar a noite aqui antes de partir para a casa dela pela manhã.

Raiva tornou-se espanto enquanto Jesse levantou sua mão livre e passou seus dedos pelo seu cabelo grosso e escuro – um gesto que eu o tinha visto fazer tantas vezes quando estava completamente frustrado comigo. Lágrimas caíram dos meus olhos, isso era tão familiar… e tão adorável.

-Como você sabe de tudo isso? - perguntou ele desesperadamente

- Você é… você amiga da Maria? Ela te deu isso?

-Não exatamente - disse eu.

Respirei fundo.

-Jesse, meu nome é Susannah Simon - disse apressadamente, querendo que tudo saísse antes que eu mudass e de idéia - Eu sou o que se chama de mediadora. Sou do futuro e estou aqui para evitar

que você seja assassinado hoje à noite.

Capítulo 16

Porquê, a final, eu não podia fazer isso.

Eu achei que poderia. Realmente achei que poderia ficar parada e deixar que Jesse fosse assassinado. Quero dizer, se a alternativa era nunca vir a conhecê-lo? Claro, eu poderia fazer isso. Sem problemas. Mas então isso foi antes. Antes que eu pudesse vê -lo. Antes que eu pudesse falar com ele. Antes que ele tivesse me tocado. Antes que soubesse quem ele foi, quem ele poderia ter sido, se ele tivesse sobrevivido.

Eu sabia agora que eu não poderia deixar que ele fosse morto, assim como eu podia antes. . . Bom, é como se eu salvasse meu meio-irmão de um carro de corridas ou desse à minha mãe cogumelos venenosos. Eu não podia deixa -lo morrer, mesmo que isso significasse nunca mais poder vê -lo. Eu amava-o demais.

Era simples assim.

Eu sabia que eu iria me odiar depois. Eu sabia que iria acordar e, se eu me lembrasse do que fiz, ir ia me odiar pelo resto da minha vida.

Mas o que eu podia fazer? Eu não podia ficar estagnada de maneira estúpida enquanto alguém que eu amava estava caminhando para

um perigo mortal. Padre Dominic, todos eles, mesmo Paul, estavam

certos. Eu tinha que salva r Jesse eu tinha.

Era a coisa certa a fazer.

Mas não era, claro, a coisa fácil. A fácil seria apontar o dedo para ele assim que ele me olhasse bem nos olhos, desacreditado, e... foi, “Ha,

babaca, estou só brincando!”

Ao invés disso, eu disse:

-Jesse. Você me ouviu? Eu disse que vim do futuro para salvá -lo.

-Eu ouvi o que disse - Jesse sorriu gentilmente para mim - Você

sabe o que eu acho que seria melhor? Se você me deixasse chamar a

Sra. O’Neil. Ela cuidaria de você até que eu fosse à cidade chamar o

médico. Porquê eu acho que homem que te amarrou nessa cadeira

também pode ter te dado uma batelada na cabeça.

-Jesse - eu disse pasma. Eu não posso acreditar nisso. Aqui eu

estava, fazendo esse tremendo sacrifício, salvando o amor da minha

vida e sabendo que dessa forma eu nunca mais estaria com ele, e ele

me acusando de estar sendo estúpida. - Paul não me deu uma

batelada na cabeça, ok? Eu estou bem. Um pouco exausta ainda,

mas bem. Eu só preciso que você me ouça. Hoje à noite Felix Diego

irá se esgueirar até o seu quarto aqui na pensão e estrangulá -lo até a morte. Então ele irá jogar seu corpo numa cova rasa e ninguém mais

irá encontrá-lo, até que um século e meio depois, quando meu

padrasto instalar uma piscina quente no quintal.

Jesse olhou para mim. Eu poderia estar errada, mas acho que vi piedade em seu olhar.

-Jesse, eu estou falando sério. – eu disse. – Você tem que ir para casa. Ok? Suba em seu cavalo e volte para casa, e não pense mesmo em se casar com Maria de silva.

-Maria falou com você. – Jesse disse finalmente. Sua cara escureceu com uma raiva repentina. Esta é sua maneira de tentar conversar cara a cara, é? Bem você pode voltar para sua senhora e dizer-lhe que não trabalhara mais. Eu não serei da família dela, pensando que eu não sou caval heiro o bastante para quebrar o compromisso. Eu estou indo vê -la amanhã, gostando ou não. – eu pisquei para ele, completamente sem palavras. Do que ele falava? Então eu me lembrei que Jesse havia me falado uma vez, um segredo que só eu sabia... Que tinha e stado no rancho de Silva todos aqueles anos e não pretendia se casar com ela, mas também não quebraria o compromisso.

O que se explicaram todas aquelas cartas terem sido descobertas, no ultimo verão, quando meu meio -irmão estava escavando e achou -as acidentalmente. As maneiras daquele século exigiam que o casal trocasse cartas um com o outro. Diego assassinou Jesse antes que tal

troca de cartas pudesse ocorrer, a fim de impedir que o pai de Maria fizesse perguntas incomodas a respeito da ‘folga’ e Jesse, s e sua noiva sabia o que tinha feito ele terminar a relação.

-Ah espera. – eu disse. – Contenha-se. Jesse, Maria não falou comigo. Eu não conheço mesmo essa Maria; bem, eu digo, nós nos conhecemos, mas.

-Você tem que conhece-la. – Jesse olhou para o retrato em sua mão. – Ela deu-lhe este retrato, como mais você poderia ter o conseguido?

Jesse balançou a cabeça.

-Eu não sei quem você é - ele disse devagar, em um tom que nunca tinha usado comigo antes - Mas eu estou devolvendo isto - ele balançou o retrato na minha frente - para seu dono de direito. Seja qual for o jogo que você está jogando, acaba agora. Você me entendeu?

Jogo? Eu não podia acreditar nisso. Aqui estava eu, arriscando meu pescoço por ele, e ele estava bravo comigo por ter roubado um retrato estúpido dele?

- Não tem jogo nenhum Jesse, tá bom? Se isto fosse apenas um jogo - Se Maria realmente tivesse me mandado aqui - como eu saberia as coisas que sei? Como eu saberia que Maria e Diego estão

secretamente apaixonados? Como eu saberia que su a namorada - que bem piranha - não quer se casar com você de jeito nenhum? E que seu pai não aprova o Diego, e acha que se ela se casar com você ela vai esquecer dele eventualmente? Como que eu saberia que os dois fizeram um plano para te matar hoje à noit e e esconder o corpo, de modo que pareça que você fugiu do casamento...

-Nombre de Díos - Jesse estava de pé e amaldiçoando. Eu não podia deixar de notar como o sótão chacoalhava com seus passos. Isso é uma coisa que não teria acontecido com o Jesse fanta sma, e era apenas mais uma prova do quão longe eu estava do mundo que conheço.

Mas essa não era a única coisa que não teria acontecido com o Jesse fantasma. Eu percebi na hora que o Jesse vivo se ajoelhou, me segurou pelos ombros e me deu uma chacoalhada frustrada.

-Você sabe de tudo isso porque a Maria te contou - ele disse, entre dentes rangendo. - Admita! Ela te contou! - tão rápido quanto ele tinha me sacudido. Ele me soltou e se levantou. Soltando um murmúrio de chateação, Jesse passou uma mão pelos cabelos.

Meus braços, onde ele tinha me tocado, se arrepiaram.

-Olha, me desculpe - Eu disse sentindo isso. Eu sabia como ele devia estar se sentindo. Seu coração não era o único partido naquele

celeiro. - Quero dizer, sobre sua namorada querendo te matar e tudo. Mesmo se você, sabe, fosse terminar tudo mesmo. Mas se é alguma consolação, eu acho que você está muito melhor sem ela. Quero dizer, as únicas vezes que eu me encontrei com ela, ela estava tentando me matar também. Melhor você descobrir que ela é uma piranha gora, e terminar tudo facilmente, do que descobrir isso depois de casado. Porque eu nem sei se eles deixam as pessoas se divorciarem, você sabe, no seu tempo.

-Pare de falar isso! - as duas mãos de Jesse estavam alisando o cabelo agora.

-O que? Piranha? - Talvez eu esteja sendo um pouco dura - bem, tá bom, mas a garota parece trazer somente problemas.

-Não - Jesse se virou e olhou para mim, e eu fiquei surpresa com a intensidade que seu olhar queimou no meu. Seu tempo. O futuro. Você...Você...Desculpe-me, senhorita Suzannah. Mas temo que terei de chamar o xerife de qualquer jeito. Porque você certamente não está muito bem da cabeça.

-Senhorita Suzannah! - para o meu completo horror lágrimas caíram dos meus olhos, mas eu não podia fazer nada.. .Isso era tão...Tão...

Injusto!

-Então é senhorita Suzannah, não é? - eu perguntei para ele ignorando minhas lágrimas. - Ah, é simplesmente ótimo. Eu venho até aqui, arriscando muitos de meus neurônios, e você nem mesmo acredita em mim? Eu estou basicame nte garantindo uma vida de coração partido, e tudo o que você tem a dizer é que eu não estou bem da cabeça? Muito obrigada, Jesse. Não, realmente, está bem assim!

Eu terminei com um suspiro. De repente, isso tudo era demais. Eu não podia nem olhar para el e, porque sempre que eu olhava, meus olhos ficavam ofuscados com tanta luz, como se ele fosse a árvore de natal mais gloriosa que já existiu. Eu enterrei meu rosto em minhas mãos e chorei.

Talvez eu já tenha feito o bastante, eu disse para mim mesma.

Talvez contando para ele o plano de Maria e Diego faça com que ele volte para casa hoje. Mesmo que a fonte seja alguém que ele considere maluca. Eu não podia fazer nada mais, podia? Quero dizer, o que mais eu podia fazer para ele acreditar em mim?

daí eu me lembrei.

Eu tirei meu rosto de minhas mãos e olhei para ele, sem nem ligar se ele via ou não minhas lágrimas.

-Médico - eu disse.

-Sim - Jesse tinha tirado um lenço de algum lugar e o tinha me entregado, sua raiva parecia ter desaparecido - Deixe-me buscar um para você. Eu realmente acho, senhorita Suzannah, que mesmo com você dizendo o contrário, a senhorita não está muito bem...

-Não - eu tirei o lenço de vista impaciente - Não para mim. Você.

Um pequeno sorriso apareceu no canto de sua boca:

-Eu preciso de um médico? Eu lhe garanto senhorita Suzannah, eu nunca me senti melhor.

-Não - eu fiquei de pé. Era a primeira vez que eu tentava ficar de pé depois que ele me desamarrou, e posso afirmar que não estava muito firme.

Mesmo assim eu consegui me le vantar sem sua ajuda. Agora eu estava em sua frente, respirando com força - mas por emoção, não por exaustão.

-Um médico - eu disse, olhando em seu rosto confidente e preocupado. Ele era uns vinte centímetros mais alto do que eu, mas eu não liguei, continuei com o ego alto.

-Secretamente você quer ser um médico - eu disse - Você não pediu para ele, mas sabe que seu pai não iria deixar. Ele precisa que você tome conta do rancho, já que é o único homem. Eles não podiam ter você longe tempo suficiente para fazer a faculdade de

medicina.

Então alguma coisa aconteceu com o rosto de Jesse. O lapso de suspeita que tinha estado vendo em seu olhar desde que eu lhe mostrei o retrato desapareceu, e em seu lugar veio uma outra coisa...

Alguma coisa como vontade de saber.

-Como...? - Jesse olhou para mim com incredulidade. - Como você poderia...? Eu nunca contei isso para ninguém.

Eu estiquei um braço e segurei em sua mão... Eu fiquei chocado pelo quão quente ela sentia na minha. Todas aquelas vezes que Jesse tinha me segurado... Todas a vezes que ele tinha afastado meu cabelo e eu tinha imaginado seu calor... Agora eu sabia que não tinha sido real, aquele calor. Tinha sido tudo na minha cabeça. Este, este calor foi real. Essa mão era real. Os calos de trabalho que e u conhecia tão bem...Eles eram reais. O Jesse verdadeiro.

-Você me contou - eu disse para ele. - você me contou no futuro.

Jesse sacudiu a cabeça, mas não com força, só um pouquinho.

-Isso...Isso não é possível - ele disse.

É - eu disse - É sim. Você vê, o que vai acontecer hoje a noite é que Diego te matará. Mas só seu corpo morre, Jesse. Sua alma não vai a lugar algum, porque... Bem, porque eu acho que não era para

ter acontecido dessa forma.

Eu sei lá o que pra ele, ainda segurando sua mão.

- Eu achei que você devia continuar vivo. Mas você não continuou. Então sua alma andou por aí até o dia que eu cheguei, mais ou menos 150 anos depois. Eu sou o tipo de pessoa que ajuda... Bem, pessoas que morreram. Você me disse que queria ser um médico, Jesse. Você me disse isso no futuro. Acredita em mim agora? Você vai fazer o favor de ir embora e nunca mais voltar?

Jesse olhou pra nossa mão, junta, a minha tão pálida comparada com a dele, bronzeada. Ele não disse nada. O que ele podia falar, realmente? Então porque ele era esse, ele pensou em alguma coisa pra falar... A coisa certa a falar.

- Se você sabe de uma coisa como essa - ele disse, calmamente - Sobre eu querer ser médico - algo que eu nunca contei a Maria - ou À alguma pessoa viva - Então eu devo... Eu acho que devo... Acreditar em você.

-Então - eu disse - agora você sabe, você deve sair daqui, Jesse.

-Apenas suba no seu cavalo e vá embora.

-Eu irei - Ele disse, nós estávamos ali, tão próximos, tudo que ele deveria fazer ali, era sei lá o que, e segurar meu rosto com suas mãos. Mas ele não fez, claro.

Mas eu pude sentir o calor que vinha de suas mãos, não apenas da que eu segurava, mas de seu corpo inteiro. Ele estava tão vibrante? Tão vivo, que eu parei de sentir qualquer fio do cabelo na minh a cabeça, qualquer coisa em meu corpo. Eu o amava tanto, e ele nunca... Nunca saberá disso. Mas tudo bem. Porque ele poderia continuar vivo.

Mas não - Jesse disse, pegando minha mão de repente e se virando - hoje eu parei, sentindo como se tivesse sido ch utada. Alguma coisa que eu não entendi sobre o ar.

- Q... Que? - eu perguntei, estupidamente - Não o QUE?

E9FECEA9D3D8DBD342039404

E9FECEA9D3D8DBD342039404

-Hoje não - Jesse disse, apontando para as portas do celeiro, através da qual eu pude ver, as som bras tinham ido embora. O sol tinha ido, não havia mais sombras - Amanhã eu irei pra casa dos de Silva pra falar com Maria e o pai dela. Mas hoje não. Está ficando tarde. Tarde demais pra viajar. Eu vou ficar aqui hoje, e sair de manhã.

-Mas você não pode! - As palavras saíram do fundo da minha alma.

- Você precisa viver, Jesse, HOJE! Você não entende, é muito perigoso.

Um sorriso muito familiar apareceu em sua boca.

- Eu sei me cuidar sozinho, senhorita Suzannah - ele disse - Não estou com medo de Felix Diego.

Eu não podia acreditar no que estava acontecendo diante dos meus olhos.

-Bem, você deveria estar! - Eu gritei praticamente. - Considerando que ele mata você!

-Ah - Jesse disse - Mas se eu entendi bem, isso foi antes de você vir me avisar. . . o que eu agradeço a você.

Eu não podia acreditar como aquilo estava indo ruim.

-Jesse - Eu disse, fazendo uma última tentativa desesperada de convencê-lo. -Você não pode passar a noite nessa casa. Você entendeu?É muito perigoso.

Mas Jesse surpreendeu-me. Bem, por que não? Ele sempre surpreendia.

-Eu entendi - ele disse.

-Entendeu? - Eu perguntei para ele - Realmente? Então você irá?

-Não – disse - Eu não irei.

-Mas... - eu vou continuar aqui - ele disse, apontando o chão - Com você. Até amanhã.

Eu olhei pra ele.

-Aqui? Aqui? No celeiro?

- Com você - Jesse disse.

- Comigo?

- É - ele disse e eu levei todo esse tempo pra entender o que ele estava fazendo. Lá estava eu, 150 anos atrás, para protegê -lo, e ele estava tentando proteger a mim.

Isso era uma coisa que o Jesse faria que eu quase comecei a chorar. De verdade!

Mas só quase.

Porque sua próxima pergunta me distraiu.

-Eu tenho que perguntar...Por que? - seus olhos escuros vasculharam meu rosto.

-Por que o que? - eu murmurei, hipnotizada, como sempre, por seus olhos nos meus.

-Por que você fez isso... veio até aqui... para me avisar sobre Diego?

Porque eu te amo.

Quatro simples palavras. Quatro simples palavras que não tinha jeito de eu dizer. Não para esse Jesse, que tecnic amente era um estranho para mim. Ele já achava que eu era maluca. Eu não queria que as coisas ficassem ainda piores.

-Porque não foi certo o que aconteceu com você. Isso é tudo. - foi o que eu comecei a dizer, quando a voz de um homem chamou:

-Senhor de Silva?

E vamos apenas dizer que não era o Sr. O'Neil.

Capítulo 17

Eu senti meu sangue em minhas veias gelar.

Eu conhecia aquela voz. Eu a conhecia muito bem. O homem que a tinha já tinha tentado me matar uma vez.

-É ele! - eu sussurrei. Desnecessar iamente, já que é claro que ele sabia quem era.

Jesse se levantou e se moveu para longe das sombras. Ele me deu mais uma expressão de espanto. Eu fiquei aliviada em ver. Ele estava começando a acreditar em mim agora.

-Quem está aí? - Ele falou, levantando a lamparina e girando um botão que trocava a luz mais fraca para a mais forte.

O homem que estava lá embaixo, disse alguma coisa em espanhol que eu não entendi. Exceto as duas últimas palavras. E elas eram fáceis o bastante para eu decifrá -las.

Felix Diego.

É isso então, eu pensei. Não tem como voltar atrás.

Jesse disse alguma coisa em espanhol para Diego, quem respondeu em tons, mesmo que eu não pudesse entender o que ele falava, muito sedosos, mas que valiam a confiança. Ele parecia estar convidado o Jesse a fazer alguma coisa.

E jesse é claro, estava recusando o convite.

-Então? - eu sussurrei ansiosa quando a conversa finalmente terminou e eu ouvi Diego indo embora.

Jesse levantou uma mão, claro, não estava realmente convencido como eu que o homem tinha saído de verdade.

Então, enquanto a tarde se tornava noite e eu não podia mais ver além da lâmpada de gás que Jesse segurava, ele disse:

-Era Felix Diego. Ele disse que seu patrão - o pai de Maria - o

enviou para ver se eu tinha tudo que precisav a para ficar confortável e para me acompanhar no restante de minha viagem amanhã.

-O pai de Maria já tinha feito isso quando você veio visitá -la

antes?-eu perguntei.

-Não - foi a simples resposta do jesse.

-O que você disse para ele?

-Eu disse que estava bem - Jesse disse. Ele estava respondendo às

minhas perguntas, mas era claro por sua expressão que ele estava a

quilômetros de distância. Ele estava analisando o que eu tinha lhe

contado, e colocando junto com o que tinha acabado de presenciar. E

não estava gostando nem um pouco do resultado.

-Eu disse que eu ficaria aqui a noite inteira - ele continuou -

porque meu cavalo estava doente. Ele disse que meu cavalo lhe

parecia bem e me convidou para se juntar a ele lá fora para uma

garrafa de vinho...

-Eu prendi a respiração - Você não disse sim, disse?

- Claro que não - Pela primeira vez, jesse parecia me ver,

enquanto olhava pra mim - eu acho que você está certa. Acho que

ele realmente quer me matar.

Pelo menos, não até um segundo depois, quando ouvi passos se

aproximando. Pensando que Diego estava voltando, eu comecei a ir para a escada, pronta para arremessar a alma do cara de volta para o reino...

Mas Jesse entrou na minha frente, colocando o braço pra me impedir de chegar mais perto. E então eu percebi o que era que tinha nos seus olhos. Mas a pessoa que estava se aproximando não era Felix Diego.

-Ah, ótimo - Paul disse, quando ele finalmente entrou no celeiro e nos viu - Ah, isso é simplesmente ótimo. O que ele está fazendo aqui? - Paul estava olhando para Jesse, que correspondeu o olhar.

- Ele acabou de me achar, Paul - eu disse. E não mencionei a parte que fiz com que ele me achasse.

Paul fixou o olhar em Jesse. Se ele notou a diferença entre o Jesse fantasma e o Jesse vivo, ele não aparen tou. Jesse, por sua vez, apenas ignorou Paul e me perguntou:

- É ele? O cara que te amarrou? - Eu devia ter dito que não, claro. Eu devia ter previsto o que viria. Mas eu não pensei. Eu só falei:

- É, foi ele.

E foi só quando eu vi as mãos de Jesse se fecharem que percebi o que tinha feito.

-Não, espera! - eu comecei a gritar. Mas era tarde demais. Jesse já

tinha se lançado contra Paul, jogando -o no chão do celeiro, e fazendo tanto barulho que os cavalos começaram a pular e relinchar dentro

das suas celas - pare! - eu gritei, me jogando no chão tentando

separá-los.

Mas era como se eu estivesse tentando separar uma montanha. Paul,

pelo menos, não estava na luta como jesse estava, assim que pude

ouvi-lo gritando:

- Tire ele de cima de mim, Suze, tira ele de - Na ultima palavra,

Jesse se levantou, respirando dificilmente. Sua blusa desabotoou um

pouco no meio, e eu consegui ver alguma coisa. Era impossível,

mesmo vendo a gravidade da situação, não apreciá -lo.

Bem, - Paul disse, olhando intrigado - O que foi essa mudança de

sentimentos? Eu pensei que...

- Isso foi antes - eu disse.

-Antes do que? - Paul achou um pouco de terra no cabelo, e tirou de

lá.

- Antes de vê-lo - sem olhar pra nenhum dos dois. Paul não disse

nada, o que pra ele era estranho . Jesse, é claro, não sabia do que

nós estávamos falando. Ele ainda estava com raiva de Paul por ter

me amarrado

- Não sei se posso considerar normal o fato de no seu tempo, você

poder deixar uma mulher amarrada - Jesse disse, severamente - mas

nesse século, deixe-me te dizer que tal ato pode levar o cavalheiro à

cadeia - Jesse disse a palavra cavalheiro como se fosse a última coisa que ele esperasse de Paul. Paul apenas me olhou.

- Você sabe - ele disse - eu acho que prefiro o fantasma.

Eu achei que seria melhor mudar de assunto.

- Ele está aqui - disse para Paul - Felix Diego, quero dizer.

- Eu sei - Paul disse - eu o segui até aqui.

-Eu achei que você fosse dar um jeito nele!

- É, bem, eu não podia apenas chegar perto dele e tirar a sua alma

de lá na frente de todo mundo.

-Por que não?

-Porque eu teria levado um tiro, por isso.

-Mas você poderia simplesmente voltar pro futuro.

- Ah, e te deixar amarrada no celeiro da senhora O'Neil? Acho que

não. Eu tinha que voltar pra te salvar. - Deu uma olhada rápida pra

Jesse - eu não sabia, claro, que o príncipe charmoso teria chegado

antes e feito isso por mim.

- Então o que vamos fazer? - perguntei. Paul olhou pra jesse.

-Bem - ele disse - o que o homem maravilha quer fazer?

- Homem maravilha? - Jesse enviou um olhar ameaçador na direção

de Paul.

- Ele é meu amigo no futuro? - ele me perguntou.

-Não - eu disse pra Jesse. Para Paul eu disse, - Eu tentei convence-lo a ir embora, mas ele não quis ir.

Paul olhou para Jesse - Amigo - ele disse - Eu não estou te falando

isso porque eu gosto de você. Acredite. Mas se você ficar aqui, você

vai ser morto. Simples assim. Esse Diego? Ele significa negócio.

-Eu não tenho medo dele - Jesse disse, como se nós fossemos

cretinos por não acreditar nele.

-Viu o que eu quero dizer? - eu disse para Paul.

- Ótimo. - Paul se sentou, parecendo doído - Isso é ótimo. Então,

quando Diego aparecer e te matar, ele pode machucar a mim e a

você, também.

Eu abri minha boca pra dizer que isso não ia acontecer, mas jes se

interrompeu.

- Se você acha que eu vou deixá -la sozinha com você novamente -

ele disse, o olhar nunca saía de Paul - você realmente não me

conhece, nesse futuro que vocês falam.

Não se preocupe - Paul disse, levantando uma mão - Eu não vou

esperar mais nada de você, Jesse. Bom, está feito. - Paul se apoiou

no feno, achando uma posição mais confortável - Nós esperamos. E

se ele voltar, achando que você está dormindo e ele poderá fazer o trabalho dele, nós o pegaremos.

- Não – a mandíbula da Jesse se a pertou. Ele não aumentou a voz. Não de verdade. O tom dele estava duro - E cuidarei dele.

- Ah, sem ofensas - Paul disse - mas eu e suze, viemos para cá especialmente para -

- Eu disse que eu cuidarei dele - Jesse disse na mesma voz fria - aquela que eu descobri que Jesse só usa quando está realmente com raiva de alguma coisa - Sou eu quem ele quer. Sou eu quem vai pará-lo.

Paul e eu trocamos olhares. Então Paul suspirou, ergueu a manta de cavalo e colocou em cima do feno em um canto escuro do sótão.

- Muito bem - ele disse - Me acorde quando for a hora de se deslocar para a casa.

E pra minha surpresa, ele fechou os olhos e pareceu dormir.

Eu olhei pra Jesse e vi que ele estava olhando pra Paul com desprezo. Quando ele notou a direção do meu olhar, e le perguntou, com a voz menos dura do que antes - Vocês dois são amigos, de onde você veio?

- Hã, - eu disse - Não, na verdade. Somos tipo... Colegas. Nós dois temos o mesmo... Dom, espero que você chame assim.

- De viajar no tempo? - Jesse perguntou.

- É - eu disse - E... Outras coisas.

- E quando eu matar Diego - eu notei que ele não falou o “se” - você vai voltar pra onde você veio?

- É - eu disse, tentando não pensar em como aquele momento seria inacreditavelmente duro.

- E você quer me ajudar - Jesse disse, no mesmo tom que eu falava com ele – por quê...?

Eu percebi que não tinha respondido a sua pergunta da primeira vez que ele me perguntou. Pela luz fraca da lamparina, ele se virou pra ter certeza de que Diego realmente pensava que ele esta va dormindo, pra ele poder pagá -lo inconsciente - Jesse nunca tinha olhado tão bonito até então. Porque, claro, ele nunca esteve vivo das outras vezes que eu o vi. Seus olhos castanhos olhavam suavemente, os cilhos junto da escuridão faziam sombras no sótã o. Seus lábios - aqueles lábios que tinham me beijado sempre que eu queria, e, em todo o caso, nunca mais o fariam - parecendo totalmente simpática. Eu tinha que tirar meus olhos de lá e olhar para a mancha puída no joelho de minhas calças jeans.

- Porque é o que eu faço - eu disse, algo estava acontecendo em minha garganta, fazendo as palavras saírem mais rápido do que eu

queria que saíssem.

Eu tossi.

- E você faz isso - Jesse mencionava o negócio de voltar no tempo pra impedir os mortos de morrerem a ssassinados - pra todos aqueles que morrem antes do tempo?

-Hã, não exatamente - eu disse - O seu caso é um pouco... especial.

-E todas as garotas do seu tempo são - Jesse perguntou, sério, aparentemente sem notar o meu desconforto ou a minha fascinação pela boca dele - como você?

-Como eu? Como… se elas são mediadoras?

- Não. - Jesse balançou a cabeça - Sem medo, como você. Corajosas, como você.

Eu sorri. - Eu não sou corajosa, Jesse - eu disse.

- Você está aqui - ele disse, apontando para o chão - Mesmo sabendo - ou pensando que sabe - que uma coisa terrível vai acontecer.

- Bem, claro - eu disse - Porque essa é a razão pela qual eu estou aqui. Para ter certeza que isto não acontecerá. Embora, para ser sincera... - eu olhei de relance para Paul , no caso de - e ele provavelmente estava – ele estar ouvindo - na verdade eu vim para impedi-lo. Paul, quero dizer. De parar Diego. Porque você vê, se você não morrer hoje, você e eu - no futuro, de onde eu vim - nunca nos

conheceríamos. E eu não podia de ixar isso acontecer. E até você - no futuro - disse que não queria que isso acontecesse. Só que... Que... Aqui estou, deixando isso acontecer. Então você vê, eu não sou corajosa, de verdade.

Eu duvido que ele tenha entendido alguma coisa do que eu falei. Não importava. Era quase a desculpa que o Jesse que eu conheço e amo iria receber. E eu senti que lhe devia uma. Uma desculpa. Pelo que eu fiz. O que estaria destruindo tudo o que nós teríamos juntos.

- Eu penso que você está errada - Jesse disse. Sobre eu não ser corajosa.

Mas o que ele sabia sobre isso, afinal?

Eu apenas sorri.

E foi quando eu ouvi.

Capítulo 18

Não me pergunte como. Eu não nasci com nenhum superpoder para escutar. Eu simplesmente... Ouvi.

O rangido da porta do celeiro.

E jesse, recostado na escava, ficou paralisado. Ele também tinha ouvido. Um segundo depois eu vi Paul se sentar. Ele não tinha estado dormindo, de jeito nenhum!

Nós esperamos em um silêncio tenso, cada um de nós mal ousava

respirar.

Então eu ouvi um outro rangi do. Desta vez era uma bota em um

degrau da escada.

Diego. Tinha que ser. Diego estava vindo para matar Jesse.

Jesse deve ter percebido como eu estava nervosa, pois ele

levantou uma mão fazendo o sinal universal para "ficar". Ele queria que Paul e eu deixássemos Diego só para ele.

Sim. Tudo bem!

Então eu os vi... A cabeça e os ombros de Diego, aparecendo

maciçamente ao longo do celeiro escuro. Sua cabeça estava voltada

para a direção em que Jesse parecia estar dormindo, ele não via

nada além de Jesse.

Devagar, obviamente temendo acordar sua presa, Diego escalou

até o sótão, seus passos amaciados pela madeira bezinina. Enquanto

ele chegava mais e mais perto... Agora ele estava a 5 metros de

distância... Agora 4... Agora 3. Eu me preparei para levantar. Eu não

fazia idéia do que fazer para impedi -lo. Ele não era um cara pequeno, e eu não sou nenhuma faixa preta. Mas me "deslocar" realmente veio à cabeça.

Paul estava me segurando agora, na verdade estava segurando na

manga da minha jaqueta de motociclista, me impedindo de avançar,

para que Jesse pudesse ter uma chance de cuidar do problema ele

mesmo. Engraçado como nessa ocasião Paul estava do lado de Jesse,

coisa que ele nunca tinha feito antes.

Um metro... Diego estava agora a 1 metro do suposto corpo

dormindo de Jesse. Ele esticou a mão para pegar alguma coisa na

altura da cintura... No seu cinto. Eu vi o reflexo da sua "fivela"... A mesma fivela, que no meu tempo, tinha terminado de alguma

maneira no meu sótão...

Agora, Diego pegou seu cinto e segurou nas extremidades para

usar como um tipo de garrote, a voz de Jesse, fria e assegurada,

cortou o silêncio.

Em espanhol, ele disse alguma coisa em espanhol!

Por quê? Por que eu tinha escolhido francês em vez de espanhol?

Diego, pego totalmente fora de guard a, deu um passo para trás.

Eu não pude agüentar isso!

-O que ele disse? - eu perguntei ao Paul.

Paul, não parecendo muito feliz de bancar o tradutor disse:

-Ele disse “então é verdade?”, e agora cala a boca para que eu

possa escutar.

Diego se recuperou rapidamente. Ele não baixou a mão que

segurava seu cinto, em vez disso disse alguma coisa.

Em espanhol. Dessa vez, não precisou eu pedir ao Paul.

-Ele disse “então você sabe? Sim, é verdade, eu estou aqui para te

matar”.

Jesse disse mais alguma coisa, mas só o que entendi foi um nome.

-Ele disse:

-Maria te mandou?

Diego riu, depois concordou, então ele respirou fundo.

Eu acho que não gritei. Eu sei que suguei uma boa parte do ar, a que eu não usei quando ia gritar. Mas eu vi o que prendia a minha respiração. Porque Jesse, em vez de sair de onde Diego estava, como eu teria feito, se caso alguém viesse me matar.

Os dois homens rolaram perigosamente pelas bordas do celeiro, brigando. Era duro ver o que estava acontecendo naquela semi - escuridão, mas uma coisa era certa: Diego estava na vantagem.

Agora Paul e eu estávamos nas pontas dos pés, completamente despercebidos pelos dois homens que se espancavam pelo sótão. Eu tentei ir pra frente pra ajudar, mas de novo Paul não me deixou ir.

-É uma luta justa - ele disse pra mim.

Mas quando, um segundo depois, os dois homens se separaram, e Diego ficou quieto e deu uma bela risada, eu vi que não tinha nada de justo naquela luta. Porque de repente, o Digo mostrou uma faca. Ela brilhou quando a luz da lanterna bateu nela, ele começou a se sentar no chão a um dois passos dele.

Agora o ar em meus pulmões saíram em um disparo.

-Jesse - eu gritei - faca.

Diego se virou.

-Quem está aí? - ele perguntou em inglês.

A distração deu a Jesse tempo suficiente para que ele tirasse das suas botas a sua própria faca... A que ele usou para cortar as cordas que Paul me amarrou.

-Ok, aquilo é - eu disse quando eu vi isto -Alguém está indo pegá-lo...

-Que é o que nós queremos - Paul disse, mantendo mais firme o aperto em mim do que nunca. - Tanto tempo pra ver se esse é o cara certo.

Eu não poderia entender o que Paul estava fazendo, o que estava pensando. Jesse e Diego estavam rolando e se batendo pelos lados do sótão. Nós podíamos parar isto. Nos podíamos parar isto tão facilmente. Por que ele não estava...

Então me bateu. Paul estaria no lado de Diego? Isto seria algum tipo de plano estranho? Ele realmente foi procurar Diego durante o dia ou ele só tinha fingido que ia procurar, assim ele teria o prazer de ver Jesse morrer depois? Porque essa poderia ser a única razão que ele teria para o que estava fazendo - de forma que ele poderia assistir

Jesse morrer...

Eu me livrei dele.

-Você quer que Jesse morra - eu gritei pra ele - Você quer que isso aconteça?

Paul olhou para mim como se eu estivesse louca.

-Você está brincando? A única razão para eu estar aqui é impedir que isso aconteça.

-Então por que não está o ajudando?

-Eu não preciso - Jesse se lançou contra Diego quando ele ameaçou cair - ajudá-lo.

-Quem são essas pessoas? - Diego rosnou, se lançando contra Jesse de novo.

-Ninguém - Jesse disse. - Não preste atenção nelas. Isto é entre mim e você.

-Viu? - o Paul disse a mim, não sem um pouco de auto -confiança.

- Você está mais tranqüila?

Mas como eu poderia, qua ndo eu estava de pé lá assistindo o meu namorado - Certo, bem, não o meu namorado exatamente, contudo - em uma luta pela sua vida? E estava de pé lá, com meu coração na boca, quase sem respirar, assistindo aquela difícil luta com dois homens rolando um com o outro.

E então aconteceu. Diego inesperadamente passou por trás dele, e num estante agarrou com força...

Eu.

Eu fui pega totalmente fora de guarda, eu nem pude pensar. Tudo o que eu soube era que em um minuto eu estava lá parada próximo ao Paul, não podendo assistir o que estava acontecendo direito, eu estava tão assustada.

... e no outro, eu estava no meio disto, com um braço que esmagava minha garganta Diego me segurava na frente dele, a ponta da lâmina prateada no meu pescoço.

-Derrube a faca - ele disse a Jesse. Ele estava parado bem perto de mim, eu pude sentir a voz dele reverberando pelo seu corpo - Ou a garota morre.

Eu vi Jesse ficar branco. Mas ele não hesitou. Ele derrubou a faca dele.

Paul gritou: -Suze! Se Desloca!

Eu levei um segundo para entender o que ele quis dizer. Diego estava me tocando. Diego estava me tocando. Tudo oque eu tenho que fazer era imaginar o corredor que eu odiava tanto — aquela estação de passagem entre existências — e ele e eu seriamos transportados pra lá...

...e nós ficaríamos livres dele pra sempre

Mas antes que eu pudesse fechar meus olhos, Diego me lançou pra longe dele e se lançou contra Jesse. Eu tentei gritar quando eu caí, mas minha garganta estava tão dolorida por conta da força com que ele tinha me segurado, que nada saiu.

Eu não caí no sótão, porém. Ao invés, eu caí contra algo de metal — e de vidro. Algo que quebrou por causa do meu peso. Algo que caiu na palha em baixo de mim.

Algo que se transformou em chamas.

A lanterna. Eu tinha caído n a lanterna, e quebrado isto. E ateou fogo ao feno.

As chamas começaram mais depressa do que eu alguma vez imaginei que eles pudessem começar. De repente, eu estava separada dos outros por uma parede laranja. Eu poderia os ver se levantando no outro lado, Paul me encarava com puro horror, enquanto Jesse e Diego...

Bem, Jesse estava tentando impedir Diego de enfiar uma faca no coração dele.

-Paul - eu gritei - O ajude! Ajude Jesse!

Mas Paul estava lá parado olhando pra mim por alguma razão. Foi Jesse quem finalmente se livrou de Diego. Jesse que torceu o braço que segurava a faca, até que Diego, com um grito de dor, deixou que

ela caísse. E Jesse que esmurrou e empurrou Diego com tanta força que ele saiu rolando. Eu ouvi seu corpo batendo no chão do cel eiro, ouvi o inconfundível barulho de ossos quebrando...Ossos do pescoço quebrando.Os cavalos ouviram também. Eles relincharam ruidosamente e empurravam as portas do estábulo. Eles podiam sentir o cheiro de fumaça. Então percebi, os O'Neils também podiam. Ouvi gritos vindo do lado de for a do celeiro.

-Você conseguiu - eu gritei, olhando para Jesse ofegante, através do fogo e da fumaça - Você o matou!

-Suze - Paul ainda estava me encarando – Suze.

-Ele conseguiu, Paul - eu não podia acreditar - Ele vai viver - Disse para o Jesse, alegremente - Você vai viver!

Mas Jesse não parecia muito feliz com isso, Ele disse:

-Susannah, fique onde está.

Então eu vi o que ele queria dizer. O fogo tinha me separado completamente do resto do celeiro. Até do mezanino . Eu estava cercada por labaredas. E fumaça. A fumaça estava ficando tão grossa, que eu mal conseguia vê -los.

Nenhuma novidade, nenhuma maravilha Paul ter me olhando fixo daquele jeito. Eu estava cercada por fogo.

-Suze - Paul disse. Mas sua voz soava lo nge, fraca. Então ele

gritou: -Jesse, não...

Mas era tarde. Porque a próxima coisa que eu vi, era que um objeto veio através das chamas e bateu em mim, de fato, eu caí. Eu parei pra olhar um segundo e ver que o objeto era Jesse que estava enrolando o cobertor que eu tinha dormido na noite passada.

Um cobertor que estava se queimando agora.

-Venha - Jesse disse jogando o cobertor, então, ele puxou a minha mão e eu fiquei de pé de novo - Nós não temos muito tempo.

-Suze - Eu ouvi Paul gritar. Eu não podia vê-lo direito, a fumaça estava muito forte.

-Desça - Jesse gritou pra Paul - Desça e ajude os cavalos.

Paul pareceu não escutar.

-Suze - Ele gritou -Se desloca! Faça isso agora! É a sua única chance!

Jesse tinha voltado e estava chutando as tábuas de madeira que formavam a parede. As tábuas tremeram diante da agressão.

Deslocar? Minha mente parecia estar trabalhando muito pouco, talvez por causa da fumaça. Mas eu não poderia me deslocar dali mesmo assim. E Jesse? Eu Não podia deixar Jesse. Eu Não tin ha viajado 150 anos atrás para salvar Jesse do Diego e agora deixá -lo aqui para morrer queimado.

-Suze -Paul gritou mais uma vez - Se desloca. Eu vou fazer isso

também. Eu me encontro com você do outro lado!

Outro lado? O que ele estava falando? Ele esta va louco?

Ah, claro. Esse era o Paul, estávamos falando do PAUL. Claro que

ele era louco.

Eu ouvi um ruído elétrico. Então Jesse segurou a minha mão.

-Nós vamos ter que pular - Ele disse, o rosto dele muito perto do

meu. Eu senti algo fresco no meu rosto . Ar. Ar fresco. Eu girei minha cabeça e vi que Jesse estava indo pra fora por um buraco que ele

tinha feito nas tábuas. Era escuro ver Mas levantei a minha cabeça

um pouco para melhorar a sensação deliciosa do ar fresco, eu vi

estrelas no céu.

-Você me entende, Suzannah? - A face de Jesse estava muito perto

da minha. Perto o suficiente para me beijar. Por que ele não me

beija? - Nós iremos pular juntos, no três.

Eu senti que ele agarrou a minha cintura pra perto dele, Bem, o que

era melhor. Muito melhor p ara beijar...

-Um...

Eu podia sentir o seu coração bater forte ao encontro do meu.

Como isso era possível? O coração de Jesse parou de bater a 150

anos atrás.

-Dois...

As chamas quentes que pareciam o inferno. Eu estava muito quente. Por que ele não “se mexe” e me beija agora?

-Três...

E então nós estávamos voando pelo ar. Não por causa que ele estava me beijando. Eu vi. Não, porque nós estávamos mesmo voando pelo ar.

E como se a brisa gelada estivesse cobrindo a fumaça do meu cérebro. Eu vi o que estava acontecendo. Jesse e eu estávamos caindo no chão. O qual parecia Tão longe.

E então, eu fiz a única coisa que eu poderia fazer. Eu agarrei Jesse, fechei meus olhos, e pensei em casa.

Capítulo 19

Eu caí com muita força, todo o vento bateu em mim. Era como ser atirada de volta com uma gravata de ferro – o que de fato já havia acontecido a mim antes, assim eu soube. Eu caí lá, completamente atordoada, incapaz de respirar, incapaz de me mover, incapaz de fazer qualquer outra coisa além de sentir dor.

Então, lentamente, a consciência voltou. Eu podia mover minhas pernas. Era um bom sinal. Eu podia mover meus braços. Também bom. Respirando novamente – com dor, mas ali, nada a menos.

Então eu ouvi algo.

Grilos.

Não os relinchos agudos dos cavalos que pro testavam por estarem sendo arrastados para fora de suas celas pegando fogo. Não o barulho do fogo ao meu redor. Nem mesmo a minha respiração esforçada.

Mas grilos, gorjeando como se eles não tivessem nada melhor para fazer.

E eu vi minha casa.

Não a pensão da Sra. O' Neil, não mesmo. Mas minha casa. Eu estava no quintal. Eu poderia ver o deck que Andy tinha construído. Alguém tinha deixado as luzes da banheira quente acesas.

Casa. Eu estava em casa.

E estava viva. Mal, mas viva.

E eu não estava sozinha. De repente, alguém estava ajoelhando -se ao meu lado, estava bloqueando minha visão da piscina iluminada, e estava dizendo meu nome.

-Suze? Suze, você está bem?

Paul estava me puxando, me apertando nos lugares que doíam. Eu tentei afastar suas mãos, ma s ele não parou até que finalmente eu disse:

-Paul, me deixa!

-Você está bem - Ele se sentou na grama ao meu lado. Seu rosto pareceu pálido à luz do luar. E aliviado – Agradeça a Deus. Você não estava se mexendo antes.

-Eu estou bem – eu disse.

Lembrei-me então que eu não estava. Porque... Jesse... Eu tinha perdido Jesse. Nós tínhamos salvado ele, assim eu o perdi para sempre. A dor - uma dor muito mais terrível do que a que eu tinha sentido na aterrissagem no chão duro e frio – me prendeu como um torno.

Jesse. Ele tinha ido. Ido para um bom...

Exceto. . .

Mas se isso fosse verdade, como eu me lembraria dele?

Eu me apoiei em cima de meus cotovelos, ignorando a dor que estava sentido fazendo aquele esforço.

Foi quando eu o vi. Ele estava segurand o seu estômago na grama há uma distância de um pé, totalmente imóvel, totalmente não...

Entusiasmado.

Ele não estava entusiasmado.

Eu olhei Paul. Ele piscou para mim.

-Eu não sei - ele disse como se as palavras tivessem sido

espremidas nele - Tudo bem, Suze? Eu não sei como isso aconteceu. Vocês dois estavam aqui quando eu apareci. Eu não sei como isso aconteceu.

E então eu estava com as mão e os joelhos, rastejando sobre a grama até ele. Eu acho que estava chorando. Eu não tenho certeza. Tudo que eu sei, é que foi difícil ver tudo por um momento.

-Jesse! - Eu cheguei no seu lado.

Era ele. Era realmente ele! O Jesse real, o Jesse vivo.

A única coisa era que ele não pareceu muito vivo depois daquilo.

Eu me aproximei e chequei sua pulsação na garganta. Tinha uma - minha respiração travou quando eu senti - mais era fraca. Ele estava respirando, mais não muito bem. Eu estava com medo de tocar nele, com medo de movê-lo.

Mais com mais medo de não fazer.

-Jesse! - eu gritei, rolando e agitando ele pelos om bros - Jesse, sou eu, Suze! Acorde, Acorde, Jesse!

-Ele não está bem - Paul disse - Eu já tentei. Ele está aqui... Mas não está. Não realmente.

Eu tinha Jesse nos meus braços.

Eu o aninhei, olhando para ele. Na luz da lua, ele parecia morto.

Mais ele não estava. Não estava morto. Eu saberia se ele estivesse.

-Eu acho que nós o trouxemos para o futuro, Suze – Paul disse -

Não era pra você - não era pra você traze-lo para o futuro.

-Eu não quis dizer - eu disse. Minha voz estava tão fraca, que foi abafada praticamente pelos grilos - Eu não fiz isto de propósito.

-Eu sei - Paul disse – Mas... Eu penso que talvez você precise levá - lo de volta.

-O levar pra onde? - eu me enfureci. Agora minha voz era muito mais alta que os grilos. Na realidade, tão alta que os grilos foram assustados e ficaram em silêncio – Para o meio daquele fogo?

-Não - Paul disse - Eu só — eu só não penso que ele possa ficar aqui, Suze, e... Vivo.

Eu continuei a aninhar a cabeça de Jesse, pensando furiosamente. Isto não era justo. Ninguém tinha nos advertido sobre isto.

Dr. Slaski não tinha dito uma palavra. Tudo que ele disse era que devíamos imaginar em nossa cabeça o tempo em que queríamos estar, e...

E para não tocar em nada que você não quisesse trazer no tempo com você.

Eu gemi e virei minha face para Jesse. Era minha culpa. Era tudo minha culpa.

-Suze - Paul ergueu e colocou uma mão em meu ombro - Me deixe

tentar. Talvez eu possa leva -lo de volta...

-Você não pode - eu ergui minha cabeça, minha voz saiu fria como a lâmina que Diego tinha apertado na minha garganta - O matará. Ele não é como nós. Ele não é um mediador. Ele é... Ele é humano.

Paul balançou a cabeça dele.

-Talvez ele tivesse mesmo que morrer, então, Suze - ele disse - Como você disse. Talvez não seja certo nós desordenarmos a ordem natural das coisas, igual você me advertiu.

-Ótimo - eu deixei sair um pequeno riso amargo - Isso é realmente ótimo, Paul. Agora você concorda comigo?

O Paul apenas estava lá de pé, parecendo ansioso. Se eu tives se sido capaz de sentir qualquer coisa além de desespero, naquele ponto, eu o teria odiado.

Mas eu não podia. Eu não podia odiá -lo. Eu não podia pensar em nada a não ser Jesse. Eu não tinha, eu disse para mim mesma, salvado ele só para sentar e vê -lo morrer.

-Vá ao carro - eu disse com uma voz baixa - E dentro da casa abra a porta. Eles sempre esquecem de tranca -la. Pendurado em um gancho na porta está a chave do carro da minha mãe. Pegue -as e volte e me ajude a levar ele para o carro.

Paul me olhou como se eu fosse uma mulher louca.

-O carro? - ele disse - Você irá... Leva-lo para algum lugar?

-Sim, seu babaca, para o hospital.

-O hospital - Paul agitou a cabeça - Mas Suze...

-Só faça!

Paul fez. Eu sei que ele pensou que era inútil, mas ele fez. Ele pegou as chaves, voltou e me ajudou a carregar Jesse para o carro da minha mãe. Não foi fácil, mas entre nós dois, nós controlamos. Eu teria arrastado ele por todo o caminho se tivesse que fazer isso.

Então nós estávamos na estrada, Paul dirigia enquanto eu continuava mantendo a cabeça de Jesse nos meus braços. Eu não estava pensando que o que eu estava fazendo era fútil. Talvez, eu pensei, o hospital pudesse salva-lo. A medicina tinha feito tantos avanços nesses últimos 150 anos. Porque não poderia salvar u m homem que viajou no tempo, para outra dimensão? Porque não poderia?

Exceto que não poderia.

Oh, eles tentaram. No hospital. Eles vieram correndo para fora com uma maca quando Paul foi lá dentro lhes dizer que nós tínhamos um homem inconsciente no car ro. Colocaram em Jesse até uma máscara de oxigênio enquanto o doutor do quarto de emergência me interrogava. Tinha feito uso de drogas? Tinha bebido muito? Teve um ataque apopléctico? Uma dor de cabeça? Reclamou de dor em seu

braço?

Não tinha nenhuma explicação médica para o coma de Jesse. Foi o que o médico veio me dizer, horas depois.

Nada que ele pudesse determinar. Um CT scan poderia dizer mais.

Será que eu poderia saber que tipo de seguro Jesse tinha? Seu número de seguro social, talvez? O telefone de um parente próximo?

Às 6:00 da manhã, eles o aceitaram. Às 7:00, eu chamei minha mãe, e lhe falei onde eu estava - no hospital com um amigo. Às 8:00, eu telefonei para a única pessoa que eu achava que poderia ter alguma idéia do que fazer.

Padre Dominic tinha voltado de São Francisco na noite anterior. Ele escutou tudo o que eu tinha para dizer sem interromper:

- Padre Dominic, eu fiz... Eu acho que eu fiz algo terrível. Eu não queria, mas... Jesse está aqui. O Jesse verdadeiro. O vivo. Nós estamos no hospital. Por favor, venha.

Ele veio. Quando eu vi a sua alta, forte figura chegando perto do assento de plástico duro que eu fiquei sentada por horas, eu quase desmoronei por ali novamente.

Mas eu não fiz. Eu me levantei e, um segundo depois, estava n os braços dele.

-O que você fez? – ele murmurou - Ele não estava falando somente

comigo. Paul estava lá, também - O que vocês dois fizeram?

-Algo terrível - eu disse, erguendo minha face chorosa da camisa dele - Mas nós não queríamos isto.

-Nós estávamos tentando salva -lo - Paul disse embaraçado. A vida dele. Nós quase conseguimos...

-Até que eu o trouxe - eu disse - Oh, Padre Dominic...

Ele me deu tapinhas no ombro e entrou no quarto onde Jesse estava deitado, imóvel, a manta em cima dele se mexia com a sua leve respiração. Jesse fantasma, eu percebi agora, estava parecendo bem melhor - mais vivo - que Jesse vivo.

Padre Dominic fez o sinal da cruz nele mesmo, ele ficou assustado com o que viu. Uma enfermeira estava lá, tirando a pulsação de Jesse e escrevendo os resultados em uma prancheta. Ela sorriu tristemente quando viu Padre Dominic, então deixou o quarto.

Padre Dominic olhou.

Padre Dominic olhou para Jesse. Pela primeira vez, eu observei que as lentes de seus óculos estavam meio embaçadas.

Ele não disse nada.

-Eles querem saber que tipo de seguro ele tem - eu disse amargamente - antes deles fazerem mais testes.

-Eu...Vi - Padre Dominic disse.

-Eu não vejo que mais testes eles precisam fazer - Paul disse.

-Você não sabe - eu retruquei, amarrando a cara para Paul porque eu não podia amarrar a cara para a pessoa que realmente mereceu isto... Eu mesma - Talvez haja algo que eles possam fazer. Talvez haja...

-Seu avô não está em algum lugar por aqui? - Padre Dominic perguntou para Paul.

Paul ergueu o olhar dele do corpo inconsciente de Jesse.

-Sim - ele disse - Eu quero dizer, sim, senhor. Eu acho que sim.

-Talvez você devesse ir lhe fazer uma visita - a voz de Padre Dominic estava tranqüila. A pre sença dele, eu tinha que admitir, estava me acalmando - Se ele estiver consciente, talvez ele possa nos aconselhar.

O queixo de Paul caiu.

- Ele não falará comigo - Paul insistiu - Até mesmo se ele estiver acordado...

-Eu acho - Padre Dominic disse calmamente - que a lição que você aprendeu com tudo isto, é que a vida é curta e se houver coisas para serem consertadas, você tem que conserta -las depressa, antes que seja tarde demais. Vá e faça as pazes com seu avô.

O Paul abriu a boca dele pa ra protestar, mas Padre Dominic o

atirou um olhar que o manteu de boca fechada. Enviando -me um último olhar, Paul deixou o quarto, parecendo entristecido.

-Não fique muito chateada com ele, Susannah - Padre Dominic disse. -Ele pensou que estava fazen do o certo.

Eu estava muito cansada para discutir. Muito.

-Ele achou que estava me separando de Jesse - eu disse - Até mesmo da memória dele.

Padre Dominic encolheu os ombros - No fim, Susannah, isso não poderia ter sido mais favorável, você não acha? Mais favorável que isto, de qualquer maneira - Ele mostrou com a sua cabeça a forma inconsciente de Jesse. (acho que é isso)

Bem, era mesmo verdade.

-Ele teria que partir, de qualquer maneira, Susannah - Padre Dominic disse - Em algum dia.

-Eu sei - O nó em minha garganta se apertou.

Foi quando eu me lembrei. Houvera um fantasma na vida de Padre Dom, também. O fantasma de uma menina que ele tinha amado, talvez amado tanto quanto eu amei Jesse.

-EU... - Eu estava com dificuldade para falar, o caroço em minha garganta cresceu em proporções gigantescas - Eu sinto muito, Padre Dominic. Eu esqueci.

Padre Dom sorriu tristemente e segurou meu braço.

-Não seja muito dura com ele - ele disse, se referindo ao Paul.

Então, com um olhar final a Jesse, ele disse – Eu não acho que há muita coisa que se possa fazer. Mas a situação do seguro. Eu penso que posso cuidar disso. Eu logo voltarei. Eu posso trazer alguma coisa para você? Você comeu?

O pensamento de que alguma coisa pudesse passar por aquela massa gigante na minha garganta era tão absurdo, que ri um pouco.

-Não, obrigado - eu disse.

-Tudo bem - Padre Dominic começou a sair do quarto. Na entrada, porém, olhou para trás e disse:

-Eu sinto muito, Susannah - ele disse calmamente - Eu sinto muito por não estar lá quando... aconteceu. E sinto muito por tudo ter terminado desse jeito.

E com isso, ele saiu.

Eu fiquei um momento lá, não fazendo nada, não pensando em nada. Então o verdadeiro significado das p alavras dele começaram a penetrar.

E eu perdi.

Porque Padre Dominic tinha razão. Este era o fim. Eu poderia negar isto quantas vezes eu quisesse, mas a verdade era esta. Jesse estava

morrendo, diante de meus olhos, e não havia nada, nada que eu pudesse fazer por ele.

E era minha culpa. Minha própria culpa que ele estava me deixando. Seguramente, eu poderia me confortar que onde quer que ele esteja, teria que ser melhor do que a meia -vida que ele tinha tido comigo. Mas isso não fez doer menos.

Eu sentei na cadeira ao lado da cama do hospital de Jesse. Eu não podia ver, eu estava chorando. Não fora alto. Eu não queria que qualquer enfermeira viesse, correndo com um grupo de tranqüilizantes ou qualquer coisa. O que eu realmente queria, eu percebi, era minha mãe. Não, não minha mãe. Meu papai. Onde meu papai estava agora, quando eu realmente o precisava?

-Susannah.

Eu pensei na sepultura de Jesse, o a lápide que Padre Dominic e eu tínhamos pagado. O que tinha agora naquela sepul tura, se o corpo de Jesse estava aqui? Nada. Estava vazio.

Mas não por muito tempo. Não, não por muito tempo.

-Susannah.

E no próprio tempo dele? O que foi que Sr. e Sra. O'Neil estavam fazendo? Provavelmente varrendo as cinzas do celeiro de les. Eles achariam um esqueleto sem dúvida. Mas eles saberiam que não era

de Jesse? A família de Jesse deixaria pra lá ou procurariam saber o que tinha acontecido com o filho e irmão amado?

Não. Eles não tinham nenhuma maneira de saber que o corpo era de Diego. Eles pensariam que era de Jesse. Os de Silvas teria um funeral. Mas para o homem errado.

Eu senti uma mão em meu ombro. Ótimo. Alguém estava lá. Alguém estivera me vendo chorando. Legal. Deixe a menina ter um pequeno tempo para sofrer, e, por fav or, vá?

-Vá embora - eu murmurei, erguendo minha cabeça - Você não vê que eu estou...

Foi quando eu notei que a figura ao meu lado estava brilhando.

Capítulo 20

Eu devo ter saltado aproximadamente uma milha e meia, eu estava chocada. Eu sei qu e saltei da cadeira de um jeito, que ela quase caiu. Eu parei, meu coração batendo, meus olhos de repente se arregalaram e o olharam fixamente.

Porque parado ali do lado da cama, olhando pra baixo, para o corpo de Jesse, estava...

Jesse.

Eu olhei de um Jesse para o outro, não acreditando no que via.

Mas era verdade. Existiam dois Jesse, um morto e um vivo.

Ou, eu suponho que seja mais correto dizer um morto e um

morrendo.

-J-Jesse? - Eu enxuguei as lágrimas que escorriam pelas bochechas

com a manga da minha jaqueta.

Mas Jesse não olhava pra mim. Ele estava olhando pra baixo...

Bem, pra ele, sobre a cama.

-Suzannah - ele sussurrou - O que... O que você fez?

Eu estava muito alegre por vê -lo. Eu nem pensava direito. Eu fui até

ele e agarrei sua mão.

-Jesse, eu fui. Voltei no tempo, eu acho - eu disse.

Ele parou de olhar para o corpo dele que estava na cama e jogou

todo aquele olhar escuro em mim. O olhar não era muito agradável.

-Você voltou - Ele olhou ainda mais pra mim - Você foi depois do

Slater? Depois que eu disse a você que poderia tomar conta de mim

mesmo?

Ele estava furioso. Eu estava tão feliz por vê -lo furioso, tanto que, eu deixei que saísse um pouquinho da minha risada. Eu não percebi

então, vendo o que o corpo dele fazia aqui no hospital.

-Você tomou conta de você mesmo - Eu assegurei pra ele - Eu-eu

disse pra você - no passado - sobre Diego e ele não matou você,

Jesse. Você o matou. Mas então... Então... Havia fogo.

Eu engoli a seco, Não estava mais sentindo vontade de rir.

-No celeiro. O celeiro dos O'Neils.

Seus olhos estreitaram-se.

Eu assenti, o que eu podia fazer?

Ele balançou sua cabeça - E Paul? Eu fui até a Basílica para falar com ele, mas ele já tinha ido. Você o seguiu?

Eu assenti de novo.

-Eu queria impedi-lo - eu disse - De... De ele tentar manter você vivo. Mas no fim... Eu não pude, Jesse. Eu não estava certa. O que o Diego fez pra você. Eu Não podia deixar isso acontecer de novo. Então, eu alertei você. E você o matou. Você matou Diego. Mas daí começou o fogo... - E olhei para o corpo na cama - e agora, eu acho que é hora de dizer adeus. Desculpe -me, Jesse. Desculpe-me, me desculpe.

Eu queria começar a chorar de novo. Eu não podia acreditar em nada do que estava acontecendo. Eu sempre pensei no “Presente” como uma coisa ruim, mas nunca, nunca eu tinha odiado tanto o quanto eu o odiava agora. Eu desejei que eu nunca tivesse ouvido falar de mediadores. Eu desejei nunca ter visto um único fantasma. Eu desejei nunca ter nascido

Então eu senti a mão de Jesse no meu rosto .

-Mi Hermosa - ele disse.

Ele colocou sua outra mão na cama par equilibrar o peso, então ele se inclinou para me beijar. Um último beijo antes que ele fosse arrancado de mim pra sempre. Eu fechei meus olhos, antecipando a sensação maravilhosa daqueles l ábios se encontrando com os meus.

Adeus Jesse, adeus.

Sua boca mal tocou os meus lábios, entretanto, quando eu ouvi a sua respiração.

Ele afastou sua cabeça da minha e olhou pra baixo.

Sua mão tinha tocado nos tornozelos do corpo vivo.

Algo pareceu sacudir através do corpo dele, então. Ele pareceu mais brilhante por um segundo, seu olhar sobre os meus mais intenso do que nunca foi antes desde o tempo que eu o conhecia.

E então ele foi sugado pra dentro do próprio corpo, como o ar é sugado pelo ventilador.

E se foi.

Seu corpo ainda estava lá. Mas o fantasma de Jesse - O fantasma que eu amei- tinha ido. No seu lugar estava...

Nada. Eu apalpei o ar desesperada para ver se conseguia agarrar alguma parte dele. Mas minhas mãos sentiram só o ar.

Jesse tinha ido. Ido de verdade. Ele voltou pra dentro do corpo que

ele tinha deixado a tanto tempo atrás, como eu prestei atenção, o corpo tremia querendo rejeitar a alma.

Foi como a morte.

Eu soube o que estava acontecendo. O corpo de Jesse tinha vindo para o presente, sim. Mas não a alma dele, porque duas da mesma alma não podia existir na mesma dimensão. O corpo de Jesse estava sem uma alma e por muitos anos a alma de Jesse estava sem um corpo.

Enfim, agora, as duas se encontraram...

Mas era tarde. E agora eu estava perdendo os dois.

Eu Não sei quanto tempo eu fiquei ali parada, segurando a mão de Jesse, olhando pra ele no desespero total. O suficiente, eu sei, que padre Dominic voltou e disse:

-Não se preocupe Susannah, está tudo sobre controle. Jesse fará os exames que ele precisa.

-Não importa - eu murmurei, ainda segurando a mão de Jesse...

Aquela mão gelada.

-Não perca as esperanças, Susannah - Padre Dominic disse -

Nunca perca as esperanças.

Eu soltei uma risada amarga - E por que isso?

-Porque é tudo o que nós temos, você sabe - Ele colocou a mão em

meu ombro - Você fez o que fez porque o amava, Susannah. Você o amava o suficiente para deixa -lo ir. Não existe melhor presente que você poderia ter dado a ele.

Eu balancei minha cabeça, minha visão ain da estava embaçada por lágrimas.

- O que não vai acontecer, Padre Dominic.

-O que não vai acontecer, Susannah? – ele perguntou delicadamente.

-O provérbio. Se você ama algo, deixe -o ir. Se for para ser seu, ele voltará. Você não sabe? Você não leu?

Quando eu olhei para Padre Dominic para ver o que ele pensava disto, eu vi que ele nem mesmo estava me olhando. Estava olhando fixamente para Jesse na cama. Os olhos azuis de Padre Dominic, eu notei, estavam tão cheios de lágrimas quanto os meus próprios.

-Susannah – ele disse em uma voz estrangulada - Olhe.

Eu olhei. E quando eu movi minha cabeça, senti os dedos da mão que eu estava segurando de repente apertaram os meus.

Uma cor que antes não tinha estado apareceu na face de Jesse. A face dele não estava mais da cor de folhas de papel. A pele dele estava no mesmo tom de azeitona que eu tinha visto anteriormente, no celeiro dos O'Neils.

E isso não era tudo. O tórax dele estava subindo e descendo visivelmente agora em baixo da manta que o cobria. A pulsação corria visivelmente no seu pescoço.

E, quando eu estava lá de pé, o encarando, os olhos dele se abriram...

...E eu estava caindo, tão forte quanto eu fazia toda vez que ele olhava para mim, nas piscinas escuras e fundas que eram os olho s de Jesse... Olhos que pouco estavam me vendo, mas que me reconheceram. Reconheceram minha alma.

Ele ergueu a mão que eu não estava apertando, arrancou a máscara de oxigênio que estava cobrindo o seu nariz e falou, e disse uma única palavra.

Mas uma que palavra fez meu coração cantar.

-Hermosa.

Capítulo 20

-Suze!

Ouvi a voz da minha mãe me chamando do andar de baixo.

-Suze!

Eu estava sentada na minha penteadeira, admirando minha escova. CeeCee e eu tínhamos passado a tarde fazendo o cabe lo e as unhas. CeeCee não precisava de escova... Seu cabelo louro branco é

liso por ele mesmo. Mas ela fez um coque, e aí teve faniquitos a tarde toda, achando que não iria ficar firme.

Minha escova, entretanto, aparentemente tinha ficado boa, porque meu cabelo parecia tão escuro e sedoso quanto na hora que saí do salão.

-Suze! - minha mãe chamou pela terceira e última vez.

Dei uma olhada no relógio. E iria fazê -lo esperar por uns 5 minutos. Parecia tempo suficiente.

-Estou indo - gritei, pegando minha bolsa e a estola transparente que combinava com meu vestido.

Fui para a porta do meu quarto e abri.Cheguei ao topo da escada e estava quase descendo, quando sobe o jake, carregando uma pesada mochila, cheia de livros. Da biblioteca.

-O inferno congelou? - perguntei quando ele passava por mim, a caminho de seu quarto.

-Nem começa, estou em prova final - ele rosnou. Então, logo quando ele estava na porta de seu quarto, ele se virou e disse:

-Bonito vestido - e desapareceu nos confins da sua caverna de solteiro.

Não pude evitar de sorrir. Esse é o primeiro cumprimento que eu jamais esperaria receber do Jake.

Comecei a descer a escada, uma das mãos segurando a pontinha do meu vestido longo. Percebi que era a mesma escada na qual Sra O’Neil me perseguira, 150 e tal anos atrás. Me perguntei, se com minha figura atual, ela teria me confundido com uma prostituta. De alguma forma, duvidei disso.

É legal, pensei, que tenhamos uma escada como essa. Uma escada que uma garota realmente pode fazer uma entrada triunf al. Cheguei ao ultimo platô, que basicamente servia para garotas que estavam indo ao seu primeiro Baile formal de inverno, para mostrar seus vestidos para as pessoas esperando na sala de estar, então parei, me preparando para fazer exatamente isso.

Mas isso não aconteceu. Eu vi isso de primeira. Meu padrasto estava dando voltas correndo com uma colher com algo verde em cima, incitando todos que encontrou a provar, "só dar uma provadinha".

Minha mãe estava tentando configurar sua nova máquina digital, e não estava fazendo o melhor trabalho do mundo com ela. Meu meio - irmão mais novo, Dave, falava rapidamente sobre avanços novos na aeronáutica, que ele descobrira no Discovery Channel.

E o cachorro da família, Max, estava enterrando seu focinho nas calças do smoking do meu acompanhante.

Eu suponho que seja uma bela cena típica, que por certo acontece em milhares de lares de noite.

Então porque meus olhos saltaram quando vi tal cena?

Oh, não, não era Andy e sua colher, nem minha mãe e sua câmera, nem Dave e sua convicção de que alguém gostaria de ouvir o que ele viu no programa da televisão.

Não, era o fato que o cachorro da família continuava enfiando seu nariz em lugares inapropriados do meu acompanhante, que o fez tentar afastar Max pra longe, que fiz eram meus olhos saltar.

Porque Max podia cheirar meu acompanhante. Max podia, finalmente, cheirar Jesse.

David foi o primeiro a observar minha aterrissagem. Sua voz foi sumindo e ele ficou olhando fixamente para mim. Após um minuto, todos me olhavam fixamente.

Eu pisquei, especialmente quando Max enfiou sua cabeça embaixo das minhas saias.

-Ah suzinha! - minha mãe quase conseguiu, para a surpresa de todos... Especialmente para a dela mesmo... Tirar uma foto -Você está linda!

Andy, procurando uma outra vitima veio com sua colher para cima de mim, mas minha mãe não deixou.

-Andy, não chegue perto dela com essa coisa enquanto ela estiver com esse vestido - ela o avisou.

Aquilo me fez sorrir. Quando eu olhei para o jesse, vi que ele também estava sorrindo. um sorriso secreto, só para mim... Mesmo que agora, é claro, todo mundo podia vê -lo também.

Mas ainda me deixava sem fôlego, como sempre!

-Então - eu disse tão casualmente como eu pude com um nó na minha garganta. Mas esse ai era de felicidade - Vejo que vocês conheceram o Jesse.

Andy pulou a introdução indo para a cozinha com apenas duas palavras:

-Ele serve.

Já a minha mãe estava sendo...

-É um prazer te conhecer - ela disse para o Jesse - agora venham aqui embaixo que eu quero uma foto dos dois juntos.

Eu desci o resto das escadas e fui ficar do lado do Jesse em frente à lareira. Ele parecia tão alto e bonito em seu smoking, eu mal podia agüentar! Eu mal podia dar atenção ao meu meio -irmão que estava me zoando na frente dele. Eu acho que esse ti po de coisa realmente não importa quando você quase perdeu a razão da sua existência e a conseguiu de volta, contra tudo e todos.

-Isso é para você - Jesse disse quando eu cheguei perto o bastante.

Ele me entregou alguma coisa que tinha estado segurando. Era uma única orquídea branca, do tipo que você só vê em funerais, ou em túmulos.

Eu peguei na mão dele e dei um sorriso levinho. Só eu e ele sabíamos o significado disso. Para a minha mãe, que logo veio arrumar o meu vestido antes de tirar a foto, era a penas um presente de mau gosto.

-Agora diga X! - ela disse e tirou a foto, graças a Deus sem nos fazer dizer isso.

Andy saiu da cozinha, agora sem sua colher, e começou a olhar de um jeito paternal.

-Agora, você vai trazê-la de volta para casa á meia n oite, ouviu homenzinho? - ele disse, realmente gostando de ser pai de uma menina em vez de um menino para variar.

-Eu irei senhor! - Jesse respondeu.

-Uma - eu disse para o Andy.

-Meia noite e meia - Andy negociou.

-Meia noite e meia! - eu concordei. Eu tinha discutido apenas porque, bem, é isso que se faz. Não importava o horário que o Jesse

tinha que me trazer para casa. Não quando nós tínhamos todas as nossas vidas juntos pela frente.

-Suze - minha mãe sussurrou enquanto ela arrumava minha estola do vestido - Nós gostamos dele, não nos leve a mal. Mas ele não é, bem, um pouco velho de mais para você? Quer dizer, ele está na faculdade, da idade do Jake.

Ah se ela soubesse!

-Isso nos faz mais ou menos com a mesma maturidade - eu a assegurei - garotas amadurecem mais rápido que os meninos.

Brad escolheu àquela hora para chegar balançando da sala de TV, onde ele tinha estado jogando videogame. Quando ele viu que ainda estávamos no hall de entrada seu rosto se encheu de tédio.

-Vocês caras ainda não fo ram embora? - ele perguntou quando voltava da cozinha.

Eu olhei para a minha mãe.

-Sei o que você quer dizer - ela disse e acariciou as minhas costas. Tenham uma boa festa!

Indo pra fora, Jesse olhou sobre seus ombros para certificar de que meus pais não estavam vendo, então ele segurou a minha Mão.

-Entre fazer isto de novo e uma eternidade no inferno - ele disse - Eu prefiro o inferno.

-Bem, você nunca mais terá que fazer isso de novo - Eu disse sorrindo - Agora eles conhecem você. E mais, eles gosta ram de você.

-Sua mãe não - Jesse assegurou pra mim.

-Sim, ela gostou - eu disse - Ela só acha você um pouco velho pra mim.

-Se ela soubesse - Jesse disse, se expressando, como ele geralmente faz, exatamente o que eu estava pensando.

-Seu padrasto me convidou para jantar amanhã a noite.

-Jantar de domingo? - eu disse pasma - Ele realmente deve ter gostado de você.

Nós tínhamos chegado ao carro de Jesse - Bem, na verdade, era o carro do padre Dom. Mas o Padre D deixou Jesse usar para essa ocasião. Não, claro, que Jesse tinha licença para dirigir. Padre Dom estava trabalhando em dar uma certidão de nascimento... E um seguro social... E um cartão escola, assim ele poderia começar a fazer testes para a faculdade e para empréstimos, caso precisasse. Mas o Bom padre tinha nos assegurado que, não seria difícil.

-A igreja - ele disse - tem maneiras.

-Madame - Jesse disse, abrindo a porta dianteira pra mim.

-Obrigada - eu disse, e entrei.

Jesse deu a volta e entrou pela porta do motorista, então, colocou

a chave no contato.

-Você tem certeza de que sabe dirigir um desses? - Eu perguntei pra ele, só pra ter certeza.

-Susannah - Jesse ligou o carro - Eu não fiquei sentado comendo bombons por 150 anos quando eu era um fantasma. Eu fiz pequenas observações. E eu sei definitivamente - Ele começou a sair com o carro - Como dirigir.

-Ok. Apenas checando. Porque eu posso te dar uma mãozinha se você precisar.

Você ficará sentada aí onde você está - Jesse disse, fazendo uma curva na estrada da Pine Crest Road sem nem bater na caixinha de correio, que estava bem próxima, uma motorista com uma licença atual, era isso mesmo que estava parecendo - E linda, como uma senhorita.

-Espere, em que século nós estamos?

-Engraçadinha - ele disse, olhando irritadinho pra mim - Eu estou fazendo isso por você, usando esse terno de macaco.

-Pingüim.

-Suzannah.

-Eu só estou dizendo. Que é assim que é chamado. Você tem que ser manter atualizado para se adaptar melhor.

-Que seja - Jesse disse em uma perfeita imitação de - bem, de mim - que eu fui obrigada dar um leve tapinha em seu braço.

Sentada e olhando consideravelmente para o descanso inteiro do passeio de 2 milhas para a Missão. Quando nós chegamos lá, eu esperei Jesse dar a volta para abrir a porta do carro pra mim. Jesse me agradeceu, mencionando que o seu ego masculino tinha sofrido exames o suficiente na semana passada.

Eu sabia o que ele queria dizer e não o responsabilizei por se sentir daquela maneira. Ele basicamente foi carregado quase morto para o Hospital de Carmel, sem um passado, pelo menos não um que o ajudasse nesse século, sem família - exceto eu e o Padre Dominic - sem um centavo, senão fosse o Padre Dominic, de fato, O que será que teria acontecido? Oh, eu suponho que minha mãe e o Andy teriam que deixar Jesse viver conosco.

Mas eles provavelmente não seriam muito relevantes quanto a isso. Mas Padre Dominic tinha encontrado um pequeno - porém limpo e legal - apartamento e ele estava procurando um emprego. A faculdade viria depois, antes disse Jesse teria qu e estudar para o teste do SATS. Mas quando nós fomos até o Padre D. na entrada da danceteria - bem, era o pátio da Missão, que tinha sido transformado para a ocasião em um Oásis, com até pequenos raios de luz saindo

em três cores diferentes do meio de uma fonte - ele fingiu que ele e Jesse estavam se encontrando pela primeira vez, por causa da irmã Ernestine, que estava parada próximo deles.

-Um prazer conhecer você - Padre Dominic disse, apertando a mão de Jesse.

Jesse tentava manter um sorriso em seu ro sto.

- Eu digo o mesmo, Padre - Ele disse.

Depois que a Irmã Ernestine saiu e deu uma olhada para o meu vestido - Eu supus que ela estava esperando que eu estivesse usando um vestido com o umbigo de fora com uma baita aranhão e não o vestido branco de Jéssica MCClintock que eu estava usando - Padre D deixou de lado a façanha e disse para o Jesse:

-Eu tenho uma ótima notícia. Consegui um trabalho.

Jesse olhou excitado.

-Sério? Qual? Quando eu começo?

-Segunda de manhã, o salário não é muito, acho qu e você será realmente útil - falando sobre coisas velhas de Carmel no museu histórico da sociedade.

-Você acha que pode fazer isso por um tempo? Até conseguirmos uma universidade de medicina?

O sorriso forçado de Jesse - pra mim, em todo o caso - pareceu

mais brilhante do que a lua.

-Eu acho que sim - ele disse.

-Excelente - Padre Dominic empurrou os seus óculos que estava mais sobre o nariz do que os próprios olhos e sorriu pra nós - Tenham uma ótima noite, crianças.

Jesse e eu asseguramos que teríam os, então fomos dançar.

Não era nada do décimo século, mas estava muito agradável - tinha bolinhos e chaperones. E tudo bem, tinha um DJ e uma máquina de fumaça, o que quer que aquilo seja - Jesse pareceu estar aproveitando, especialmente quando CeeCee e Adam vieram até nós e ele no meio de toda aquela agitação, apertou a mão deles e disse:

-Eu ouvi falar muito sobre vocês dois.

Adam, que não tinha a mínima idéia sobre a existência de Jesse, se espantou.

-Eu Não Posso dizer o mesmo - ele disse.

Mas CeeCee, se virou com aquele vestido dela, pálida, quando ouviu eu falar o nome de Jesse, que era familiar, ou pelo menos amigável pra ela.

-M-mas - ela gaguejou, olhando pra cara de Jesse até a minha e voltando a falar novamente - E - Você não está...

-Não mais - eu disse pra ela, e ela me olhou confusa e depois

sorriu.

-Bem - ela disse. Então, ela falou mais alto - Bem!! Isso é maravilhoso!

Foi quando eu observei a sua tia próxima da gente, conversando com o Sr. Walden.

-O que ela faz aqui? - eu perguntei para CeeCee.

Adam sorriu e, antes que ela pudesse dizer uma palavra, ele explicou - Ela é a companhia do Sr Walden. E eu acho que eles estão, não é?

-Eles não estão - CeeCee insistiu - Eles são apenas amigos.

-Certo - Adam disse com um sorriso forç ado.

-Suze - CeeCee puxando o enxarpe dela que estava caindo dos seus ombros - Vamos até o banheiro comigo?

-Eu já volto - Eu disse para Jesse.

-Como - CeeCee começou logo que ela me arrastou para banheiro das senhoras.

Mas ela Não podia saber mais nad a, porque um bando de calouros se aglomeraram em frente aos espelhos que ficavam sobte a pia, checando seus cabelos.

-Eu contarei a você um dia - Eu disse pra ela sorrindo.

CeeCee animou a sua cara - Promete?

-Se você me contar como está indo com o Adam .

CeeCee olhou no espelho arrumando os seus cabelos.

-Sonho - ela disse. Então olhou pra mim - E pra você, também. Eu posso dizer pela sua cara.

-Sonho seria uma boa palavra pra isso - eu disse.

-Eu também acho. Bem, vamos. Não quero correr o risco do que Adam pode dizer a ele.

Nós nos viramos para a porta do banheiro e ela se abriu, e Kelly Prescott entrou. Ela me deu um olhar completamente irritado, e eu não entendi até ver quem estava vindo atrás dela, a irmã Ernestine, que estava segurando uma f ita métrica em suas mãos. Então eu vi o que estava acontecendo, o vestido de Kelly era bem menor do que o normal, era bem acima do joelho.

CeeCee e eu saímos passando pelo corredor e sentindo a brisinha que vinha perto das colunas de pedra.

Pelo menos, eu sentia a brisinha até ver Paul.

Ele estava parado olhando, muito bonito em seu smocking, provavelmente esperando Kelly, que devia estar sendo medida com a fita da Irmã Ernestine. Ele se endireitou quando me viu.

-Ah, diga a Jesse que eu voltarei logo, você diz, Cee? - Eu disse.

CeeCee assentiu e foi para a pista de dança. Eu andei até onde

Paul estava entre umas colunas de pedra, e disse:

-Olá.

Paul tirou a mão de seus bolsos.

– Olá - ele disse.

Então nem um de nós sabia o que dizer.

Finalmente, Paul disse - Eu encontrei Jesse lá fora.

Eu arregalei meus olhos - Eu encontrei Kelly lá dentro.

-Hum - Paul disse, olhando para a porta do banheiro das meninas.

Então ele disse:

-Eu... Meu avô perguntou de você.

-Sério? - Eu ouvi falar que o Dr. S laski tinha ido pra casa depois do Hospital - Ele está...

-Ele está melhor - Paul disse - Muito melhor. E... Você estava certa

sobre ele. Ele não é louco. Bem, ele é, mas não da maneira que eu

pensava. Ele sabe muita coisa sobre... Pessoas como nós.

-Sim - eu disse - Bem, mande um oi pra ele por mim.

-Eu direi - Paul olhou inacreditavelmente inconfortável pra mim. Eu

Não podia culpá-lo, sério. Era a primeira vez que nos ficávamos

sozinho desde o incêndio... e o hospital. Eu tinha o visto na escola na semana seguinte, mas parecia que ele fazia de tudo pra me evitar.

Ele estava indo pelos corredores e o que eu pensava sobre que ele

queria me evitar, pareceu se concretizar.

Mas ele não foi. Porque ele se virou e ele queria dizer mais alguma

coisa.

-Suze. Sobre... O que aconteceu...

Eu sorri pra ele.

-Está tudo bem, Paul - Eu disse - Eu já sei.

Paul olhou confuso.

-Sabe? Sabe o que?

-Sobre o dinheiro - eu disse - Os doze milhões de dólares que você

doou para os fundos da igreja, principalmente para o s Gutierres. Eles aceitaram e, de acordo com o Padre Dominic, eles ficaram muito

gratos.

-Oh - Paul disse. E ele ficou vermelho, sério - É. O que. O que eu ia

falar não era isso. O que eu ia falar é que... Você... Você estava

certa.

Eu pisquei pra ele.

-Eu estava? Sobre o que?

-Meu avô - ele limpou a sua garganta. Eu poderia dizer o quão

duro estava sendo pra ele admitir isto. E eu poderia dizer mais, que

ele necessitava dizer isso, muito estranho - Bem, não só sobre o meu

avô, mas sobre... Bem, tudo.

Eu arregalei meus olhos. Isso era bem mais do que eu podia

esperar.

-Tudo? - Eu ecoei, esperando que ele confirmasse pra ter certeza de que foi o que eu ouvi mesmo.

Ele concordou - sim, tudo.

-Tudo o que - eu tinha que ter certeza - Você e eu?

Ele assentiu, mas não muito feliz.

-Eu deveria ter conhecimento disto em todo o tempo - ele disse lentamente, como se as palavras começassem a sair forçadas - Como você se sente sobre ele, eu suponho. Você me disse vezes o suficiente. Mas isto não... Não foi re almente convincente naquela noite no celeiro, quando você... você disse pra ele. Porque nós estávamos lá. O fato de que você não queria deixar que ele morresse.

-Nós não precisamos falar sobre isso - Eu disse, porque pensar naquela noite deixava o meu pei to apertado - Sério.

-Não - Paul disse, os olhos azuis dele olharam pra mim - Você não entende. Eu preciso dizer. Eu nuca - Suze. Eu nunca senti algo assim por ninguém antes. Não até você, até você entrar no meio daquele fogo. Quando eu não fui salvar voc ê. Durante o fogo e tudo.

-Mas você foi ótimo depois de tudo - eu disse, esticando as minhas mãos até o ombro dele. Eu achei que ele precisava disso -Me

ajudando a levar o Jesse para o hospital e tudo.

Ele parecia mesmo inconformado - Não foi nada. O que Jesse fez - Pulando par tirar você do fogo - e ele mal conhecia você...

-Está tudo bem, Paul - eu disse - De verdade.

Ele parecia não acreditar – Verdade?

-Verdade - eu disse, e era verdade. Então eu virei para a porta do banheiro das meninas - Juntos, eu sempre achei que vocês dois são perfeitos, mudando de assunto.

-Sim - Paul disse, olhando pra mim - eu acho.

Então, para a minha surpresa, ele estendeu a sua mão direita.

-Sem ressentimentos, Simon?

Eu olhei para a mão dele. Parecia inacreditável, mas eu realmente não tinha nenhum. Sem ressentimentos entre nós, eu acho, Não agora, não mais.

Eu apertei a mão dele.

-Sem ressentimentos - eu disse.

Então a porta do banheiro se abriu e Kelly saiu, com o seu porte realmente alterado porque a Irmã Erne stine tinha esticado o seu vestido até os joelhos.

Kelly teve algumas coisas pra dizer enquanto se aproximava até onde nós estávamos.

-Mas pelo menos ela não te fez voltar pra casa e mudar de roupa - Eu interrompi a reclamação que ela estava fazendo.

Kelly apenas piscou pra mim.

-Quem é esse cara? - Ela quis saber.

Eu olhei sobre meu ombro. Jesse estava se aproximando até nós. Meu coração, como sempre quando eu o via, batia forte e parecia que ia sair do meu peito.

-Ah, ele? - Eu disse ocasionalmente - Aquele é apenas Jesse, Meu namorado.

Meu namorado. Meu namorado.

Os olhos de Kelly foram até os seus limites para ver Jesse vindo até onde nós estávamos parados. E pegou a minha mão.

-Paul - ele disse com um aceno.

-Olá, Jesse. - Paul disse, olhando inconfortável. Então, se lembrando de Kelly, ele a apresentou.

-É um grande prazer conhecer você - Jesse disse, apertando a mão de Kelly.

Ela, entretanto, pareceu levar um choque demorando pra responder do jeito que estava. ela estava apenas olhando p ra Jesse como se ela já o tivesse visto...

Bem, não como um fantasma, exatamente. Mais como alguma

coisa que ela não podia entender. Eu podia ver a vontade dela de querer entender. O que este cara está fazendo com a Suze Simon? Eu não sei bem se foi isso que ela pensou sobre ele... ou sobre mim.

Tentando não parecer muito convencida, eu peguei o braço de Jesse e disse:

-Bem, vejo vocês por aí e levei Jesse para a pista de dança.

-As coisas com Paul estão...? - Jesse arregalou os seus olhos escuros questionando o modo como eu levei os meus braços até o seu pescoço.

-Bem - eu disse.

-E você sabe porque...?

-Ele me disse.

-E você acreditou nele?

-Você sabe que? - eu levantei a minha cabeça dos ombros de Jesse que eu tinha encostado - Eu acredito.

-Eu vi - Jesse parado lá enquanto eu balançava com a música.

-Susannah? O que você está fazendo?

-Eu estou dançando com você.

Jesse olhou para os nossos pés, mas não pode ver então, porque o meu longo vestido os cobria.

-Eu Não sei dançar esta - ele disse

-É fácil - Eu disse. Eu tirei as minhas mãos do pescoço dele e levei suas mãos até a minha cintura. Então eu coloquei as minhas mãos de volta no seu pescoço - Agora balance.

Jesse começou.

-Veja - Eu disse. - Você está indo bem.

A voz de Jesse soou no meu ouvido um bocado forte - Como essa dança se chama? - ele perguntou.

-Lenta - Eu falei - É chamada de música lenta.

Jesse não disse muita coisa depois disso. Ele estava pegando realmente rápido os costumes sociais do século XXI.

Eu não sei quanto tempo depois disso eu levantei minha cabeça vi meu pai ali.

Dessa vez, eu não tomei um susto. Eu meio que estava esperando para vê-lo.

-Oi, querida. - ele falou.

Eu parei de dançar e falei pra Jesse:

-Você pode me dar licença um minuto? Tem alguém que eu tenho que, hum, trocar uma palavrinha.

Jesse sorriu.

-É claro.

Com meu coração inchando de adoração por ele, eu corri para detrás da palmeira que meu pai estava escondido.

-Ei - eu falei, meio ofegante -Você veio.

-É claro que eu vim. - Meu pai disse - A primeira dança verdadeira da minha garotinha? Você acha que eu iria perder?

-Não é por isso que eu estou feliz que você veio. - Eu falei, pegando sua mão. - Eu queria te agradecer.

-Me agradecer? - Meu pai pareceu confuso. - Por que?

-Pelo que você fez pelo Jesse.

-Pelo Jesse? - Aí que ele compreendeu, e soltou minha mão, me olhando envergonhado. - Ah, aquilo.

-Sim, aquilo. - Eu falei, apertando sua mão novamente. - Pai, Jesse me contou. Se você não tivesse feito ele ir ao hospital naquela hora, eu o teria perdido pra sempre.

-Bem, - ele falou, olhando como se quisesse estar em outro - qualquer outro - lugar. Na verdade, ele olhou... bem, como se estivesse em outro lugar. Ele estava bem menos luminoso que o normal.

-Quero dizer, você estava c horando. E me chamando. Enquanto você devia estar chamando Jesse.

-Eu achei que Jesse tinha ido, - Eu falei. - Então eu te chamei.

Porque você sempre está lá quando eu realmente preciso. E você esteve lá agora, de novo. Você o salvou, pai. E eu só queria que você soubesse o quanto isso me importa. Especialmente desde que eu sei que você não concordava com a minha ida - você sabe - em primeiro lugar.

Meu pai estendeu a mão para ajeitar a minha orquídea. Mas, por alguma razão, ao invés dele pegar a flor, se us dedos pareceram passar pela pétala de plástico. De repente, eu entendi o que estava acontecendo.

E não tinha nada que eu pudesse fazer, além de ficar lá, olhando para ele, com lágrimas se acumulando em meus olhos.

-É, me desculpe por aquilo. - Meu pai continuou, mencionando seu desacordo sobre eu voltar no tempo pra "salvar" Jesse. Ele estava crescendo psicologicamente na morte, e morrendo em cada palavra.

E não era só porque eu estava olhando para ele com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. -É só que se você tivesse voltado no tempo e salvado minha vida, isso seria como... Bem, como se eu tivesse morrido e estivesse vagando por esses 10 anos por nada.

-Não foi por nada, pai. - Eu falei, apertando sua mão com o máximo de força que eu podia, e enquanto eu apertava, eu a sentia indo embora. - Foi por Jesse. E por mim. E é por isso que você está

pronto para seguir em frente. Olhe para si mesmo.

Meu pai olhou para si e então para mim, claramente impressionado.

-Tá tudo bem, pai. - Eu falei, levantando minha mão livre para enxugar as lágrimas do meu rosto.

Era quase impossível vê-lo agora... Só um pouco de cor e luz, e uma leve pressão em minha mão. Mas eu posso falar que ele estava sorrindo. Sorrindo e chorando ao mesmo tempo. Exatamente como eu.

-Eu sentirei sua falta.

-Cuide de sua mãe por mim. - Ele falou rápido, como se estivesse com medo de ser arrancado dali antes de acabar de falar.

-Eu vou. - Eu prometi.

-E fique bem. - Ele falou.

-E eu não estou? - Eu falei, com minha voz tremendo.

E de repente, com um brilho, ele desapareceu.

Pra sempre.

Demorou muito tempo para que eu fosse até onde Jesse estava. Eu chorei muito ali, atrás das palmeiras, até reparar o estrago que isso causara em minha maquiagem, que estava em minha bolsa. Quando eu finalmente voltei para Jesse ele me olhou e sorriu.

-Ele se foi? - Ele perguntou.

-Ele se foi. - Eu falei automaticamente. Então eu percebi.

-Jesse... - Eu o encarei. - Você pode? Você...

-Vi você falando com seu pai há pouco tempo? - Ele falou, levantando um pouco as pontas dos lábios. - Sim.

-Então você pode... - Eu estava completamente chocada. - Você pode...

-Ver e falar com fantasmas? - Jesse sorriu, com o brilho da lua sobre ele. - Aparentemente sim. Por quê? Isso é um problema?

-Não. Exceto que... Você deve ser... - eu dificilmente podia acreditar no que eu estava falando. - Isso que dizer que você é um...

-Mi Hermosa, - Jesse disse, me puxando para perto dele. - Vamos dançar.

Mas eu estava muito confusa pra pensar em outra coisa. Jesse - Meu Jesse - não era mais um fantasma. Ele era um mediador.

Como eu.

-A única coisa que eu não consegui entender, - Jesse sussurrou, sua respiração em minha orelha - É porque isso o manteve aqui todo esse tempo.

Eu deslizei nos braços de Jesse, registrando, co nfusa, o que ele havia dito. Jesse é um mediador. Era a única coisa que eu conseguia

pensar. Jesse é um mediador agora.

-Seu pai. - Jesse falou. - Ele está partindo. Por que agora?

Eu pus meus braços em volta de seu pescoço. O que mais eu poderia fazer?

-Você realmente não sabe? - Eu o perguntei

Ele balançou a cabeça.

Eu sorri, porque eu me senti como se meu coração pudesse explodir de felicidade.

********** FIM – THE END **********

Obrigada por todos os que colaboraram para que e ssa tradução fosse possível, obrigada a todos pela ajuda e pelo incentivo.

Tradução feita por: Luísa, Gregory, Carolina, Karen, Renatinha, CαЯoℓiNα, Bia, Larissa, Flávia, Danniely, Anônimos, Yukie, Camila, Luísa Guerra, Fake, Carool e outros, posso ter e squecido alguém...

Criação de PDF: / Roberta Mix

Dowloads Mix